



Universidade Técnica de Lisboa

Faculdade de Arquitectura

Aldeia da Luz: O Passado e o Presente

Luís André Torres Pereira
(Licenciado)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador

Científico: Doutor Pedro Marques Abreu

Júri:

Presidente: Doutor Francisco Carlos Almeida do
Nascimento e Oliveira

Vogais:

Doutor António Pedro Moreira Pacheco
Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu

Lisboa, FAUTL, Dezembro de 2010



Universidade Técnica de Lisboa

Faculdade de Arquitectura

Título da Dissertação: Aldeia da Luz: o passado e o presente

Nome do Aluno: Luís André Torres Pereira
Contacto: Latpereira@gmail.com
Orientador: Prof. Pedro Marques de Abreu
Contacto: Pedro.marques.abreu@gmail.com
Mestrado: Arquitectura
Data: 28 Setembro 2010

Reflectindo sobre a insatisfação e sobre as alterações de comportamento que se verificaram nos habitantes da aldeia da Luz aquando da sua mudança para a nova aldeia, ponderámos se essa insatisfação poderia estar relacionada com a arquitectura do novo lugar. Partindo de um estudo levado a cabo na comunidade mineira de Arkwright, também ela forçada a uma mudança de morada, pode-se intuir que a arquitectura afecta, de facto, as vivências dos habitantes que nela moram, podendo levar à alteração dos seus comportamentos.

Ao contrário do que sucedeu no caso de Arkwright, contudo, a nova aldeia da Luz parece, à primeira vista, reproduzir os códigos da antiga. Esta reprodução permitiria, à partida, que os costumes e as vivências da comunidade da aldeia da Luz fossem mantidos na mudança do velho para o novo povoado. Uma vez que tal não sucedeu, procura-se nesta dissertação identificar quais os elementos e características arquitectónicas essenciais à vida na antiga aldeia da Luz, tentando descobrir posteriormente se esses traços se mantêm na nova aldeia, comparando-as. Tem-se como objectivo nesta comparação entre a velha e a nova aldeia da Luz descobrir se a nova aldeia consegue repropor correctamente os códigos do antigo povoado que à partida parece querer reproduzir, ao mesmo que se reflecte na importância destas características para a saúde mental dos habitantes e para o equilíbrio daquela comunidade.

Palavras-Chave: Aldeia da Luz, Psicologia do Ambiente, Genius Loci, Pattern Language



Universidade Técnica de Lisboa

Faculdade de Arquitectura

Title: Aldeia da Luz: o passado e o presente

Reflecting on the dissatisfaction and the behavioral changes verified on the inhabitants of the village of Luz upon their change to the new village, it was pondered if such dissatisfaction was related with the architecture of the new place.

Based on a study developed on the mining community of Arkwright, a community that was also forced to a change of dwelling, one can accept the idea that architecture affects, in fact, the life habits of its inhabitants, leading sometimes to changes in their behaviors.

Although unlike what happened in Arkwright town, the new village of Luz seems to, at a first glance, reproduce the codes of the old village. This reproduction, one would expect, allowed for the old habits and life of the community to be maintained in the new dwelling. Since that did not happen, this thesis tries to identify the elements and architectural characteristics essential to the life of the old village, trying at the same time to find out if such elements were maintained in the new village, comparing them.

The goal of the comparison between the old and the new village of Luz is to find out if the new one is able to propose correctly the codes of the old village that it appears to want to reproduce. At the same time, this thesis tries to reflect on the importance of said codes to the mental health of the village inhabitants and the balance of the community.

Key-Words: Aldeia da Luz, Alqueva, Genius Loci

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Pedro Marques de Abreu, orientador deste trabalho, cujo interesse demonstrado no tema proposto e consequente apoio e acompanhamento foram uma valiosa ajuda ao seu desenvolvimento.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer às professoras Manuela Mendes e Elisabete Freire pelo tempo dispensado e pela bibliografia aconselhada, cujo conhecimento foi crucial para o avançar da nossa investigação.

Gostaria de agradecer também ao Arquitecto José Cornélio da Silva, pelo confronto de ideias e pela disponibilização da sua biblioteca e espaço de trabalho nos últimos meses.

Agradeço também aos meus amigos Alexandre Álvaro, Eunice Ramos e Patrícia Esteves pelo constante acompanhamento ao longo do trabalho e pelo confronto de ideias sistemático que ajudou a clarificar vários dos aspectos mais complexos da investigação. A estes agradeço ainda a ajuda no trabalho de campo, assim como aos meus amigos Nuno Salgueiro e Daniela Ova, que me acompanharam e ajudaram nas medições e observação das aldeias tradicionais.

Por último, gostaria ainda de agradecer aos meus pais pela ajuda no trabalho de campo relacionado com a nova aldeia da Luz, assim como pela atenta leitura e revisão do texto que constitui este trabalho.

Índice

1 – Introdução	1
1.1 – Introdução	1
1.2 – Metodologia	9
1.3 - Estado da Arte	15
1.3.1 – O Caso de Arkwright	18
1.3.2 – Método de análise	25
1.3.3 – Caracterização das aldeias	28
2- Antiga aldeia da Luz	35
2.1 – História da aldeia da Luz	35
2.2 – Experiência do Lugar	41
2.3 – Caracterização das aldeias tradicionais alentejanas	61
3- Nova aldeia da Luz	91
3.1 – Caracterização da nova aldeia da Luz	91
4- Passado e Presente	113
4.1 – Comparação das aldeias tradicionais à nova aldeia da Luz	113
4.2 – Metodologia alternativa à construção da nova aldeia	135
4.2.1 – O método de Alexander (clínica californiana)	139
4.2.2 – O método de Alexander aplicado aos casos de mudança forçada de morada.	142
4.2.3 – Padrões da aldeia da Luz	143
4.2.4 – Conclusão do Capítulo	154
5 – Conclusão	157
6 – Bibliografia	159
7- Anexos	160

1.1 - Introdução

Quando visitámos pela primeira vez a nova aldeia da Luz, esta estava plenamente ocupada havia cerca de três anos; o velho povoado encontrava-se já submerso sem que alguma vez o tivéssemos visitado. Embora não existisse na nossa mente qualquer imagem concreta do novo povoado, a verdade é que, ludibriados pelo aspecto aparentemente tradicional das fachadas, uma vez no interior da aldeia, não deixámos de sentir um certo desconforto que não conseguimos explicar na altura. Vazia, a povoação parecia desprovida de vida e a sensação que connosco ficou foi de um silêncio incómodo.

À semelhança do que havíamos experienciado no local, era possível perceber, através dos vários artigos e notícias relacionados com a nova aldeia da Luz divulgados pelos meios de comunicação, que também a população daquela nova aldeia não se encontrava satisfeita com a nova morada, levando inclusivamente ao abandono da povoação por parte de alguns habitantes¹. O que nunca ficava claro através dessas notícias, referentes à nova aldeia da Luz, que à altura da mudança eram bastante frequentes, era exactamente qual o motivo específico deste descontentamento: seria ele derivado do processo de mudança forçado que obrigava os habitantes, de um momento para o outro, a terem que abandonar a sua aldeia, pela qual sentiam carinho e estavam emocionalmente ligados? Ou será que este teria sido mal conduzido pelas

¹ «Tida como aldeia-modelo com equipamentos colectivos de que muitas cidades de Portugal não dispunham, com o decorrer dos anos o novo aglomerado não conseguiu atrair novos moradores, nem ter um aumento demográfico. Francisco Oliveira, autarca local, diz que, pelas suas contas, quase 50 moradores já deixaram a terra, "fora os que já morreram", acrescenta.» In http://www.adurbem.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=471&Itemid=208 (data: 29 Julho 2010)

autoridades responsáveis? Seria ainda causado por um desagrado pelas novas habitações? Ou pela desilusão de não terem visto o desenvolvimento industrial e turístico da região que as promessas da barragem do Alqueva faziam prever?

Embora não tenhamos dúvidas que exista uma relação entre todos estes factores, e mesmo tendo conhecimento destas informações à altura da nossa primeira visita ao local (que ocorreu no início de 2007), sabemos que a estranheza sentida por nós em relação à nova aldeia da Luz teve grande contributo da arquitectura do lugar. Tal como sucedeu ao professor Pedro Abreu quando visitou pela primeira vez o Mosteiro de Santa Maria do Bouro, também nós não conseguimos deixar de emitir um juízo de valor espontâneo sobre a nova aldeia da Luz pela simples razão de que esta, por qualquer motivo na altura desconhecido, não se experienciava como uma aldeia alentejana tradicional, como de resto se esperava que fosse².

Integrada no tema *Estudos e Projectos em Arquitectura Vernácula Tradicional* proposto pelo professor Abreu, aquilo a que esta dissertação se propõe é a tentar identificar quais as razões do foro arquitectónico que impedem a nova aldeia da Luz de satisfazer a comunidade que a habita e de que forma estas afectam o comportamento da população. Por consequência desta razão, pretende-se ainda descobrir porque é que a nova aldeia da Luz não consegue transmitir a mesma sensação de estar numa povoação tradicional alentejana, apesar de

² “Não se previa que esta análise inicial da forma resultasse em juízos de valor – porque para ela não foram fornecidos critérios objectivos, uma vez que não se conheceu a arquitectura antes da intervenção recente (o que nos teria permitido comparar o antigo com o novo, de modo a verificar a sua compatibilidade). A emissão de juízo foi espontânea porque várias das situações arquitectónicas se apresentavam desconformes relativamente ao que seria de esperar.”
ABREU, Pedro Marques – *Palácios da Memória II a revelação da arquitectura*, Lisboa: FAUTL, 2007 , P. 19

tentar reproduzir algumas características desta, conforme iremos verificar. Por estas razões, focar-nos-emos apenas nos aspectos que dizem respeito à arquitectura do local e à psicologia do ambiente, abordando esporadicamente a história da povoação ou recorrendo às ciências sociais, quando necessário, para a compreensão do lugar.

Tem-se como objectivo identificar quais os elementos característicos das aldeias tradicionais alentejanas e que delas são exclusivos, criando-se uma imagem-tipo que poderia ter sido usada como referência na construção do novo povoado; pretende-se ainda, como consequência do primeiro objectivo, identificar na nova aldeia da Luz quais as subversões ao espaço que não lhe permitem uma comparação límpida com uma aldeia tradicional da região, impedindo-a de ser experienciada como tal.

Justificamos a pertinência desta dissertação pela necessidade de um método de projecto que, conseguindo edificar um novo povoado para albergar populações que se vêm obrigadas a abandonar a sua morada original, consiga fazê-lo de modo a respeitar os padrões vivenciais expressos pelos habitantes e estabelecidos ao longo das várias gerações que naquele local moraram, sem prescindir da necessária contemporaneidade da linguagem que, a não ser respeitada, poderia suscitar um sentimento de falsidade e pastiche, também ele, só por si, problemático. Pretende-se desta forma evitar, em situações futuras, uma ruptura na continuidade das vidas da população causada pela arquitectura do lugar, como a que parece ter ocorrido na aldeia da Luz e que se manifesta nas alterações de comportamento dos habitantes e na insatisfação sentida por estes para com a nova morada.

Para sustentarmos esta hipótese de que a arquitectura intervém na alteração dos hábitos de vida e dos padrões vivenciais que gerem uma comunidade, recorreremos ao caso de Arkwright. Este caso, tendo sido alvo de um estudo

levado a cabo por Gerda Speller no âmbito da disciplina da Psicologia do Ambiente, permite intuir que a alteração da forma arquitectónica na construção da nova vila de Arkwright terá modificado as vivências da população, fazendo com que os habitantes, à semelhança do que aconteceu na nova aldeia da Luz, se isolassem mais frequentemente nas suas casas e negligenciassem a vida de rua que mantinha viva a comunidade na velha aldeia³.

A obra de Speller é, de resto, essencial para que percebamos as consequências que um processo de transferência mal conduzido poderá ter, não só na população, como no próprio património arquitectónico de um lugar.

Uma vez que, conforme se pode intuir do caso de Arkwright, a arquitectura exerce um papel essencial na manutenção ou ruptura dos padrões de vida das populações, acreditamos que encontrar um processo arquitectónico que permita a preservação desses padrões é essencial para uma adaptação à nova morada mais fácil e confortável por parte dos habitantes. Para isso, é necessária uma compreensão precisa daquilo que é essencial ao lugar de origem, de forma a conseguir reproduzir fielmente e sem subversões as características que lhe são determinantes e que condicionam o comportamento das populações, mantendo não o aspecto meramente físico do edificado que vai ser abandonado, mas aquilo que lhe é intrínseco e exclusivo; por outras palavras, o seu espírito. Permanecendo o espírito, que em arquitectura é transmitido pela forma, permanecerão também os hábitos e as vivências da população que a ele apareciam associados, proporcionando um processo de transferência que acreditamos ser mais digno e respeitador para com os

³ SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000

habitantes e o património arquitectónico local de uma determinada região.

Embora as razões por nós enumeradas possam parecer vagas num trabalho que se apresenta com um caso de estudo tão específico como é o nosso, acreditamos que o método utilizado para a feitura desta dissertação (e que iremos expor detalhadamente mais adiante) é abrangente o suficiente para poder ser aplicado a outros casos de estudo semelhantes que impliquem a construção de um novo pólo de habitação para um conjunto de pessoas sujeitas a uma mudança forçada de morada como sucedeu na aldeia da Luz. Assim, e embora pouco se refiram outros casos de estudo nesta dissertação, o processo de identificação daquilo que é essencial a um determinado lugar, como aquele que levaremos a cabo relativamente à aldeia da Luz, é por si só, um exercício que consideramos obrigatório em qualquer trabalho na área de projecto, seja ele focado na reabilitação de uma pré-existência ou na construção de raiz de um qualquer edifício.

Por essa razão, através da definição do *Genius Loci* (espírito do lugar)⁴ e sua fiel observância na construção do novo povoado será possível conseguir uma mais correcta preservação daqueles que são hábitos culturais relevantes e essenciais à identidade de uma comunidade, perpetuando-os de forma viva ao invés de os limitar a algo como uma exposição de museu. O *Genius Loci*, segundo a definição romana original, é o espírito do lugar que impregna de vida as construções que nele são erigidas, moldando-as e depositando nelas a sua essência. Por essa razão, a arquitectura reflecte sempre o espaço natural em que se insere. Será através da definição do *Genius Loci* que conseguiremos perceber quais as características arquitectónicas que determinado lugar imprime nos

⁴ Veja-se a este respeito NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980

povoados que o compõem. Só através dessa análise nos é possível distinguir as características e os padrões definidores de determinado lugar e suas comunidades, e assim conseguir perceber quais os seus traços essenciais que deverão ser mantidos se o quisermos reproduzir correctamente.

O estudo do Genius Loci de determinado lugar é ainda crucial pelo que nos diz Christopher Alexander: não são os elementos arquitectónicos que criam as relações, são antes estes que são fruto delas⁵. É aliás este autor que propõe um método de projecto com base numa linguagem de padrões de relações que gerem o nosso quotidiano e pelas quais a arquitectura é moldada através das experiências das pessoas que a vão habitar (neste caso de estudo, os habitantes da nova aldeia da Luz). Esta ideia de padrões relacionais que nos são intrínsecos e que Christopher Alexander nos refere como modeladores da nossa realidade não são no fundo mais do que os hábitos e necessidades que, ganhando forma e repetindo-se ao longo dos séculos, terão guiado as comunidades a aperfeiçoar os seus povoados e a com eles estabelecerem uma relação de intimidade. Por outras palavras, essa repetição de padrões em que se baseia o método de Alexander não é mais do que a Tradição⁶. Por transformar as características essenciais dos povoados em padrões que formam uma linguagem que orienta todo o processo de construção, consideramos que o

⁵ “For it is not merely true that the relationships are attached to the elements: the fact is that the elements themselves are patterns of relationships” ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979, P. 88

⁶ “Of course the patterns vary from place to place, from culture to culture, from age to age; they are all man-made, they all depend on culture. But still, in every age and every place the structure of our world is given to it, essentially, by some collection of patterns which keeps on repeating over and over and over again. These patterns are not concrete elements, like brick and doors – they are much deeper and more fluid – and yet they are the solid substance, underneath the surface, out of which a building or a town is always made” ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979

método de projecto baseado nas *pattern languages* que Alexander nos propõe responde eficazmente à consideração no projecto da necessidade de manutenção das vivências num povoado feito de raiz que visa albergar comunidades forçadas a mudar de morada.

1.2 – Metodologia

Considerou-se como hipótese de estudo nesta dissertação que a angústia dos habitantes e as alterações dos padrões vivenciais que se verificaram após a mudança de morada no caso da nova aldeia da Luz estão relacionados com a forma arquitectónica do lugar, à semelhança do que aconteceu no caso de Arkwright estudado por Gerda Speller.

Contudo, enquanto neste último exemplo o isolamento dos habitantes advém da forma arquitectónica da nova vila ser totalmente diferente da original, na nova aldeia da Luz parece ter havido uma vontade de reprodução da estrutura e dos códigos presentes na antiga aldeia, o que, à partida, deveria prevenir a ruptura do estilo de vida da comunidade. Uma vez que, à semelhança do que sucedeu em Arkwright, também os habitantes na nova aldeia da Luz se parecem isolar no interior das suas habitações, pomos a hipótese de a nova aldeia da Luz não ter conseguido reproduzir os elementos essenciais do antigo povoado que permitiam a manutenção das vivências da comunidade. Assim, interessa perceber se a nova aldeia da Luz é de facto semelhante, ou não, à antiga.

A metodologia que rege esta dissertação tem como base o Processo de Leitura descrito pelo professor Pedro Marques de Abreu na sua tese de doutoramento; interessa-nos especialmente a forma como este é aplicado para aferir se as obras de restauro do Mosteiro de Santa Maria do Bouro haviam mantido aquilo que de essencial existia antes da intervenção, e que se encontra descrito na secção prática

desta tese⁷. Tal como Abreu nesse caso específico, também nós nos propusemos a estudar um processo de alteração a um caso de estudo que não conhecemos na sua forma original e que é agora impossível de visitar, tendo por isso que se recorrer a uma imagem aproximada de como seria esse objecto antes das alterações sofridas.

Para isso seria necessário analisar em detalhe alguns exemplos possíveis de serem experienciados na primeira pessoa e que com o caso de estudo original partilhassem o tema. A necessidade da experiência do lugar justifica-se com o rigor que esta confere à análise; se, eventualmente, nos limitássemos apenas a observar a antiga aldeia da Luz através de fotografias, além de não nos ser possível compreender a arquitectura do lugar porque lá não havíamos estado, o nosso juízo estaria obrigatoriamente toldado pela habilidade do fotógrafo ou pela qualidade da luz daquele dia, dando-nos uma imagem falsa da povoação. A experiência do lugar permite que não nos guiemos apenas pelos sentimentos que em nós são gerados após o contacto com o caso de estudo, complementando essa primeira observação com uma análise cuidada das causas dessas sensações, justificando-as e dissecando-as de modo a que possamos perceber de que modo estas operam no sujeito. Esta relação com base no sujeito é crucial para que se consiga compreender a arquitectura de determinado lugar e de que forma é que esta afecta os indivíduos que nela moram.

Uma vez que, conforme já referimos, nos encontrávamos impedidos de visitar a antiga aldeia da Luz, era necessário encontrar exemplos que partilhassem com ela as características que a tornam específica; em suma,

⁷ ABREU, Pedro Marques – *Palácios da Memória II a revelação da arquitectura*, Lisboa: FAUTL, 2007

que partilhassem com ela o “tema”⁸. Com base na localização da antiga aldeia da Luz, e através de documentos que se debruçavam sobre a vida e a forma do velho povoado, pôs-se como hipótese que este se inseria no tema das aldeias tradicionais alentejanas.

Com esta ideia em mente, tentou-se encontrar e definir um paradigma de aldeia tradicional alentejana da zona da peneplanície que reunisse em si as características essenciais partilhadas por este tipo de povoado. Uma vez que se tivesse encontrado este modelo, e após se comprovar que este partilhava de facto o tema com a antiga aldeia da Luz, seria possível compará-lo com a nova aldeia da Luz e perceber se algumas das razões que levavam os habitantes a não se relacionarem com o novo povoado, levando inclusivamente ao seu abandono por alguns, teriam como base razões do foro arquitectónico.

Com base em documentos consultados que se debruçavam sobre o tema da arquitectura vernácula em geral e da aldeia da Luz em particular, delimitou-se uma área de busca na peneplanície alentejana onde se

⁸ O conceito de *tema* que aqui referimos é o mesmo que o professor Pedro Abreu aborda na sua tese, onde o define. «“O que é que o edifício quer ser?” - era com esta pergunta que Louis Kahn iniciava o seu processo de projecto: o seu primeiro objectivo era determinar (...) aquilo que ele denominava “instituição humana” – com este conceito Kahn traduzia aquilo que nós pretendemos comunicar com o vocábulo “tema”. A “instituição humana” definia o tipo de experiência humana que os habitantes futuros da arquitectura em vias de ser construída, esperavam fazer dela; o tipo de movimentos, de sentimentos, de pensamentos que essa arquitectura deveria suscitar para que os seus utilizadores se sentissem acolhidos nela, na acção que nela deveriam praticar (o estudo numa escola, a liturgia numa igreja, o trabalho num escritório). (...) Também Panofski aborda a noção de “tema” – no estudo das artes plásticas – considerando-a como objecto de estudo da iconologia. Interessa-nos sublinhar que o tema arquitectónico, não sendo caracterizável formalmente, tem repercussões na forma arquitectónica. A “instituição humana”, enquanto modo de habitar, repercute-se na forma arquitectónica, definindo aspectos, às vezes muito discretos, que condicionam decisivamente a experiência de habitação de uma arquitectura.» ABREU, Pedro Marques – *Palácios da Memória II a revelação da arquitectura*, Lisboa: FAUTL, 2007, P. 45

procurariam exemplos de aldeias tradicionais alentejanas que partilhassem com a antiga povoação características semelhantes⁹. Depois da visita a algumas dessas aldeias¹⁰ e através da experiência na primeira pessoa do que é estar numa povoação alentejana e de vários levantamentos métricos e gráficos, cruzou-se a informação recolhida em campo com a documentação consultada. Reflectindo-se sobre os dados recolhidos, tentaram esboçar-se quais as características essenciais a este tipo de povoado. Desse esboço resultou o capítulo dedicado ao Genius Loci das aldeias alentejanas que viria ser a base desta dissertação e à qual todas as restantes secções estão intimamente ligadas.

Querendo-se este modelo isento de qualquer opinião pessoal que uma visita à nova aldeia da Luz pudesse provocar, a sua feitura foi levada a cabo antes de qualquer visita mais recente ao local do novo povoado.

Uma vez caracterizada a aldeia alentejana tradicional, compararam-se os resultados com os documentos que se referiam à antiga aldeia da Luz, de modo a comprovar se esta se tratava de facto de um exemplo de arquitectura tradicional alentejana.

Uma vez confirmada esta hipótese, e tendo agora modelos de comparação que representavam fielmente a velha aldeia da Luz, partiu-se de seguida para uma análise da nova aldeia; através de medições, desenhos e fotografias, comparou-se a informação por nós levantada com a pré-existente sobre a nova povoação, procurando criar uma descrição completa e detalhada da nova aldeia da Luz.

⁹ Os documentos consultados para esta pesquisa podem ser encontrados na secção dedicada à bibliografia consultada para esta dissertação e são esmiuçados em maior detalhe no capítulo Estado da Arte.

¹⁰ As aldeias e povoações visitadas foram Estrela, Mourão, S. Marcos do Campo, Campinho e Monsaraz.

Seguiu-se então uma comparação entre as características das aldeias tradicionais e as da nova aldeia da Luz, de modo a tentar explicar o porquê de a experiência de uma e de outra serem tão diferentes, apesar de a nova aldeia da Luz tentar emular a aparência de uma povoação de origem vernácula alentejana. O objectivo desta comparação passava também por descobrir quais os elementos em falta na nova aldeia que impediam que as vivências presentes no velho povoado não fossem agora praticadas, o que levava à insatisfação da população.

Esta comparação baseia-se nas características observadas e analisadas em cada um dos casos, sustentando-se ainda na experiência de cada lugar por nós levada a cabo. Procurou-se nesta comparação identificar as alterações a que os vários componentes que constituem as aldeias tradicionais alentejanas foram submetidos na construção do novo povoado, de modo a tentar explicar a disparidade entre a experiência de estar num lugar ou no outro. Através desta análise foi possível perceber quais os elementos e relações na nova aldeia da Luz que apresentavam subversões quando comparados com os modelos originais das aldeias de origem tradicional da região.

Uma vez identificadas as razões pelas quais a nova aldeia da Luz não se habita como uma aldeia tradicional alentejana (ao contrário do que se poderia esperar, uma vez que se verificava uma vontade reprodução dos códigos e da estrutura da antiga aldeia no novo povoado) e percebidos os motivos pelos quais isto não acontece, é possível estabelecer alguns métodos de projecto e de construção que respeitem e preservem o Genius Loci do lugar anteriormente definido, mantendo desse modo os padrões vivenciais que sustentavam a comunidade na antiga aldeia da Luz.

Assim, terminamos esta dissertação com a descrição e análise do método de projecto proposto por Christopher Alexander baseado na linguagem das *pattern languages*. Após a adaptação deste método aos casos de mudança forçada de morada, demonstramos a sua aplicação ao caso da nova aldeia da Luz, enumerando os padrões que deveriam ter guiado a construção do novo povoado e verificando quais os que foram, ou não, mantidos, descrevendo-os brevemente.

1.3 - Estado da Arte

De modo a elaborar esta dissertação, partimos de vários documentos que nos permitiam demonstrar o desagrado dos habitantes e demais indivíduos com a nova aldeia da Luz. Desta categoria de documentos, onde se inserem desde artigos de jornal a um documentário sobre a mudança de aldeia, destacaremos dois dos mais importantes de modo a podermos demonstrar que a nossa sensação de estranheza para com o novo povoado não foi isolada.

Posteriormente, e de forma a poder justificar que a nossa sensação de estranheza era de natureza arquitectónica, consultaram-se documentos na área da Psicologia do Ambiente, focando-nos num estudo que se debruça sobre a vila mineira de Arkwright, onde um processo de mudança forçada de morada semelhante ao da aldeia da Luz teve lugar.

Em paralelo com os documentos relativos à Psicologia do Ambiente, consultou-se também a obra de Christopher Alexander referente às *pattern languages*, relacionando este método de projecto com a temática da categoria anterior.

Ainda no campo da teoria, consultaram-se outras obras que nos permitiram elaborar um método de análise das aldeias com base na experiência do lugar, orientando-nos na nossa comparação entre a antiga e a nova aldeia da Luz.

Por último, consultaram-se ainda documentos de carácter científico relativos às aldeias alentejanas tradicionais e ao ambiente onde estas se inserem. Os documentos desta categoria dividem-se essencialmente em dois tipos: em primeiro lugar, sob a forma de levantamentos de aldeias tradicionais onde se apontam quais as

características essenciais deste tipo de povoado. Em segundo, as obras na área de geografia que nos permitiram compreender o ambiente onde esses povoados se inserem e de que modo este interfere na sua forma arquitectónica.

Antes de nos debruçarmos sobre as obras e documentos que nos permitiram desenhar a imagem de uma aldeia alentejana tradicional, que constituem o grosso da nossa investigação, deveremos fazer uma referência aos documentos que nos revelam a apreensão para com a nova aldeia sentida não só pelos seus habitantes, mas também pelos que a visitam sem nela morarem, como é o nosso caso.

Apesar de algo sensacionalista e parcial, o estudo levado a cabo por Carlos da Luz e editado sob o título *Requiem pela Aldeia da Luz: Subsídios para a Denúncia de um Etnocídio Planeado*¹¹, é sintomático desta revolta manifestada pelos habitantes da Luz que nos chegou até nós primeiramente através dos jornais e noticiários televisivos que, à altura da mudança para a nova aldeia, relatavam o processo quase diariamente. Embora não recorramos nunca a este documento na nossa dissertação por não considerarmos que o seu conteúdo seja bem sustentando para que possamos usá-lo seguramente, não podemos deixar de o referir, mesmo que apenas como exemplo para demonstrar a onda de insatisfação que a mudança forçada para a nova aldeia provocou e que, cremos, ajuda a justificar a pertinência do nosso trabalho.

Ainda que, à semelhança com o documento anterior, o documentário filmado por Catarina Mourão, *A minha aldeia já não mora aqui*¹², possa ser encarado como

¹¹ LUZ, Carlos da – Requiem pela aldeia da Luz: Subsídios para a denúncia de um etnocídio planeado, Aljezur: Suledita, 2000

¹² MOURÃO, Catarina – A minha aldeia já não mora aqui, Portugal, 2006

um símbolo da insatisfação sentida pela população com a nova aldeia, este vai mais longe; o documentário é-nos mais útil na medida em que vemos os habitantes relatando directamente aquilo que na nova aldeia, segundo eles, não respeita os seus hábitos quotidianos ou as suas vivências mais essenciais a que estavam habituados no antigo povoado. Além de permitir ver sem filtros alguns dos costumes particulares àquela população na velha aldeia antes da mudança, o documentário expõe ainda alguns momentos chave do processo de abandono do antigo povoado que ilustram aquilo que se havia já lido sobre o tema, clarificando-o. Por último, o vídeo enquadra várias ruas do antigo povoado, sendo por isso uma fonte de imagens que ajudaram à caracterização do Genius Loci das aldeias alentejanas, ao mesmo tempo que nele integra mais fortemente a aldeia da Luz, foco principal da nossa dissertação.

Devemos contudo notar que, apesar de ambos estes documentos registarem a insatisfação da população com o novo povoado, nenhum deles a relaciona directa e conscientemente com a arquitectura do lugar. De modo a sustentar esta hipótese de que a arquitectura influencia directamente o comportamento das comunidades, conceito que rege toda a nossa dissertação, teremos que recorrer à Psicologia do Ambiente. Com essa finalidade, analisámos dois documentos da autoria de Gerda Speller.

Estes dois documentos são cruciais para justificar a pertinência da nossa dissertação, pois são eles que provam cientificamente que as características arquitectónicas de um determinado lugar intervêm directamente no comportamento dos indivíduos que nele habitam; sem esta base, não seria possível justificar a abordagem puramente arquitectónica à nova aldeia da Luz que aqui propomos para explicar porque razão esta não parece satisfazer a sua comunidade.

O primeiro desses documentos, *A importância da vinculação ao Lugar*¹³, estabelece alguns princípios básicos para que se possa abordar o tema da mudança forçada de morada, cruzando referências entre vários autores de referência nesta área de estudo. Este documento é importante sobretudo porque enumera algumas consequências que uma mudança forçada de morada pode provocar na comunidade. Além disso, não podíamos ignorar que várias das alterações estruturais levadas a cabo na nova aldeia provocam consequências directas no plano social da aldeia, pelo que nos foi importante consultar este documento.

O segundo documento de Gerda Speller, elaborado em conjunto com Lyons Evanthia e Clare Twigger-Ross, *A community in transition: the relationship between spatial change and identity*¹⁴, é bem mais específico na sua área de estudo e mais importante para nós. Debruçando-se sobre a comunidade mineira de Arkwright, que se vê obrigada a abandonar a antiga aldeia onde habitava, este estudo documentará, através de entrevistas directas aos habitantes espalhados por um período de vários anos após a mudança, as alterações no comportamento dos habitantes ao longo do tempo e a forma como a arquitectura da nova povoação para isso contribuiu. Por ser um documento basilar na nossa dissertação, estender-nos-emos um pouco mais sobre ele.

1.3.1 - O Caso de Arkwright

Neste estudo procurou-se perceber qual a relevância de dois dos quatro princípios motivacionais citados por

¹³ SPELLER, Gerda M. – *Capítulo 5 – A importância da vinculação ao Lugar*, in Contextos Humanos e Psicologia Ambiental, Lisboa: Fundação Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2005

¹⁴ SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000

Breakwell numa situação de mudança radical para o indivíduo, a saber: distinção (*distinctiveness*) e continuidade (*continuity*)¹⁵.

Refere-nos este artigo, citando Fromkin, que uma excessiva sensação de similaridade com outra pessoa provoca no Eu um efeito negativo derivado da falta de traços que o individualizem¹⁶, referindo ainda, citando novamente Breakwell, que esta mesma identidade do Eu pode incluir ainda aspectos que o identifiquem não só como indivíduo, mas como membro de um grupo¹⁷. Esta distinção pessoal precisa contudo de ser projectada e visível a terceiros, não bastando o reconhecimento individual de que “se é”, é preciso que outros o reconheçam igualmente¹⁸. Quanto à sensação de continuidade, esta não implica a ausência total de mudança, mas antes uma ligação coesa entre o passado, o presente e o futuro inerentes à identidade¹⁹.

¹⁵ Os outros dois termos citados de Breakwell que não são explorados no artigo são: auto-estima (self-esteem) e capacidade pessoal (self-efficacy).

¹⁶ “Other evidence for distinctiveness is outside the context of groups. For example (...) the negative effect on mood of the belief that one is very similar to other people (Fromkin, 1972)” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000, P. 3

¹⁷ “An individual’s identity may include, as valued aspects of self, both group distinctiveness and individual distinctiveness (Breakwell, 1972)” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000, P.3

¹⁸ “Individuals must Project a sense of distinctiveness to others, rather than simply develop and value it within themselves (Vignoles, Chrysochoou & Breakwell, 2000)” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000, P.3

¹⁹ “Continuity involves not the complete absence of change but some connections between the past, the present and the future within identity” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and*

Tendo definido estes dois conceitos, o estudo descrito neste artigo propõe-se a investigar, num espaço temporal de seis anos, os períodos em que estes surgem mais ou menos evidentes. Para isso, levaram-se a cabo várias entrevistas a vários habitantes de Arkwright em diferentes alturas da investigação, relacionando as várias respostas no tempo de forma a perceber a evolução do comportamento da população.

Antes de estabelecermos um paralelo entre os resultados obtidos nesta investigação em Arkwright e o caso da aldeia da Luz que pretendemos estudar, é preciso, contudo, distinguir o motivo da migração: enquanto no primeiro caso a mobilização se deveu a um risco natural inesperado que punha em causa a vida dos habitantes e que por isso obrigava à sua evacuação, no caso da aldeia da Luz a razão para a mudança da população é mais intrincada. A criação do grande lago do Alqueva, que obrigaria à mudança da população da antiga aldeia para novas instalações, foi criado por mão humana, tendo na sua génese uma vontade de progresso para a zona do Alentejo que incluía também a população da Luz nos seus planos. Esta possibilidade não foi desdenhada pelos habitantes da aldeia, que se viram assim colocados na posição difícil de terem que abandonar o seu lar para conseguirem aceder a uma nova vida. A origem da mudança no caso da aldeia da Luz é por isso mais complexa que a de Arkwright e menos linear, pesando essa bagagem na forma como os próprios habitantes irão encarar a nova morada.

Posto isto, existiu por parte dos habitantes de Arkwright, após a mudança de morada, uma experiência de alteração do estilo de vida, passando de uma realidade

edificada de carácter de operariado para uma de classe-média²⁰.

No caso de Arkwright, esta diferenciação manifestou-se formalmente na substituição das duas filas de blocos habitacionais que compunham a velha vila pelas casas em banda que se apresentam na nova. Na velha Arkwright as casas, além de terem um carácter de edifício comunitário, davam directamente para a rua, permitindo um convívio diário entre todos os habitantes que era vital ao funcionamento daquela comunidade mineira. Dizem-nos Speller, Evanthia e Twigger-Ross no seu estudo que esta vivência de rua que reforçava a vida comunitária era principalmente possível devido à malha compacta da antiga vila, que permitia encontros frequentes entre os vários habitantes.²¹ Por outro lado, na nova Arkwright, as casas em banda, cada uma com um jardim individual a enfeitar a entrada para a habitação, quebraram esta vivência de rua, fazendo com que os habitantes se refugassem mais frequentemente no interior das suas moradas.

A população de Arkwright parece ter sentido também que o ambiente da nova vila representava uma realidade económica e social à qual não pertenciam anteriormente e à qual não estavam habituados. A esta diferente realidade económica não é alheia a mudança na forma do edificado, que por representar uma tipologia típica de casa de subúrbio

²⁰ “Villagers described the change as moving from a working class to a middle class environment” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000P.3

²¹ “The compactness of old Arkwright ensured frequent interactions with people. (...) there were many comments about the lack of interaction with others [in the new village], simply not seeing people anymore, hence it represented a discontinuity of the previous way of life.” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000, P.5



Figura 1 (autor desconhecido) – Velha Arkwright



Figura 2 (autor desconhecido) – Nova Arkwright

com jardim, é relacionada com um estilo de vida que não era o dos habitantes de Arkwright na antiga vila. Terá sido essa alteração que levou a comunidade a comporta-se de maneira diferente do que na antiga vila.

As casas da nova Arkwright, independentes entre si, mas semelhantes em aspecto, fizeram ainda com que no seio da população começasse a surgir a necessidade de diferenciação entre indivíduos, sentimento até então não experimentado pela população. A homogeneidade das novas habitações agravou esta situação, pois impedia essa distinção aos olhos dos habitantes. Por este motivo, começaram a surgir nas casas de Arkwright ornamentos que nada tinham a ver com as construções originais. Os habitantes, que até então não haviam sentido a necessidade de se distinguir, encontravam-se agora aparentemente em competição uns com os outros através da apresentação das suas casas.²²

Esta necessidade de diferenciação verificou-se também na nova aldeia da Luz, de modo relativamente semelhante²³.

²² “Sadie (...) emphasized the lack of overt individual distinctiveness. She had only recently moved into old Arkwright and appreciated that “everybody is the same, it doesn’t matter what you’ve got, they don’t want to know. It’s lovely.” [Later] she commented on the change from collective to individual distinctiveness: “In the old village, nobody seemed to feel the need to make the outside different from other houses but now everybody wants to outdo their neighbors!” SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000, P.4

²³ “Uma das explicações para o que se está a passar pode relacionar-se com uma tentativa de repor o estatuto social existente no velho aglomerado, que irá ser submerso pelas águas da barragem de Alqueva. A melhoria substancial das novas habitações destinadas aos habitantes mais carenciados relativamente às antigas suscitou algum mal-estar no estrato mais desafogado da comunidade. Ou seja, deu-se uma perda de estatuto de algumas famílias e a conseqüente valorização de outras com menos condições económicas” in Público (http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/descaracterizacao-da-aldeia-da-luz-ja-comecou_197150) (Data: 14 de Julho de 2010)

De maneira a distinguirem-se uns dos outros, também os luzenses começaram a adornar as fachadas das suas casas na nova aldeia da Luz. Para esse fim, recorreram a materiais quase sempre de produção industrial e sem qualquer relação com a localidade onde se encontravam. Apesar de também se encontrarem vestígios deste fenómeno em algumas aldeias tradicionais alentejanas, incluindo a antiga aldeia da Luz, tanto em Arkwright como na nova aldeia da Luz essas alterações parecem tornar-se uma necessidade vital por parte dos habitantes após a mudança para a nova morada.²⁴

Esta alteração de comportamento presente nos dois casos representa um esforço por parte das populações de se integrarem na nova realidade em que se vêem agora inseridas, sendo as alterações de comportamento tão radicais quanto a quebra que separa as duas realidades arquitectónicas.

Sendo a mudança de realidades no caso de Arkwright e no caso da Luz tão semelhante, essas alterações comportamentais vão ser igualmente parecidas: tanto num caso como no outro essa adaptação parece envolver o recolhimento das pessoas na sua própria casa, passando os habitantes a levar uma vida mais individualizada e abandonando o estilo de vida comunitário que se fazia sentir nas moradas originais.

Conseguimos perceber através destes exemplos que os habitantes de Arkwright e da Luz terão reagido de forma semelhante à mudança que foram obrigados a efectuar. A alteração do estilo de vida imposto pelas novas habitações terá criado uma descontinuidade no quotidiano de ambas as

²⁴ “A grande preocupação da população residente não está apenas na forma da casa ou nas suas características morfológicas, mas também no facto de “a minha casa ser igual à dos outros”. REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 107

populações, obrigando-as, conforme já foi referido, a alterarem os seus hábitos mais enraizados. Em suma, tanto a continuidade como a distinção individual necessárias à sanidade mental de cada habitante parecem ser atacadas pela construção do novo povoado destinado a abrigá-los.²⁵

Porém, e como dizíamos no início deste capítulo, a antiga aldeia da Luz, tratando-se de um exemplo de arquitectura vernácula alentejana, terá sido criada pela sobreposição de padrões de vida das várias gerações que ali habitaram, tendo atingido no final uma forma que se adequava às vivências daquela população; uma nova aldeia para a população da Luz deveria por isso ter respeitado estes padrões que apenas a população seria capaz de transmitir.

De modo a compreendermos melhor qual a importância dos padrões que gerem as comunidades, foi consultado o livro de Christopher Alexander, *The timeless way of building*²⁶. Esta obra foi crucial para que se conseguisse definir o termo “padrão vivencial”, ajudando-nos igualmente a compreender de que modo estes padrões afectam as comunidades. Desta obra retiramos ainda a base de toda a nossa proposta para a criação de raiz de um povoado que visa alojar uma comunidade que se vê obrigada a sair da sua morada, mantendo as vivências de

²⁵ No filme de Catarina Mourão, “A minha aldeia já não mora aqui”, é possível testemunhar-se uma destas situações em particular; um habitante queixa-se a um dos funcionários encarregues de ajudar à mudança que o seu frigorífico não cabe no espaço que a nova casa lhe reservou; in MOURÃO, Catarina – *A minha aldeia já não mora aqui*, Portugal, 2006

“A descaracterização das casas recém-construídas, autorizada pela EDIA ou feita pelos habitantes por sua conta e risco, à revelia do respectivo plano de pormenor - que tem força legal - leva o arquitecto responsável pelo projecto (...) a falar em "abuso" e em "oportunismo". In Público (http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/descaracterizacao-da-aldeia-da-luz-ja-comecou_197150) (Data: 13 de Julho 2010)

²⁶ ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979

uma população que já terá os seus padrões quotidianos bem definidos e cuja identidade já está solidamente construída.

1.3.2 – Método de Análise

Tendo estabelecido as bases teóricas da nossa investigação, e partindo para a caracterização da antiga aldeia da Luz, começaremos por abordar a tese de doutoramento do professor Pedro Marques de Abreu, *Palácios da Memória II – A Revelação da Arquitectura*²⁷, não porque no seu conteúdo exista alguma referência à aldeia da Luz ou às aldeias alentejanas em geral, mas porque, conforme já tivemos oportunidade de descrever, é no seu método de análise do Mosteiro de Santa Maria do Bouro que a metodologia desta dissertação se baseia.

Não é demais recordar que, não tendo tido a oportunidade de visitar a agora submersa aldeia da Luz, era necessário encontrar uma forma de conseguir aferir, por comparação, se a nova aldeia da Luz respeitava de alguma forma os padrões da antiga. O trabalho do professor Abreu é neste ponto particularmente útil para nós, visto que, tendo-se confrontado com o mesmo obstáculo que nos era desde logo colocado, o transpõe propondo um método de comparação com uma imagem daquilo que seria o Mosteiro de Nossa Senhora do Bouro antes do restauro que, segundo o próprio, o descaracterizara. Para a criação dessa imagem procuraram-se vários edifícios que se sabia serem do mesmo período histórico e que haviam sido construídos com os mesmos ideais e objectivos que o mosteiro de Nossa Senhora do Bouro, manifestando-se conseqüentemente essas semelhanças na forma final das várias construções. Em suma, edifícios que partilhassem com o mosteiro o mesmo *tema*. Recorrendo a esse conjunto de casos de

²⁷ ABREU, Pedro Marques – *Palácios da Memória II a revelação da arquitectura*, Lisboa: FAUTL, 2007

estudo, seria possível recriar de forma rigorosa a experiência semelhante à de se estar no mosteiro de Nossa Senhora do Bouro antes da intervenção.

Procurou-se também verificar se as características desse modelo temático do mosteiro de Nossa Senhora do Bouro correspondiam à documentação existente do mosteiro antes da intervenção de restauro, consultando-se para isso fotografias e descrições do edifício que o retratavam nesse período.

Uma vez que também nós, tal como o professor Abreu, nos deparámos inicialmente com aquilo que criamos ser uma descaracterização de uma aldeia alentejana, e visto que também nós não havíamos visitado a antiga aldeia da Luz para que uma comparação directa pudesse ser levada a cabo, o método proposto neste trabalho é de importância basilar para a nossa dissertação, sustentando e organizando todo o nosso processo de trabalho.

De modo a tentar descobrir um tema arquitectónico que englobasse a antiga aldeia da Luz, consultaram-se vários documentos que a ela diziam respeito directamente, descrevendo-a e documentando-a com fotografias. Entre as várias obras consultadas, encontramos na tese de Maria Alçada Cardoso, *Aldeia da Luz: Memória de uma identidade*²⁸, um importante apanhado da história da antiga aldeia que nos permite tomar conhecimento das origens daquela aldeia. Apesar de se focar principalmente na igreja matriz e no seu papel na génese e manutenção da identidade do povoado, a tese de Maria Alçada Cardoso aborda, embora superficialmente, o na altura ainda futuro processo de mudança para a nova aldeia e o risco que esta, se mal conduzida, poderia representar para a identidade daquele lugar e daquela população. São contudo os factos

²⁸ CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996

recolhidos sobre o antigo povoado que verdadeiramente nos interessam neste trabalho. Para além de diversas referências à origem e desenvolvimento da antiga aldeia da Luz, encontram-se incluídos na tese de Maria Alçada Cardoso alguns levantamentos gráficos que foram úteis no início da investigação para melhor conseguir perceber o aspecto das ruas daquele povoado e que ajudaram a fazer a triagem na busca por outros lugares que com o nosso caso de estudo pudessem ter semelhanças.

Apesar da presença de vários documentos gráficos sobre a antiga aldeia, a tese de Maria Alçada Cardoso não continha em si muita descrição escrita que nos pudesse elucidar convenientemente sobre o estilo de vida da população ou que descrevesse em pormenor e elaborasse sobre alguns detalhes na construção do povoado que os desenhos deixavam em dúvida. A tese de João Pedro Reino, *Casa, Terra e Comunidade na Aldeia da Luz*²⁹, vem colmatar essa escassa informação com uma comparação que, apesar de não ser exaustiva, ilustra eficazmente a relação entre o estilo de vida dos habitantes e a forma como a casa reflecte as suas vivências. Sendo um trabalho de enfoque sociológico, encontramos ainda neste documento uma reflexão sobre a forma como a mudança terá afectado directamente a população da aldeia da Luz; algumas das alterações nas vivências dos habitantes, aponta-nos João Pedro Reino, terão sido consequência directa da construção das novas habitações, tema que nos interessava claramente analisar.

Ainda da mesma natureza que os dois últimos trabalhos nomeados, mas de forma um pouco mais abrangente e menos focada, o livro *Museu da Luz, Aldeia da*

²⁹ REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002

*Luz*³⁰, editado pela EDIA e produto de vários autores, aborda um pouco de tudo relacionado com a aldeia da Luz, nova ou velha; abarcando uma cronologia temporal da região desde os períodos pré-históricos até à contemporaneidade, encontram-se documentados neste livro vários textos que abordam as origens da aldeia, a mudança para o novo povoado e o estilo de vida dos habitantes, antes, depois e durante a mudança para a nova aldeia da Luz. Apesar de não ser um trabalho muito focado nas características arquitectónicas da aldeia, completa capazmente o conhecimento adquirido nos outros títulos já nomeados e sustenta-os mais firmemente. Do mesmo modo, embora mais relacionado com o processo de mudança e com a criação do pólo da Igreja/Cemitério/Museu existente no novo povoado, também o texto de Clara Saraiva, *Um museu debaixo de água*³¹, descreve detalhes pontuais que ajudam a completar a pesquisa efectuada e de que os outros títulos nomeados constituem o núcleo duro.

Todos estes documentos ofereciam pedaços de informação que, juntos, permitiam criar uma imagem do antigo povoado e relacioná-lo com as aldeias tradicionais alentejanas, encontrando-se assim o tema arquitectónico onde a antiga aldeia da Luz se inseria. Encontrado o tema, foi-nos possível visitar várias povoações da região e experienciá-las na primeira pessoa, procedendo deste modo à caracterização das aldeias tradicionais alentejanas e revelando o seu Genius Loci.

1.3.3 – Caracterização das aldeias

Essa caracterização do Genius Loci foi obviamente orientada em grande parte pelo livro de Christian Norberg-

³⁰ PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003

³¹ SARAIVA, Clara – *Um museu debaixo de água: o caso da Luz*, etnográfica, 2007

Schulz, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*³², apoiando-se na experiência fenomenológica do lugar como ponto de partida para a descrição e construção da imagem tipo de uma aldeia alentejana, incluindo nela as características da antiga aldeia da Luz que seriam depois comparadas com a nova aldeia por nós visitada. Guiando-nos através de diversos exemplos práticos, Norberg-Schulz permitiu-nos clarificar a nossa visão sobre a paisagem alentejana e suas construções características dando nomes e caracterizando vários ambientes cujos traços foram sempre sendo comparados com o caso por nós estudado. Assim, e como também a nossa dissertação se baseia numa experiência do lugar na primeira pessoa, o método de análise das antigas aldeias por nós delineado faz uso de termos directamente retirados da obra de Norberg-Schulz. Destes termos, talvez os mais importantes sejam os de paisagem de natureza Clássica e Cósmica³³ que invocaremos diversas vezes para tentar descrever de forma sintética, mas completa, o tipo de paisagem que é a peneplanície alentejana onde centramos o nosso estudo e onde se inserem as aldeias que estudaremos. Mas, como já dissemos anteriormente, o estudo deste documento é particularmente importante na forma como clarifica para o leitor diversos aspectos cruciais na caracterização de uma determinada paisagem, humana ou natural, para que uma única ideia do lugar seja inteligível por todos. Assim, esperamos que a nossa descrição do Genius Loci das aldeias alentejanas funcione, fornecendo uma imagem inequívoca daquilo que é exclusivo e único nelas e as distingue de outro tipo de aldeias que com estas possa ter semelhanças.

³² NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980

³³ Norberg-Schulz refere ainda uma terceira, a Romântica, à qual não fazemos qualquer referência ao longo do trabalho.

Ainda que, como já referimos, a elaboração do Genius Loci das aldeias alentejanas que levámos a cabo tenha sido elaborado principalmente através da experiência fenomenológica do lugar, não deixámos de nos munir de vários documentos e livros que, de uma forma ou de outra, englobassem no seu foco de estudo a arquitectura e costumes vernaculares da região alentejana em geral e/ou da aldeia da Luz em particular; desta forma esperávamos conseguir justificar de uma forma mais realista algumas das sensações vividas no local, consolidando a imagem tipo das aldeias alentejanas que queríamos criar.

Da lista de obras que se debruçavam sobre a arquitectura vernácula portuguesa e dedicavam algum espaço à região alentejana, enumerando e detalhando cada elemento local característico, foram consultadas *A Arquitectura Popular Portuguesa*³⁴, de Ernesto Veiga Oliveira e Fernando Galhano, e um outro livro com o mesmo título da autoria de Mário Moutinho; o inquérito à arquitectura vernácula portuguesa levada a cabo por todo o país, ainda durante o Estado Novo e reeditado em 2004 sob o título de *Arquitectura Popular em Portugal*³⁵ foi também consultado. A utilidade destes documentos consistiu na enumeração dos elementos mais característicos das aldeias da região alentejana, assim como na comparação do tipo de habitações que se praticava nesta região a outras que fossem construídas noutras zonas do país; desta forma foi possível perceber exactamente quais os aspectos verdadeiramente exclusivos às aldeias da região alentejana e que as definiam como únicas, não correndo o risco de cair em generalizações que pudessem afectar mais do que um tipo de povoado.

³⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992

³⁵ AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004

Com o mesmo objectivo, mas desta vez focando-se exclusivamente no panorama alentejano encontramos a tese *Montes e Povoados no Sudeste Alentejano – Monsaraz*³⁶, da autoria de João Alberto Correia e o livro *Olhar o Monte Alentejano: A Pretexto do Alqueva*³⁷, com participação de vários autores e edição da EDIA. Enquanto o primeiro documento volta a enumerar e justificar alguns dos elementos que são característicos a uma aldeia alentejana, fá-lo com o caso particular de Monsaraz em mente; apesar de ser um caso demasiado particular para que uma comparação directa com a aldeia da Luz possa ser efectuada, a localização próxima entre as duas povoações poderia fazer com que estas partilhassem entre si alguns traços mais pessoais, demarcando-os das zonas vizinhas. Já através do segundo documento acima referido, tentou-se perceber se entre um monte e um povoado alentejanos existiam suficientes semelhanças, quer plásticas quer construtivas, que pudessem definir um conjunto mais abrangente de características específicas àquela região e que representassem um método de construção típico da zona.

Tendo noção de que uma aldeia alentejana não pode nunca ser dissociada da paisagem natural em que se insere, e que esta última tem também um papel importante no moldar daquela, foi necessário encontrar dados científicos que pudessem comprovar e justificar um determinado número de características que eram exclusivas daquela região; consultaram-se para isso vários documentos que, através da geografia, pudessem esclarecer as nossas dúvidas. O livro de Orlando Ribeiro, *Portugal: O*

³⁶ CORREIA, João Alberto – *Montes e povoados no sudeste alentejano - Monsaraz*, Lisboa: FAUTL, 1996

³⁷ SILVA, António Carlos et al. - *Olhar o Monte Alentejano: a pretexto de Alqueva*, Beja: EDIA, 2007

*Mediterrâneo e o Atlântico*³⁸, é desses documentos exemplo; abordando as características essenciais no tipo de construção das várias regiões de Portugal, esta obra permite, à semelhança do inquérito à arquitectura vernácula portuguesa que também consultámos, uma comparação das aldeias alentejanas com outros povoados típicos nacionais; contudo, apesar do cruzamento de informação com os documentos previamente consultados oferecer um produto final mais consistente, a importância inerente ao livro de Orlando Ribeiro no nosso processo de trabalho é exactamente o de este se focar em dados científicos e geográficos precisos para justificar o tipo de construção em cada região, tema que as outras obras já haviam abordado, mas nunca de forma exacta. Com o mesmo objectivo foram consultadas as obras de Suzanne Daveau, “*Portugal Geográfico*”³⁹, e a obra conjunta desta e de Hermann Lautensach com Orlando Ribeiro em três volumes, “*Geografia de Portugal*”⁴⁰.

³⁸ RIBEIRO, Orlando – *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa: João Sá da Costa, 1993

³⁹ DAVEAU, Suzanne – *Portugal Geográfico*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 2000

⁴⁰ RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : a posição geográfica e o território*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999 RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999 RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o povo português*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999

2. ANTIGA ALDEIA DA LUZ

2.1 - História da aldeia da Luz

“A imagem intemporal da aldeia da Luz [é] condicionada pela encruzilhada de caminhos que atravessavam estas terras, e principalmente por três pontos importantes afastados do aglomerado habitacional: a Igreja de Nossa Senhora da Luz, o Castelo da Lousa e o Guadiana”⁴¹

Localizada nas imediações do rio Guadiana, a zona de implantação da antiga aldeia da Luz desde sempre atraiu a si a atenção de povos primitivos; primeiro a de caçadores, que junto às águas procuravam a sua presa e que acabavam por vagar pela área, e mais tarde pequenas comunidades, já sedentárias, atraídas pelo bem essencial que o Guadiana transportava. Terão sido estas as primeiras comunidades a fixarem-se naquele lugar e a construir ali os primeiros aglomerados, sobrevivendo ainda da caça e da pesca, alargando mais tarde a suas práticas à agricultura e à pastorícia. É ainda destas comunidades que surgem os vestígios arqueológicos mais antigos encontrados naquela zona, normalmente sob a forma de túmulos colectivos que abundam na zona.⁴²

Será contudo com os romanos que a zona realmente se inscreve na história, muito por causa da construção do castelo da Lousa, no séc. I a.C., agora submerso. Embora seja considerado monumento nacional, as várias buscas

⁴¹ CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996, P. 50

⁴² SILVA, António Carlos – Marcas do tempo nas terras da Luz, in PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003 P.15

arqueológicas ali levadas a cabo nunca foram conclusivas quanto às funções práticas do edifício, não se sabendo se se tratava por isso de uma fortificação militar tradicional, se protegeria um vila ou se por outro lado seria um entreposto comercial. Esta última é a hipótese considerada mais provável, pensando-se que ao forte estavam associadas algumas propriedades agrícolas, muito à semelhança do que acontece com os montes alentejanos.

Apesar dos estudos inconclusivos, a presença do castelo da Lousa é ainda assim uma referência importante e que surge constantemente relacionada com a antiga aldeia da Luz; a sua presença estará na origem da criação de diversas estradas e vias romanas que, mesmo que tivessem sido construídas sob a presença de outras vias anteriores e mais antigas, terão facilitado as condições de acesso àquele local.

Terá sido esta facilidade de acesso à zona proporcionada pelas vias romanas que terá aumentado o fluxo não só de comerciantes que se deslocavam ao castelo a fim de efectuar trocas comerciais, mas também de romeiros e peregrinos que ali se passaram a dirigir com maior frequência, primeiro em possíveis cultos pouco organizados, mas que culminariam certamente na construção de um edifício crucial à génese da aldeia da Luz: a igreja matriz.

Localizada nas imediações próximas do agora submerso povoado, a igreja terá sido o elemento gerador da aldeia que até ao início do século nos era possível visitar. Datada do séc. XV, não é certo que o espaço de culto da aldeia tenha sido sempre aquele e, como nos refere Sandra Amaral Monteiro⁴³, “não significa sequer que o templo da Luz tivesse sido propriamente uma igreja” em tempos

⁴³ MONTEIRO, Sandra Amaral – O espiritual e o temporal na memória da Luz, in PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003

anteriores ou, como sustenta Maria Isabel Alçada Cardoso⁴⁴, que tivesse sido sempre dedicada a um culto cristão. Existe porém uma lenda incontornável e constantemente referida quando se fala na fundação daquele lugar; conta a história que Nossa Senhora terá aparecido a um pastor de nome Afonso Annes e lhe terá falado de uma imagem sua que se encontrava alojada no interior de um tronco de uma árvore, indicando-lhe que a procurasse e que construísse no local da descoberta uma ermida. Tendo descoberto a imagem no interior de uma árvore, mandou-se efectivamente construir naquele sítio uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora.

O relato da anterior lenda pode ser encontrado no Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria, datado de 1718, e que, segundo Maria Isabel Alçada Cardoso, se trata do documento que de forma mais completa se refere à igreja. Diz-nos ainda Maria Isabel Alçada Cardoso que, segundo uma história popular, antes de construírem a ermida no local exacto da aparição e descoberta da figura de Nossa Senhora, o povo ainda tentou edificar a capela em vários outros sítios, tendo este ruído sempre; apenas quando construída no ponto exacto da aparição a igreja se manteve de pé, tendo o altar-mor ficado assente sobre o tronco da árvore onde supostamente se terá descoberto a figura da Virgem.

Datada a sua fundação na segunda metade do séc. XV, como dizíamos, a igreja da Luz partilha com outras igrejas do território, suas contemporâneas, várias características arquitectónicas que Sandra Amaral Monteiro enumera no seu artigo: construção de uma só nave, de forma rectangular e fachada com frontão triangular, entre outros.

⁴⁴ CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996

A igreja sofre contudo uma remodelação no séc. XVI muito influenciada pelos cânones arquitectónicos criados pela arquidiocese e pelo cardeal, então em governo do Reino, o Cardeal Henrique. Estas alterações irão consolidar a imagem da igreja naquela que era possível ver ainda no início deste século e da qual podemos ver hoje uma reconstrução na nova aldeia da Luz. As alterações mais notáveis são a divisão da nave em três tramos que assentam a abobadilha, o subir da cota da capela-mor e a construção da cúpula e pia baptismal, entre outras.

Na terceira e derradeira campanha de obras, datada entre os séc. XVII e XVIII, as alterações sentidas nesta são maioritariamente decorativas, afectando principalmente os acabamentos e pinturas aplicadas nos edifícios, tendo ainda alguma repercussão nos trabalhos ornamentais em geral, fossem estátuas ou finalizações escultóricas.

Esta última intervenção é particularmente importante para a Luz, visto ser a principal responsável por um certo popularizar do culto religioso; é nesta intervenção que surge na igreja o fresco ilustrando a lenda da aparição de Nossa Senhora que havia sido relatada por Frei Agostinho de Santa Maria por volta desta altura (recorde-se que a data do Santuário Mariano onde se encontra publicada esta história data de 1718). O focar das cerimónias religiosas numa cultura cada vez mais ligada com a gestualidade e o ambiente festivo vai mais uma vez aumentar o movimento de romeiros e peregrinos na zona, agora atraídos também pelos supostos poderes milagrosos da Nossa Senhora da Luz e das águas proveniente de uma fonte, à qual se passou a chamar “dos Milagres”.

O povoado certamente terá aumentado com este fenómeno religioso, agora ainda mais relevante que em tempos anteriores. Segundo aquilo que Maria Isabel Alçada refere, ainda no início do séc. XX era possível encontrar, nas imediações da igreja, mas ainda afastadas da aldeia,

algumas casas que se destinavam a albergar romeiros, fortalecendo assim a ideia de que a origem e expansão da aldeia da Luz terão estado intimamente ligadas com as celebrações religiosas ali praticadas.⁴⁵

A visita frequente de romeiros é ainda confirmada pelas memórias paroquiais de 1758, considerado o documento mais antigo referente à aldeia da Luz e referido tanto por Maria Isabel Alçada Cardoso como por Sandra Amaral Monteiro. Neste documento podem ainda encontrar-se informações referentes ao quadro demográfico do lugar.

Além das intervenções acima referidas e que tiveram um peso profundo na forma como se lia o espaço da igreja, contam-se ainda outras alterações como a edificação de uma torre sineira em substituição do campanário na igreja propriamente dita, a construção do cemitério nas imediações do templo, fruto de um protesto dos habitantes para que se deixasse de enterrar os mortos no interior do espaço sagrado, e o instalar de uma praça de touros também na zona da igreja, aproximando como nunca antes as celebrações sagradas das práticas profanas de tradições mais antigas.

Quanto ao espaço da aldeia em si, pouco se pode aferir dos documentos encontrados; uma possível e teorizada evolução da aldeia aponta a Rua de Trás, a Rua do Meio e a Rua Nova como as primeiras do povoado, todas desembocando no Rossio que seria o lugar onde se realizariam as feiras e mercados. Numa segunda fase de expansão, algumas das casas que compunham o centro da povoação desaparecem e dão lugar a um largo triangular que ficaria conhecido mais tarde por Largo 25 de Abril; daqui saíam as vias que ligavam a antiga aldeia à aldeia da Estrela e ao pólo da Igreja Paroquial. Finalmente, na terceira fase de crescimento, são apenas preenchidos espaços

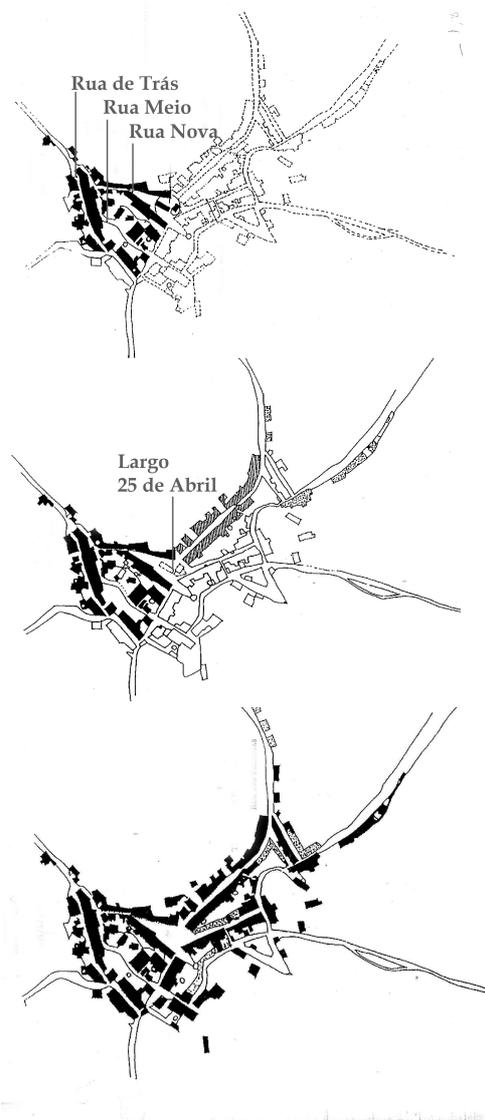


Figura 3 (fonte: Maria Isabel Cardoso, 1996) – Desenvolvimento da aldeia da Luz

⁴⁵ CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996, P.16

vazios no interior da povoação, não existindo grande expansão para fora dos limites já definidos do povoado.⁴⁶

Com a criação do Plano de Rega do Alqueva em 1957 que previa a criação de uma albufeira de reserva de água que teria necessariamente que submergir a aldeia da Luz, o destino daquela comunidade começa a tornar-se incerto; os avanços e recuos no projecto nunca estabelecem assertivamente se a população será obrigada a abandonar a povoação ou não⁴⁷. Com o avançar definitivo da construção da barragem, a certeza da mudança torna-se clara e inevitável, começando a materializar-se a nova aldeia da Luz onde a população doravante residiria. Com o fechar das comportas, a aldeia da Luz desaparecia sob as águas do Guadiana, onde hoje permanece

⁴⁶ CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996

⁴⁷ "Para as pessoas da aldeia, a barragem era algo de que já os avós e os pais ouviram falar: "O Alqueva era um medo; falava-se há muito da barragem, mas temia-se a perspectiva." A ideia da barragem inscreveu-se na mente dos seus habitantes como um mito de que se falava desde há muito e que, por isso mesmo, se tinha, com o passar do tempo, tornado pouco exequível." P. 35

2.2 - Experiência do Lugar

Este capítulo descreve a experiência daquilo que é estar numa aldeia alentejana, começando pelo instante em que, encontrando-nos na peneplanície, a vislumbramos ao longe pela primeira vez na paisagem, até ao momento em que nela entramos e percorremos as suas ruas. Pretende-se com este capítulo sugerir as sensações que os elementos característicos das aldeias alentejanas, identificados no capítulo seguinte, produzem no sujeito. Deste modo, quando levarmos a cabo essa análise, poderemos focar-nos mais especificamente nas características da aldeia e referir apenas brevemente as repercussões que estas irão ter no habitante.

*Horas mortas... Curvada
aos pés do Monte
A planície é um brasido e,
torturadas,
As árvores sangrentas,
revoltadas,
Gritam a Deus a bênção
duma fonte!*

Florbelá Espanca

*Alentejo, Alentejo,
Vastidão de Portugal
Futuro, continental!
Terra lavrada, que vejo
A ser mar mas sem ter
sal.*

Miguel Torga

Monótona e infinita, a peneplanície alentejana será o mais próximo a um deserto que conseguiremos encontrar nos limites do território nacional. Apesar de algumas diferenças, grande parte das características desse tipo de paisagem pode rever-se na planície alentejana; as dunas são substituídas por ondulantes colinas que ecoam pela vastidão da paisagem, configurando aquela planície como se fora de facto um mar de terra lavrada, repetindo-se até

perder de vista; o solo de difícil cultivo e o calor que durante quase todo o ano aflige a paisagem impedem-na de produzir grandes variedades no coberto vegetal, imprimindo-lhe uma uniformidade infinita.⁴⁸

Norberg-Schulz refere-se a este tipo de paisagens como *cósmicas*, descrevendo aquela uniformidade e vastidão como indutoras de uma ordem absoluta que não dá espaço a ambiguidades e para a qual participam ainda a tonalidade constante do céu e o contínuo calor que se faz sentir.⁴⁹



Figura 5 (foto: Sergio Pigozzi) – A monotonia da pene planície.



Figura 4 (foto: David Rombaut) – A monotonia do deserto.

Podemos encontrar uma descrição do que é estar neste tipo de paisagem no poema que inicia este capítulo; se por um lado as horas mortas a que se refere Florbela Espanca no seu poema capturam a languidez da paisagem alentejana, por outro as árvores sequiosas parecem contrariá-la com a sua revolta. Embora a ideia de grito dificilmente se possa associar literalmente àquela paisagem, cujo atributo principal identificaríamos como o silêncio, a ideia de sofrimento que este quer significar parece-nos simbolizar correctamente as dificuldades que o clima alentejano pode oferecer. As horas mortas condensam em si uma dormência muito facilmente experienciada naquela paisagem, uma monotonia latente

⁴⁸ “A paisagem alentejana é de uma grande sobriedade de linhas: a planície – a “peneplanície” – aberta em campos de cereal e pousio, a perder de vista, e montados de sobreiros e azinheiros verde-escuros contra um céu límpido e brilhante, implacável para quem tem de andar ao ar livre, porque “no Alentejo não há sombra, senão a que cai do céu.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 157

⁴⁹ “In the desert the complexities of our concrete life-world are reduced to a few, simple phenomena; (...) As a whole, the environment seems to make an absolute and eternal order manifest, a world which is distinguished by permanence and structure.” NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P.45

que tem origem no clima e no vazio de novidade da paisagem, tanto a nível visual como sonoro; o calor que se faz sentir na planície, e de como este afecta a modelação das casas da região é talvez o principal causador desse silêncio, impondo com o seu peso um estilo de vida particular àquela paisagem.⁵⁰

Referindo-nos à descrição que Norberg-Schulz elabora sobre as paisagens naturais de carácter cósmico, às quais associámos previamente a peneplanície alentejana, reparamos que o autor relaciona a origem das religiões monoteístas a este tipo de paisagem;⁵¹ esta associação deve-se principalmente à monotonia daquele tipo de ambiente e à constância dos elementos que o constituem, dos quais o clima abrasador durante a maioria do ano faz também parte;⁵² estes factores, por representarem um conjunto estável e sem grandes variações ao longo do tempo, sugerem ao Homem uma organização que, por ser forjada com recurso aos fenómenos naturais, impõem uma ordem quase divina. Se pensarmos ainda que o exemplo que Norberg-



Figura 6 (foto de autor desconhecido) – A peneplanície alentejana é marcada por suaves colinas que se projectam até ao horizonte.

⁵⁰ “A importância directa de tal clima sobre o homem alentejano é evidente, se atentarmos por exemplo no característico vestuário do alentejano – o pelico, os acafões e o grande chapeirão protector do sol ardente do Estio. Nas habitações, o emprego da cal, a ausência de aberturas rasgadas para o exterior, são outras tantas condições concomitantes do clima” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004

⁵¹ “In the desert (...) man does not encounter the multifarious “forces” of nature, but experiences its most absolute cosmic properties. This is the existential situation behind the Arabic proverb: “The further you go into the desert, the closer you come to God”. (...) Monotheism, has in fact come into being in the desert (...)” NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P.45

⁵² “O clima aqui é quente e seco. Chove no Inverno, em bátegas. A estiagem é longa. Em Julho e Agosto a secura é total e as tempestades raras, a água não chega a penetrar no solo ressequido.” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004 P. 16

Schulz usa para representar este tipo de paisagens é o deserto, poderemos associar ainda àquele ambiente uma determinada ideia de desespero que apenas pode ser aplacado por uma intervenção divina, levando o Homem a clamar por uma intervenção de Deus.

O verso de Florbela Espanca é por isso certo na sua imagem da paisagem alentejana e permite-nos explicar mais claramente o porquê da nossa comparação da peneplanície com o deserto de Norberg-Schulz; nele está bem presente a hostilidade que o clima pode exercer na paisagem alentejana que, de tão monótona e exposta ao calor, clama também ela, através das suas árvores, uma salvação divina.

Sabemos, obviamente, que a hostilidade sentida na peneplanície não se aproxima em intensidade daquela experienciada num deserto, mas de forma a melhor comunicarmos a imagem inequívoca da paisagem alentejana não podemos deixar de fazer esta comparação; apesar da diferença de grau, não deixa de existir na planície alentejana uma experiência de infinitude que se verifica em todas as direcções e que acaba por ser em tudo semelhante ao exemplo dado por Norberg-Schulz.



Figura 7 (foto: M. Moitas) – As ondulações da paisagem alentejana não são acentuadas o suficiente para que se deixe de ler aquele lugar como essencialmente plano

A paisagem tradicional alentejana encontra-se marcada por constantes variações no terreno, provocadas pelas suaves colinas que compõem aquela extensão de terra e lhe conferem um movimento oscilatório que pode ser experienciado quando se caminha pela sua superfície. É contudo importante perceber que, apesar da planície ser de facto constituída por vários pequenos morros que dão ao terreno o seu carácter ondulado, este nunca deixa de se perceber como uma superfície essencialmente plana, de tal forma são suaves os seus desníveis; desta forma é sempre possível ver em toda a extensão da paisagem,

mesmo que alguns pontos, como as aldeias, não sejam desde logo totalmente perceptíveis, por estarem como que submersos na paisagem.

Ao contrário do deserto, porém, a planície alentejana é muitas vezes coberta por plantações agrícolas, sejam elas de cereal, sobral ou olival⁵³; a imagem que possivelmente estará melhor enraizada na nossa mente será a da planície amarelada pela cor do trigo no verão que, como podemos constatar, não será sempre constante ao longo de toda a região; é também esta a imagem do Alentejo que mais facilmente relacionamos com o deserto, pois partilha com este a profundidade da paisagem, a sua uniformidade e monotonia nas cores e nas superfícies além de ser a imagem que mais facilmente representa o calor que se faz sentir nesta região por alturas do Verão.

A pureza desta paisagem como espaço cósmico poderia, contudo, ser questionada devido à presença de algumas árvores que pontualmente cobrem aquele território e que contrastam com os expostos campos de cereais que nos habituámos a associar ao Alentejo: sendo elementos claramente definidos e que se identificam imediatamente no amarelo ou verde das colinas, os sobreiros ou oliveiras que usualmente encontramos poderiam conceder à planície um toque de paisagem clássica, outra definição apresentada por Norberg-Schulz.⁵⁴



Figura 8 (foto: Marco Coelho) – As massas de árvores presentes na paisagem alentejana apresentam-se normalmente alinhadas e estruturadas por mão humana.

⁵³ “Na ocupação agrícola dominava a exploração cerealífera de sequeiro, intercalada por olivais” PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003, P. 33

⁵⁴ “The classical landscape is neither characterized by monotony nor by multifariousness. Rather we find an intelligible composition of distinct elements: clearly defined hills and mountains (...), clearly delimited, imageable natural spaces such as valleys and basins, which appear as individual “worlds” (...). The environment thus consists of palpable



Figura 9 (foto: Américo Meira) – Mesmo quando coberta por árvores, a paisagem não perde as suas características cósmicas.

Quando coberta por sobreiros ou oliveiras, contudo, a paisagem não perde as suas características *cósmicas*, antes reflecte-as de forma diferente; as árvores, plantadas alinhadamente e estendendo-se tão longinquamente como a planície, evocam a organização que as gerou pela paisagem fora, não contrariando a ordem omnipresente que Norberg-Schulz referia essencial para o ambiente natural do tipo *cósmico*, embora lhe ofereça uma outra perspectiva. Esta organização baseia-se, tal como essa ordem sugerida por Norberg-Schulz, num número limitado de elementos que se repetem incessantemente pelo horizonte até ao ponto em que deixam de ser excepcionais e se integram numa estrutura previsível e contínua que se instala e define na paisagem. Ainda assim, compreendemos que a presença de elementos que possam distinguir um espaço do outro num mesmo ambiente não se trata de uma característica típica do espaço cósmico, o que faz com que a paisagem alentejana, verificando essa presença, tenha que ser catalogada sob a etiqueta de “paisagem mista”. Porém, existe sempre uma ordem global que paira sobre toda a paisagem e a rege sob um denominador comum; essa lei, essa ordenação cósmica, é forte o suficiente para se impor em qualquer ponto da paisagem, encontremo-nos nós num campo de cereal ou num olival, e se condensar numa imagem-tipo daquela região que os dois poetas que neste trabalho referimos tão bem conseguem transmitir. Por este motivo, a catalogação da paisagem alentejana sob os critérios de Norberg-Schulz, embora inequivocamente mista, terá sempre que ser essencialmente cósmica, relegando-se os elementos clássicos que a compõem para

“things which stand out in light.” NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P.45

segundo plano; desta forma, os traços de identidade que mais claramente vamos associar ao Alentejo e que melhor comunicam o seu ambiente estão por isso relacionados com o exemplo do deserto.

Associada à monotonia visual da paisagem está ainda a imutabilidade dos elementos climatéricos que compõem aquele ambiente; céu, clima e luz sofrem poucas alterações ao longo de grande parte do ano, embora estas sejam novamente mais frequentes que no exemplo paradigmático do deserto que Norberg-Schulz nos refere⁵⁵. Ainda assim, não deixa de existir uma ideia de constância quando nos referimos ao clima no Alentejo e que, tal como no deserto, tem as suas raízes nas propriedades geográficas da sua localização;⁵⁶ o Verão é, de novo, o período que mais facilmente associamos àquela zona, uma vez que se trata da estação que mais tempo parece durar e que confere ao clima e à paisagem a hostilidade característica de uma região árida como o deserto⁵⁷. É ainda possível perceber que na zona alentejana o Verão é

⁵⁵ “Even the dimension of time does not introduce any ambiguities. The course of the sun thus describes an almost exact meridian, and divides space into “orient”, “occident”, “midnight”, and “midday” (...). Sunset and sunrise connect day and night without transitional effects of light, and create a simple temporal rhythm,” NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P.45

⁵⁶ “O sul de Portugal é constituído por uma planície que sobe lentamente para leste, de modo que a tendência à redução das precipitações à medida que se caminha para o interior é raramente excedida pela tendência ao aumento provocado pelo relevo” RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999, P. 360

⁵⁷ “Província continental do Sul (estação de Beja). Corresponde aos campos de Beja e à região Transguadiana. Verão quente e Inverno fresco. Precipitação anual: 350 a 500 mm; quatro a seis meses secos. Humidade do ar relativamente fraca no pino do Verão (45%)” RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999, P. 366

a estação do ano mais relevante através da interpretação das características que mais afectam a construção dos povoados que ocupam a região, como de resto já tivemos a oportunidade de apontar várias vezes no capítulo anterior. A luz é por isso idêntica ao longo de todo o dia, alterando-se apenas radicalmente ao nascer e pôr-do-sol; o céu, sem nuvens, permite esta constância ao mesmo tempo que prolonga a já grande dimensão da planície até ao infinito e torna aquele lugar verdadeiramente vasto; o calor é igualmente constante, parecendo que não se altera ao longo de todo o dia, tal é a forma como se entranha na pele à ausência de uma brisa. O facto da peneplanície se tratar de uma grande superfície de terra sem alterações topográficas relevantes que ofereçam obstáculos à forma como a luz incide no solo ou como os ventos sopram pelo território, contribui para uma sensação de exposição aos elementos naturais que dura todo o ano; destes, o Sol será aquele que ficará em maior evidência, o que poderá explicar o porquê de se relacionar automaticamente aquela região muito quente e algo hostil, imprimindo no nosso subconsciente colectivo a ideia do Alentejo como um deserto.

No caso concreto do poema de Florbela Espanca, quando este se refere às árvores cuja presença foi, para nós, motivo suficiente para questionar a essência do espírito daquele lugar, esta acaba por reforçar paradoxalmente a nossa conclusão; quando as árvores “gritam a Deus a bênção de uma fonte”, não estão a fazer mais do que confirmar o papel do calor como modelador de toda aquela paisagem, elemento ao qual também elas se submetem pelo clamor e pela cor sanguínea e quente que apresentam. O poema de Florbela Espanca torna-se por esta identificação especialmente importante, visto que vai ser aquele elemento que mais efectivamente vai afectar a

nossa condição na planície e que melhor comunica a ordem absoluta que rege toda a paisagem alentejana.

Perante a vastidão e ordem daquela paisagem, perante a uniformidade daquela terra e daquele céu, perante a quase imutabilidade daquela luz ao longo do dia e daquele calor abrasador e inescapável; perante a monotonia das horas que faz com que o tempo se arraste tão infinita e silenciosamente quanto a planície, o Homem sofre como que um arrebatamento que o conduz à meditação e à reflexão da sua pequena dimensão no meio daquele espaço que esmaga com a sua escala. Este arrebatamento é inclusivamente sentido fisicamente sob a forma da dormência que se parece entranhar no corpo e que só parece cessar com a protecção de uma sombra.

A aldeia alentejana sente-se por isso como o abrigo que procura proteger-nos desta dormência constante do deserto, reflectindo-se essa qualidade de refúgio na sensação de estar naquele espaço⁵⁸. Este sentimento é mais facilmente percebido pelo alentejano que, não tendo muitas vezes o seu posto de trabalho no interior da aldeia, é obrigado a ausentar-se para um dos campos da planície e nela permanecer todo o dia na lavoura, significando o momento de chegada ao povoado pelo entardecer como o início do período que este pode finalmente estar consigo mesmo após mais um dia de trabalho⁵⁹.

Por esta razão e por ser o único ponto de excepção na vasta paisagem, a aldeia alentejana ganha um carácter



Figura 10 (foto de autor desconhecido) – A posição do edificado na planície alentejana transmite um ideia de refúgio que se irá comprovar aquando a nossa chegada.

⁵⁸ Os montes alentejanos partilham com as aldeias esta característica, uma vez que se tratam dos únicos tipos de edificado presentes na planície e se encontram sempre isolados, adquirindo tanto um como outro um papel de farol na paisagem. A experiência do tipo de refúgio, contudo, será diferente em cada caso.

⁵⁹ Como pode ser lido em detalhe na página 45 desta dissertação.

de oásis muito forte. Se quisermos prosseguir com as referências ao poema de Florbela Espanca, podemos estabelecer uma comparação entre o papel povoado e o da fonte, visto que ambas têm como objectivo apaziguar a tormenta dos caminhantes que viajam pela paisagem. Assim, o papel de protector desempenhado pela aldeia alentejana começa desde logo a delinear-se quando, encontrando-nos no meio da peneplanície, a vislumbramos ao longe como um farol onde nos é prometido abrigo.



Figura 11 (foto do autor) – Uma vez dentro da aldeia, a linha do horizonte torna-se invisível e é impossível percebermos a presença da planície não fosse pela presença constante do céu; a sombra projectada pelas fachadas danos as boas vindas à povoação.

Esse refúgio que nos era prometido à distância sente-se primeiramente quando, ultrapassando a fronteira que divide o espaço humanizado do natural, as habitações tapam pela primeira vez o sol, deixando que uma suave sombra nos acarinhe e dê as boas vindas ao povoado.

Apesar da impossibilidade de, uma vez dentro da aldeia, vermos a linha do horizonte devido à barreira formada pelas casas que agora nos rodeiam, o que nos impossibilita de ver a planície, a sua presença nunca deixa de ser sentida. Esta particularidade é fundamental na caracterização de uma aldeia alentejana, pois se por um lado esta nos oferece um abraço protector da hostilidade natural da paisagem, por outro também não a nega, reflectindo na sua apresentação cuidados que nos relembram sempre da região em que nos encontramos e dos cuidados a que esta nos obriga.⁶⁰

O refúgio que a aldeia nos oferece é por isso de natureza intrinsecamente pedagógica, protegendo-nos ao mesmo tempo que nos dá a conhecer claramente os riscos que enfrentamos. Nesse sentido, talvez *protecção* não seja a palavra indicada, mas antes *amparo*: da mesma forma

⁶⁰ Estas precauções verificam-se em vários exemplos descritos no capítulo seguinte, como por exemplo no desenho das janelas (página 57) ou na brancura reflectora da cal que cobre as fachadas (página 65).

que uma mãe dá abrigo a um filho, acarinhando-o e educando-o para que se lance no mundo, também a aldeia faz o mesmo quando em si nos acolhe, protegendo-nos do meio hostil da planície embora nunca negando o ambiente abrasador que temos que enfrentar ao sair do seu refúgio; ensina-nos sobre a sua existência, mas permite-nos enfrentá-la. O anterior hermetismo que nos oferece não nos aliena da realidade que nos envolve.

Em relação ao momento de entrada na aldeia, poder-se-ia falar dele como repentino: aproximando-nos gradualmente por estrada ao povoado, as formas vão-se revelando, aumentando, tornando mais nítidas; contudo, nunca os nossos olhos deixam de abarcar a paisagem envolvente. É só já bastante próximo do limite da entrada que o horizonte desce para detrás do edificado, deixando o deserto apenas visível perifericamente. No momento de entrada na aldeia, porém, a paisagem subitamente desaparece do nosso ângulo de visão, obstruída pelas fachadas do edificado, aparecendo apenas esporadicamente enquadrada no final de uma qualquer rua perpendicular à nossa. Assim acontece também quando nos aproximamos da saída do povoado: vislumbrando novamente a linha do horizonte ao fundo da estrada, as fachadas das casas que ocultavam o horizonte desaparecem tão subitamente quanto apareceram, deixando o nosso olhar mais uma vez abarcar toda a vastidão do deserto.

Quando de passagem, a experiência daquele local é notavelmente natural: atravessada a uma velocidade constante, a aldeia é encarada como se mais não fosse que um cerrado conjunto de árvores ou um túnel que perfura uma rocha e por onde a estrada por acaso passa, sensação que muito se deve também à grande

concentração do povoado. A estrada que vinha do povoado atravessa a aldeia de extremo a extremo quase sem que se consiga ver a planície envolvente, observando-se esta apenas raramente quando alguma estrada secundária é rasgada no pano contínuo das fachadas e serve de janela para o meio exterior. Por essa razão, experiencia-se uma sensação de súbito hermetismo no acto de entrada no povoado, principalmente a nível visual. Este momento de transição entre o interior e o exterior da aldeia representa ainda uma alteração a nível sonoro: existe um som seco que define o atravessamento desta fronteira, estabelecendo-se por isso uma sonoridade interior que é mais contida.

Embora à primeira apreciação esta experiência de passagem pela aldeia pareça fazer com que a planície deixe de existir e que entrámos numa realidade de outra natureza, a verdade é que tal sensação dura apenas escassos segundos no momento de entrada; na verdade, a experiência de passagem pela aldeia é de tal forma natural que a aldeia, conforme dizíamos, é encarada como um momento excepcional, mas intrínseco à paisagem porque nunca nos desviámos do nosso percurso. Assim, as aldeias alentejanas, apesar de se destacarem na peneplanície pelo seu isolamento, integram-se nela como se de um elemento criado pelas mãos da natureza se tratassem.

.A relação com a planície, que a horizontalidade destes povoados permite, é crucial para se perceber o porquê da imediata sensação de intimidade que se tem quando se entra numa aldeia alentejana. Norberg-Schulz justifica este tipo de fenómeno com a escala do lugar, dizendo-nos que a maioria dos edifícios que compõem um

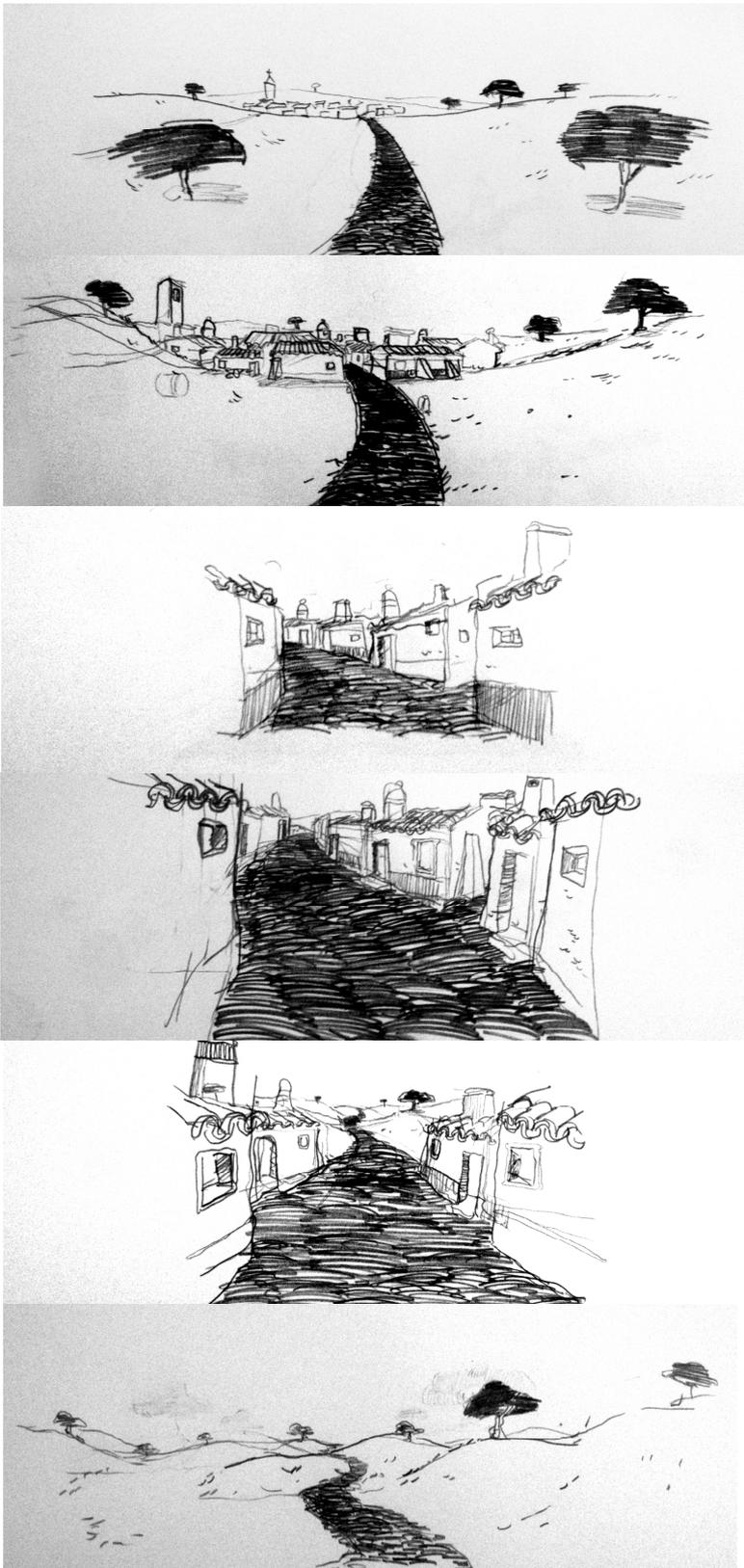


Ilustração 1 (desenho do autor) – Experiência de passagem por uma aldeia alentejana.

lugar que nos agrada imediatamente tem uma relação equilibrada com o céu e com a terra⁶¹.



Figura 12 (foto do autor) – As casa alentejanas estabelecem com o céu e a terra uma relação equilibrada.

Esta uniformidade espacial é duplamente verdade no caso das aldeias alentejanas: as suas casas não só se regem todas pela mesma escala e relação equilibrada com o céu e a terra, como se assemelham de tal forma entre si que numa rua muitas vezes é difícil perceber a linha de intersecção que indica onde acaba uma fachada e começa outra. As casas recebem todas o mesmo tratamento de cal branca que alisa e uniformiza os panos das fachadas, formando no seu todo uma massa que, por ser de uma cor radicalmente diferente da terra da planície, a ajuda a destacar-se desta e a dar-lhe o carácter excepcional na paisagem que referimos anteriormente. Por essa razão, o conjunto do edificado lê-se primeiro como um corpo único, só se percebendo que se trata de um somatório de vários elementos após uma análise mais atenta; paradoxalmente, esta visão de conjunto só é possível porque, apesar de semelhantes e de regidas pelas mesmas regras, as casas são diferentes entre si, revelando um sentido de individualidade que não entra em conflito com o conjunto.

A experiência do lugar quando de passagem também se deve grandemente a esta uniformidade concedida pela cal a todos os edifícios;⁶² o adoçamento das entre as várias casas vai criar um único pano de fachada contínuo e monocromático que permite a interpretação da rua como

⁶¹ "When a town pleases us because of its distinct character, it is usually because a majority of its buildings are related to the earth and the sky in the same way; they seem to express a common form of life, a common way of being on the earth. Thus they constitute a genius loci which allows for human identification" NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P. 63

⁶² Como pode ser lido em detalhe na página 50 desta dissertação.

um espaço canal limitado por duas paredes únicas. Contudo, o facto de estas paredes serem tortas por natureza e se encostarem entre si de forma curva, vai abrandar a velocidade que de outro modo o espaço canal poderia favorecer.

O próprio sentimento de intimidade que com as aldeias alentejanas desde logo estabelecemos deve algo à cal que cobre toscamente todas as fachadas e que as une no único corpo da aldeia; comparávamos anteriormente esses rebocos irregulares ao trabalho de um escultor que, não se preocupando com a última demão, deixava impressa a marca dos seus dedos na obra, tornando-a intrinsecamente humana⁶³. Esta aparente falta de cuidado da parte do obreiro oferece à fachada uma textura que de outra forma não existiria e que imediatamente associamos a um trabalho manual. É com esse trabalho manual que nos identificamos; as mãos que moldaram aquela parede são semelhantes às nossas, poderiam inclusivamente ter sido as nossas, apercebemo-nos do esforço empregue no moldar daquela casa e percebemos a forma como esta foi erguida.



Ilustração 2 (desenho do autor) – As várias demãos de reboco vão adoçar as formas das casas alentejanas.

⁶³ Como pode ser lido em detalhe na página 54 desta dissertação.



Figura 13 (foto do autor) – O reboco a cal branca permite quase sempre perceber a textura pedregosa que forma as paredes.

Este último ponto em particular é bastante importante; uma vez que a cal cobre a estrutura térrea original da casa, esta poderia ao mesmo tempo encobrir a forma como a habitação havia sido construída, podendo deixar-nos na dúvida de como se sustentava aquele edifício.⁶⁴ Tal não acontece, percebendo-se a estrutura simples e reconhecível no conjunto que facilita não só a experiência de intimidade com aquele espaço de que falávamos, como transmite uma sensação de segurança por facilmente compreendermos a composição dos seus volumes. No caso particular das aldeias alentejanas, essa estrutura prende-se essencialmente com a grossura das paredes que conformam as habitações e de que facilmente nos apercebemos quando analisamos a profundidade dos seus poucos vãos ou quando notamos algumas das imperfeições na fachada causada pelo assentamento dos materiais. A sensação de abrigo que experienciamos no interior da aldeia nunca poderia ser transmitida se, em vez de rodeados por paredes que imediatamente reconhecemos como maciças, estivéssemos envoltos por uma edificação cujas origens e métodos de construção nos fossem estranhos; a nossa incapacidade ou maior dificuldade em perceber o funcionamento desse espaço seria o suficiente para varrer da nossa mente a sensação de abrigo que as aldeias tradicionais comunicam⁶⁵.

⁶⁴ Como pode ser lido em detalhe na página 65 desta dissertação.

⁶⁵ “In general, any building possesses a concrete structure (Gerüst) which may be described in formal-technical articulation of this structure. An archetypal building in this sense is a house whose primary structure consists of a ridge-beam carried by a (gabled) post at either end. Such a house possesses a clear, easily imageable order, which in ancient times helped man to gain a feeling of security.” NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P. 65

O processo de reboco a cal das paredes começa então a revelar-se como um traço crucial à identidade das aldeias alentejanas, não só porque molda as feições às casas e as torna distinguíveis e únicas em relação às do resto do país e do mundo, mas também porque intervém directamente na protecção dos próprios habitantes. Caminhando numa rua destas aldeias, somos envolvidos numa sensação de protecção em relação ao mundo exterior, não deixando de se perceber por isso que existia um meio hostil para lá das paredes da aldeia, hostilidade essa em muito potenciada pela forte luz do Sol. São estes raios que muitas vezes penetram no interior da aldeia, reflectindo-se nas brancas paredes das habitações que nos ofuscam a vista. Estes raios de luz que se infiltram na aldeia, apesar de obrigarem a um recolhimento por parte dos aldeões, só se verificam em períodos específicos do dia, nunca tornando o espaço do povoado opressivo; são também uma consequência da aceitação da presença da planície por parte da aldeia.

Por estas razões, uma aldeia alentejana encontra-se sempre aparentemente vazia, favorecendo um recolhimento que faz com que o interior da casa seja um espaço quase sagrado; caminhar por uma rua de uma destas aldeias vai por isso ser constantemente acompanhado de um silêncio que só periodicamente é quebrado com um chamamento ao longe ou com o som dos sinos da igreja que pontuam o passar do tempo. O convite à meditação que conhecemos na planície alentejana não cessa dentro dos limites da povoação, antes é continuado por esta, conferindo ao interior das habitações o tal carácter quase sagrado. A espessa grossura das paredes e a coesão que a cobertura de cal lhe confere são deste fenómeno sintomas, assim como a escassez de vãos que furam a fachada; o seu aspecto



Figura 14 (foto: Manuela Pereira) – O moldar que as várias superfícies de reboco oferecem às paredes assemelha-se ao trabalho de um escultor.



Figura 15 (foto: Pedro Baganha) – O hostil clima alentejano obriga a um estilo de vida de recolhimento, característica que a casa alentejana vai servir.

sólido e rochoso, quase maciço, vai fazer com que as frontarias se assemelhem a tocas onde é quase impossível espiar o interior, tratando-o como um tesouro.

É por isso no interior da casa que se dá o culminar da busca pelo refúgio prometido quando primeiro visualizámos a aldeia submersa na planície. É neste espaço onde finalmente nos vemos livres da presença do sol e onde o calor pouco se faz sentir, materializando-se o interior da casa na bênção da fonte que referia Florbela Espanca. O grau de intimidade que o morador vai estabelecer com a sua casa vai ser assim de tal forma elevado que esta vai ser reservada apenas à sua presença e à daqueles que lhe são realmente queridos; por esta razão, e porque conforme também já tivemos oportunidade de observar as funções de uma casa alentejana são altamente focadas na actividade do seu morador, o seu interior não se encontra equipado com dispositivos dedicados à vida social quotidiana. Esta é relegada para um pequeno espaço de transição entre o interior e o exterior que é simplesmente marcado por uma pedra de soleira assente à porta da habitação. É neste espaço que, pela fresca da tarde, se podem encontrar várias pessoas conversando sentadas em pequenos bancos de madeira ou, como é muitas vezes costume, directamente no próprio chão.⁶⁶ É fácil perceber de que forma esta pedra permite este tipo de vivências; sendo a sua consistência mais sólida e dura do que a terra batida que temos vindo a caminhar, a pedra estabelece, através do tacto, uma

⁶⁶ “O largo, a rua, é um espaço de vivência colectiva onde a determinadas horas do dia todos se encontram. A rua na Luz enquanto espaço de sociabilidade, ou seja, centro da vida social, é intensamente utilizada pelos residentes sendo um dos fortes referentes identitários.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 77

diferenciação no carácter de cada espaço. Percebemos por isso que este é um local mais nobre e do que aquele que temos vindo a percorrer, o que obrigatoriamente precederá uma experiência de um espaço verdadeiramente especial. Desta forma, a função da pedra de soleira não se limita a colmatar uma carência de espaço social que possa existir no interior da casa alentejana, como prepara o morador para entrar num espaço verdadeiramente sagrado.

2.2 - Caracterização das Aldeias Tradicionais Alentejanas

*Alentejo, Alentejo,
Vastidão de Portugal
Futuro, continental!
Terra lavrada, que vejo
A ser mar mas sem ter sal.*

Miguel Torga

É deste ondulado mar de terra que emerge progressivamente a aldeia alentejana, pontuando, isolada, a monotonia da planície como um farol branco que nos anuncia abrigo. Desta experiência podemos retirar dois traços essenciais à caracterização do povoado alentejano: a sua concentração na paisagem, que se manifesta sob a forma de um aglomerado de casas muito denso, e a sua cor imaculadamente branca, que contrasta com o amarelo ou verde tradicional da planície.⁶⁷

Devido à sua grande concentração, ao contrário do que acontece frequentemente nas zonas mais litorais do país, os povoados alentejanos são poucos e encontram-se isolados na vastidão da paisagem, adensando-se em aglomerados. A suave revelação da aldeia alentejana por entre as colinas da planície só é possível porque esta se consegue ler de uma olhada e não se espraia na paisagem, integrando-se gradualmente com o meio como acontece, por exemplo, nas beiras; antes pelo contrário, a



Figura 16 (Foto de autor desconhecido) – As aldeias alentejanas surgem muitas vezes submersas na paisagem.



Figura 17 (foto: Marco Coelho) – A aldeia alentejana surge progressivamente por trás das colinas da planície.

⁶⁷ Por se referir directamente aos materiais que moldam aquele espaço, falaremos desta característica mais à frente neste capítulo, a partir da página 62.

aldeia alentejana distingue-se do meio, pontua-o, e estabelece uma clara divisão entre espaço construído pelo homem e a paisagem natural alentejana.



Figura 18 (foto de autor desconhecido) – As formas de povoamento alentejanas pontuam a paisagem como um farol branco.

A comparação da aldeia a um farol isolado na paisagem também se encontra estreitamente relacionada com a concentração e dimensão do povoado: não seria possível enquadrar da mesma forma uma aldeia alentejana se esta não se encontrasse sozinha envolta daquela planície quase deserta que se projecta pelo horizonte dentro⁶⁸. Por ser muito concentrada, a malha urbana das aldeias alentejanas apresenta quase sempre pequenas dimensões, fazendo convergir num só ponto todos os edifícios que a compõem. É a pequena escala do povoado que, quando integrada naquela grande extensão de terra, lhe confere o seu carácter isolado e pontual na paisagem, distinguindo claramente a branca e compacta massa da aldeia na vasta planície onde ela se encontra, apontando-a como excepção. Tal só é possível devido à escassa presença humana na vastidão da paisagem alentejana que, a par com os limites bem definidos inerentes à compactação da malha urbana, conferem ao povoado o seu carácter excepcional e que distingue inequivocamente o *dentro* e o *fora* da aldeia. Se observarmos atentamente a forma como estas aldeias crescem, aperceber-nos-emos que os edifícios não surgem dispersos pelo território, mas antes directamente adjacentes uns aos outros, permitindo formar o concentrado núcleo habitacional da povoação. Este método é de resto o que se verifica na expansão dos montes alentejanos tradicionais: neste outro caso, que é a

⁶⁸ Só de longe a longe, na altura das casas do monte ou no apinhado das aldeias, [surgem] as marcas escassas de uma presença humana que mal quebra o isolamento” (Cavaco, 1992:103) REINO, João Pedro N. V. Afonso – Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz, Lisboa, 2002

par com as aldeias alentejanas o tipo de aglomerado populacional característico daquele território, a habitação vai adquirindo divisões consoante as necessidades dos habitantes, quase nunca se criando novos edifícios independentes do primeiro. O resultado final acaba por se ler como um único edifício, quando na realidade acaba por ser um conjunto deles colados entre si. Apesar de os montes alentejanos não serem o foco principal deste trabalho, a sua relação com as aldeias que nos propusemos estudar é digna de nota; lendo-se, à semelhança com os povoados daquela região, como um ponto isolado na paisagem, os montes alentejanos tinham como objectivo abrigar não só os senhores das grandes terras que ali habitavam, mas também dar guarida aos seus trabalhadores que, por se encontrarem muitas vezes longe da sua aldeia, ali pernoitavam.⁶⁹ Aliás, é em grande parte devido à natureza da exploração agrícola de grandes propriedades que se pratica nesta região, e que implica o uso de grandes extensões de terra unicamente para cultivo, que os aglomerados populacionais se encontram tão esparsos na paisagem. A sensação de deserto que muitas vezes associamos ao Alentejo está relacionada com estas enormes distâncias entre povoações, sejam eles aldeias ou montes.⁷⁰

⁶⁹ “Raras e distantes, não chegam para conter centenas de trabalhadores, e é o “monte” que completa as necessidades de alojamento. (...) Constitui assim, também o “monte” um tipo de aglomerado populacional” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P. 30

“O povoamento alentejano é, pois, concentrado, num fundo de disseminação rara, constituída pelos “montes”, que por natureza da extensão das herdades são bem afastados uns dos outros” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P.30

“Pela natureza extensiva da exploração, os montes não podem ser muito próximos.” RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o*

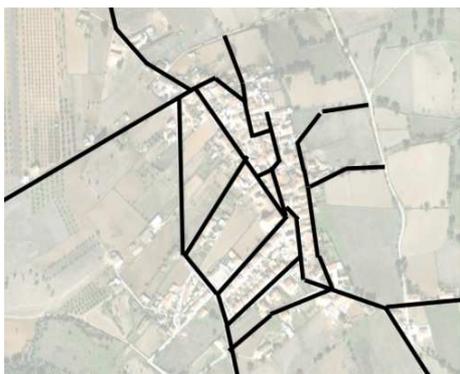


Figura 19 - Outeiros

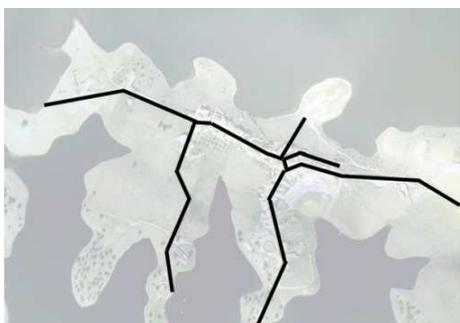


Figura 20 – Estrela

Ainda relacionadas com a implantação dos povoados encontram-se duas características que não são desde logo evidentes, mas que rapidamente se nos revelam quando analisamos estas aldeias em planta. A primeira destas características é o assentamento da aldeia numa das ligeiras inclinações da paisagem; estabelecendo-se geralmente a meio dessa colina, e só por ela subindo até ao topo em raras ocasiões, as povoações alentejanas encontram-se, na maior parte dos casos, semi-ocultas na paisagem. Por essa razão, o acto de chegada a uma destas aldeias manifesta-se pelo progressivo revelar das suas formas: de carro, percorrendo a estrada, distinguimos palidamente ao longe o branco aglomerado das casas escondido por entre as ondulações do terreno, acompanhando-o. Os volumes da aldeia nunca se enxergam por isso na sua totalidade até ao acto de entrada no povoado, claramente demarcada da planície envolvente pelas fronteiras bem definidas do aglomerado. Mesmo quando esporadicamente estas aldeias sobem a colina que as sustenta e se instalam no seu topo, apesar de ficarem mais facilmente visíveis à distância, nunca deixam de parecer surgir da própria terra, uma vez que apenas parte do seu todo se encontra perfeitamente visível⁷¹.

A segunda característica relacionada com o local de implantação das aldeias alentejanas prende-se com o habitual assentamento destas em zonas de intersecção de caminhos pré-existentes⁷². Uma análise em planta de

ritmo climático e a paisagem, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999, P. 864

⁷¹ Um caso típico deste tipo de povoamento será a vila de Mourão que, subindo encosta acima, pontua o seu topo com o castelo;

⁷² “A aldeia da Luz, no entanto, localiza-se no caminho de algumas possíveis passagens (...) que atravessavam o Guadiana” CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho Alçada - *Aldeia da Luz: memória de uma identidade*, Lisboa: FAUTL, 1996.

várias aldeias comprova este tipo de implantação, sendo o aglomerado das casas sempre acessível por vários percursos que, atravessando o povoado, não terminam na chegada ou no interior deste, cruzando-se muitas vezes entre si e transformando algumas das aldeias em autênticos entroncamentos; uma aldeia alentejana tradicional é por isso muitas vezes atravessada obrigatoriamente por aqueles que, querendo chegar ao destino final do caminho que percorrem, têm obrigatoriamente que passar por ela. O pouco acentuado relevo da peneplanície alentejana contribui também para este implantar das aldeias nos nós de comunicação: devido à monotonia da peneplanície alentejana, qualquer ponto daquela grande extensão de terra torna-se, em termos topográficos, igualmente propício à implantação do edificado; é por isso natural que o critério de selecção se debruce sobre outros aspectos, nomeadamente numa mais frequente presença humana que naquela paisagem é representada pelos caminhos que se cruzam.⁷³

É ainda digno de notar que, devido à implantação típica das aldeias alentejanas nas intersecções dos caminhos que percorrem a planície, estes vão ser frequentemente absorvidos pelo aglomerado, transformando-se, após o momento de entrada, em ruas da povoação. Por esse motivo, vai existir uma experiência de passagem pela aldeia que é própria às povoações desta região e que permite sentir muito claramente o momento de entrada na aldeia.

⁷³ “É nas zonas planas que o homem está liberto de subordinação dos acidentes de relevo e assim as vias de tráfego determinam a sua localização” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P. 30



Figura 22 – São Marcos do Campo

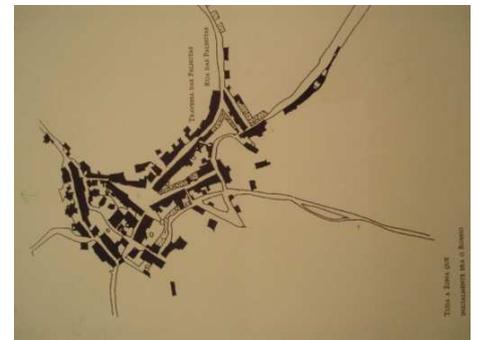


Figura 21 – Antiga aldeia da Luz

Após a transição da entrada na aldeia, a percepção do conjunto edificado ganha uma nova perspectiva e as características que temos vindo a enumerar manifestam-se agora de diferente forma. Este olhar de dentro permite-nos ainda aperceber de um novo conjunto de características até agora ocultas, mas que são essenciais à definição de uma aldeia alentejana. Destas, destacamos três mais importantes: a continuidade das fachadas, a sinuosidade das ruas e a escala do lugar.

Em relação à primeira, trata-se de uma consequência directa não só da concentração de todos os edifícios num pequeno espaço delimitado, onde as casas se juntam lado a lado formando um único pano de fachada, mas também do acabamento a branco que as une e uniformiza numa superfície aparentemente contínua.⁷⁴ Na verdade, este traço não é mais do que a percepção da concentração e do branco unificador que apontámos como características principais da aldeia logo no início deste capítulo.



Figura 23 (foto do autor) - As ruas, apesar de perfeitamente direccionadas, apresentam muitas vezes um percurso sinuoso.

Já a segunda característica só se manifesta no interior do povoado; analisando mais atentamente a planta de uma aldeia alentejana, constatamos que a direcção das ruas é semelhante. Existe, entre as vias principais e as secundárias, uma relação de um tosco paralelismo, como se este fosse desenhado à mão levantada, característica de resto natural a este tipo de concentração⁷⁵. O acesso a estas vias secundárias dá-se através de transversais a essas ruas principais, igualmente paralelas entre si. Todos estes percursos atravessam, no geral, a aldeia de extremo

⁷⁴ O desenho repetitivo e quase cego das fachadas vai também contribuir para esta percepção das ruas da aldeia, mas falaremos disso mais adiante, a partir da página 58.

⁷⁵ “Nas regiões de povoamento aglomerado e de fáceis comunicações, as povoações apresentam-se com um contorno simples, poligonal.” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004

a extremo, mesmo que tal não seja desde logo evidente. No conjunto, a malha urbana acaba por adoptar uma forma de tecido compacto; as novas construções ocupam espaços intersticiais na rede já existente e fazem com que as ruas sejam praticamente os únicos vazios na massa da aldeia, contribuindo para a já referida compactação daquele lugar e dotando o conjunto urbano de uma solidez que em muito afecta a primeira percepção da aldeia, comentado anteriormente. Uma outra consequência deste ocupar dos espaços vazios para construção é também a ausência de grandes espaços de cultivo doméstico, existindo apenas, quando existe, um pequeno quintal nas traseiras das casas dedicada a este uso.

Porém, apesar da direcção clara em planta, ao percorrer o local a constatação das ruas como rectas é quase impossível, exigindo um certo nível de abstracção; isto acontece porque, embora as ruas estejam rigorosamente direccionadas, a natureza orgânica da expansão dos povoados faz com que as casas que as compõem se sucedam de forma desalinhada, ao mesmo tempo que o uso de materiais e métodos construtivos tradicionais imprimem às suas fachadas um aspecto tosco e manual. Assim, em vez do rigor de traço que o desenho em planta poderia sugerir, na realidade o que se nos apresenta são percursos de aparência sinuosa.

Além dos materiais e métodos construtivos que muito contribuem para este moldar particular, e dos quais falaremos mais à frente, a própria lógica de expansão do povoado ajuda a explicar um pouco este fenómeno. Conforme já havíamos dito, as construções tendem a não ultrapassar os limites consolidados da povoação, ocupando-se os lugares intersticiais na malha urbana para a edificação de novas casas; isto implica que os limites do



Figura 24 (foto do autor) – A sinuosidade das ruas e a ondulação das fachadas deve muito às sucessivas camadas de cal nela aplicadas.

terreno de implantação para novas habitações serão as casas já edificadas, tendo por isso a nova construção que conviver com as anteriores de forma muito próxima. Assim, é natural que a fachada da nova edificação se alinhe sensivelmente pelas outras e que por essa razão o seu conjunto defina e acompanhe a rua. Por outro lado, devido aos métodos artesanais usados na sua construção, a fachada não é edificada de forma perfeitamente rigorosa, criando ligeiros desfasamentos que quando vistos a uma certa distância se tornam claros. É por este motivo que, quando as observamos da perspectiva da rua, as fachadas se vão assemelhar a uma torta parede contínua que só é furada para abrir uma rua transversal.



Figura 25 (foto do autor) – As forma das casas alentejanas acompanha muitas vezes o terreno onde se implantam.



Figura 26 (foto do autor) – As várias demãos de reboco aplicada nas habitações contribuem para a sinuosidade característica das ruas.

Também o assentamento das habitações que delimitam o caminho contribui para a obliquidade daquelas vias, uma vez que as paredes do edificado não se encontram sempre erigidas de forma perfeitamente vertical em relação ao solo, ondulando também ao longo da sua altura. Este moldar deve-se não só à própria topografia ligeiramente inclinada do terreno, mas principalmente à natureza tradicional da mão-de-obra e dos métodos de construção, particularmente da cal que, camada sobre camada, vai boleando a pouco e pouco as paredes das casas e adoçando as suas imperfeições em formas mais curvilíneas.

Por esta razão, não poderíamos completar a caracterização da sinuosidade particular às aldeias alentejanas tradicionais sem referir os materiais que nela são aplicados; o acabamento caiado das paredes, constituídas muitas vezes por taipa ou pedra, é de tal forma rudimentar que não existe um processo de finalização perfeito, deixando a parede com um aspecto tosco e irregular. Poderíamos arriscar que esta será talvez

a característica que melhor distingue uma casa alentejana: a ondulação das fachadas brancas, como se aquelas casas tivessem sido amassadas em terra pelas mãos de um escultor que, não estando preocupado em caprichar no acabamento do seu trabalho, deixa na obra a marca dos seus dedos; o ondular daquelas fachadas torna-se, por essa razão, intrinsecamente humano .

Em relação à terceira característica deste último conjunto, a escala do lugar, esta mostra-se desde logo naturalmente humana: as habitações apresentam uma planta de traço rectangular à semelhança do que sucede na grande maioria da arquitectura vernacular portuguesa, mas ao contrário das casas mais a Norte, estas raramente sobem mais do que o piso térreo, à excepção talvez das zonas mais públicas do povoado, onde nunca excedem os dois pisos.⁷⁶ As alturas das fachadas variam normalmente entre os 2,20 m e os 2,50 m (embora se tenham registado alguns casos pontuais de casas de um só piso cujas fachadas chegavam aos 3,40 m), altura que se mantém relativamente constante ao longo das ruas. A largura das fachadas dificilmente poderá ser aferida, uma vez que estas variam sem regra de caso para caso. De referir ainda que a linha de cumeeira formada pelos telhados de duas águas das casas se encontra sempre paralela à direcção das ruas, atributo importante de que falaremos mais adiante.

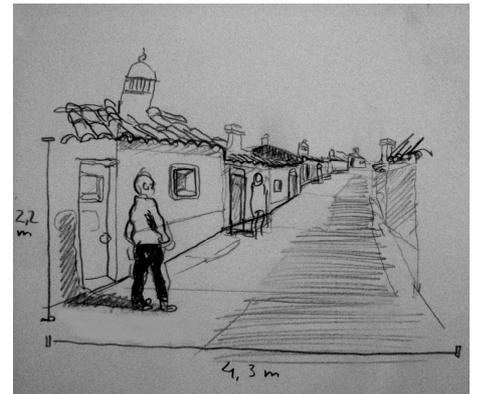


Ilustração 3 (desenho do autor) – A escala do lugar é naturalmente humana.

⁷⁶ “Esta casa, (...) segundo o costume geral do País, é normalmente de planta rectangular simples; mas, ao contrário daquela (...), ela é aqui de um só piso térreo. Isto explica-se sem dúvida, em parte, pela natureza do material corrente de que ela é feita, cuja fragilidade nunca consentiria uma edificação elevada; mas o facto relaciona-se também certamente com a sua especialização funcional característica: a casa do Sul não possui nem precisa de lojas, porque normalmente se destina exclusivamente à habitação das pessoas.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 152

O espaçamento entre as fachadas que se confrontam e que assim definem as ruas também não é grande: variando normalmente entre os 4,10 m e os 4,70 m; apenas nas ruas principais, mais largas, é possível circular dois automóveis desafogadamente, e mesmo nestas o espaço tem que ser muitas vezes partilhado com os peões, já que a existência de passeios pedonais é muito rara. Estas ruas, de carácter mais excepcional, medem cerca de 12,50 m entre fachadas, sendo que a altura destas também pode aumentar até aos 3,40 m. Existem ainda nestas ruas alguns tratamentos ao nível dos materiais e dos acabamentos que as distinguem das demais e de que trataremos mais à frente.



Figura 27 (foto do autor) – As ruas de referência são sempre mais largas e com maior riqueza de materiais.

Rematando uma destas ruas principais estará, muito provavelmente, o terreiro ou praça central, foco da vida pública da aldeia. Este espaço é privilegiado com o mesmo tipo de tratamento cuidado referido anteriormente, apresentando um pavimento empedrado e hierarquizado, pontuado muitas vezes por árvores. Aqui se encontram em maior número edifícios que mais directamente servem a população, sejam eles o café, a junta de freguesia ou os correios. É também a este espaço central que surge associado o espaço de culto, este sempre de excepção e ao qual não iremos dedicar grande caracterização individual, visto não ser possível condensar numa descrição fiel todas as diferentes tipologias existentes. Podemos dizer, contudo, que muitos dos traços que caracterizam a aldeia podem servir para, usualmente, caracterizar também a igreja: quase sempre branca e também normalmente despojada, a igreja destaca-se principalmente pela escala, sendo normalmente o único edifício visível acima da linha dos telhados, carregando-se de simbolismo sagrado.

Das medições efectuadas para descrever a escala do lugar deriva um traço essencial às aldeias alentejanas que, embora não seja imediatamente perceptível, é de crucial importância para a sua caracterização: a sua horizontalidade. A reduzida altura do edificado facilita a submersão da aldeia alentejana naquele deserto e o seu gradual desabrochar quando dela nos aproximamos, mas permite ainda um outro tipo de relação com o ambiente: por serem pouco mais altos do que uma pessoa, as coberturas das habitações nunca ocultam o céu por trás das casas.⁷⁷ A vasta dimensão do céu transforma-se por isso numa sugestão da grande paisagem onde a aldeia se insere, sendo o único elemento visível comum ao interior e ao exterior do povoado, apesar de nunca devassar o interior da aldeia com a sua presença.



Figura 28 (foto do autor) – Devido à baixa altura do edificado, o céu é sempre claramente visível sobre os telhados.



Ilustração 4 (desenho do autor) – A aldeia alentejana nunca nos deixa esquecer a planície que nos envolve.

⁷⁷ “Um franco sentido de horizontalidade domina na arquitectura meridional do país; os valores apresentam-se nítidos, bem recortados, o leite de cal concede aos volumes definição bem acentuada; as manchas do casario recortam-se com nitidez no horizonte ou nos fundos das searas ou de restolho” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P. 58

O *hermetismo* que relacionámos anteriormente com a densa concentração do edificado e que impedia a visualização da planície alentejana, encontra nesta horizontalidade um motivo para que nele se volte a reflectir. Permanecendo o céu como uma presença constante entre o exterior e o interior da aldeia, esse *hermetismo* não é perfeito, pois a grande paisagem ainda consegue fazer-se sentir dentro do povoado, ainda que de forma mais suave e indirecta. É como se o próprio povoado, apesar de nos abrigar e oferecer protecção na sua sombra, não nos quisesse fazer esquecer que nos encontramos num meio natural que pode ser muitas vezes hostil. Ainda assim, e apesar de visível, a planície é meramente sugerida, nunca entrando de forma intrusiva pelo espaço da aldeia dentro; desta forma, a horizontalidade das aldeias alentejanas condensam em si todo um papel de entidade protectora que estas aldeias exercem e que já vinha sendo anunciada pelo farol branco referido no início do capítulo que nos aponta um refúgio quando nos encontramos no meio da planície.⁷⁸

Completando a caracterização das aldeias alentejanas tradicionais, encontra-se todo um conjunto de atributos secundários que determinam o carácter formal daquele espaço e que apresentamos de seguida.

Falávamos anteriormente que a linha de cumeeira dos telhados que cobrem as habitações nestas aldeias é frequentemente paralelo à linha da rua. Este traço característico das coberturas ajuda não só à leitura das ruas como um espaço bem definido e de canal, como também permite que a altura das casas não seja reduzida; neste caso, o facto de a linha de cumeeira ser paralela à

⁷⁸ Sobre o papel protector das aldeias alentejanas, ler a partir da página 66.

rua faz com que o triângulo formado pelas pendentes dos telhados se encontre do lado das empenas perpendiculares à rua, permanecendo a linha criada pelo pau-de-fileira quase sempre oculta por trás das frontarias; caso isso não se verificasse e as fachadas das casas fossem em bico, a leitura daquele espaço canal bem definido estaria dificultada pelo recorte que esse triângulo provocaria na frente das habitações. Já no caso da altura das fachadas, a relação de paralelismo da linha de cumeeira com a rua permite que esta, sendo o ponto mais alto da casa, fique sempre situada no ponto médio da habitação. A altura da fachada torna-se por isso constante, reduzindo-se à altura mais baixa do plano de pendente do telhado, que, conforme já referimos, nunca excede os 250 cm de altura.⁷⁹

As fachadas apresentam uma quantidade reduzida de aberturas, existindo muitas vezes apenas uma pequena janela a acompanhar o vão da porta, embora encontremos casos em que este último se encontra sozinho na fachada;⁸⁰ as janelas existentes nunca ultrapassam os 88cm de lado, embora as que apresentam esta medida sejam já sensivelmente grandes quando comparados com as mais frequentes no conjunto. Apesar de grande parte das janelas se apresentar sob a forma de um rectângulo de 88x66 cm, encontram-se também com grande frequência

⁷⁹ “[as coberturas] constituem, em muitos casos, dois telhados de uma só água encostados um ao outro, a partir de uma parede alta, situada a meio do edifício: e isto é particularmente evidente em certos casos, de resto muito frequentes, em que esses dois telhados se apoiam em paredes contíguas mas de alturas diferentes.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 152

⁸⁰ “A casa do Sul é, pois, uma casa térrea, feita (...) com poucas janelas, muitas vezes mesmo apenas com a porta de entrada na frontaria.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 153



Ilustração 5 (desenho do autor) – linhas de cumeeira paralelas à rua.



Ilustração 6 (desenho do autor) – linhas de cumeeira perpendiculares à rua (situação hipotética),



Figura 29 (foto do autor) – As casas alentejanas apresentam poucos ou nenhuns vãos nas suas fachadas.



Figura 30 (foto do autor) – As janelas nas aldeias tradicionais alentejanas são de pequenas dimensões e de forma aproximadamente quadrada.

vãos mais pequenos e de formas mais próximas do quadrado, andando as suas medidas por volta dos 40x40 cm. A única porta desenhada na frontaria e que dá acesso ao interior excede por pouco a altura de um homem, encontrando-se as suas dimensões por volta dos 170 cm de altura e os 70 cm de largura. A justificação para estas pequenas dimensões nas aberturas para o exterior das casas alentejanas não é alheia ao papel protector que a aldeia desempenha, e prende-se em grande parte com a necessidade de oferecer obstáculos à luz intensa e quente do Sol que torra a planície e que a habitação procura repelir.⁸¹ Ainda assim, não nos podemos esquecer que o seu tamanho se deve também, em parte, às limitações construtivas da taipa.

Esta ausência de vãos, característica da arquitectura alentejana, reforça o carácter rochoso e maciço daquelas habitações, assemelhando-as a tocas; as casas aparentam por isso ser mais sólidas e robustas, a sua quase total cegueira evidencia as ondulações das fachadas ao mesmo tempo que cerra e define aquele espaço de canal, dando a sensação de *hermetismo* que temos vindo a referir. A grande espessura das paredes, perceptível quando analisamos a profundidade de um dos poucos vãos que compõem a fachada, reforça não só esta solidez como oferece ao interior da habitação um carácter mais abrigado;⁸² a distinção entre o interior e o exterior das casas fica assim ainda mais evidenciado, oferecendo uma

⁸¹ "(...) própria de uma região quente e seca, de luminosidade intensa e fraca pluviosidade, e em que a madeira não abunda, esta casa possui janelas em pequeno número e de dimensões reduzidas;" OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 152

⁸² "As espessuras de parede variam entre as dimensões de 0,45 a 0,70." AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P. 34

grande intimidade ao último e exaltando as características protectoras da habitação

Ao longo de grande parte das fachadas da aldeia e ritmando o canal da rua estão as chaminés. Também aqui se constata a objectividade protectora daquele lugar; facilmente os elementos com carácter mais icónico no conjunto da aldeia, as chaminés apresentam-se robustas e regularmente despojadas, servindo a sua mera presença como ornamento às habitações onde se inserem. A sua forma monolítica sugere uma funcionalidade vital que parece dar prioridade ao trabalho e rotina dos habitantes, ao qual aparecem muitas vezes associados,⁸³ recorrendo a ligeiros artifícios apenas para sublinhar a importância daquele elemento na vida dos camponeses; servirão as chaminés ainda para ajudar à ventilação da casa, expelindo o calor que eventualmente se possa acumular no interior da habitação. Embora exista um gradual elaborar das chaminés à medida que caminhamos para sul, culminado na região do Algarve onde estas raramente não se encontram adornadas⁸⁴, as chaminés da zona alentejana são normalmente de maior dimensão e mais imponentes, demarcando-se mais pela escala que pelo trabalhado da finalização. Mesmo quando mais



Figura 31 (foto de autor desconhecido) – As chaminés marcam muitas vezes as ruas alentejanas com a sua presença imponente.

⁸³ “A matança do porco, importante marco no ciclo de vida anual, tem normalmente lugar entre Dezembro e Janeiro, quando as temperaturas mais frias permitem realizar calmamente a repartição dos diferentes tipos de carne e fabrico dos enchidos, postos em seguida no “fumeiro”, na chaminé da casa.” PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003

⁸⁴ “E este pormenor arquitectónico [a chaminé], implantado sobre a fachada principal, carrega-se, ao longo do Alentejo, de intenção decorativa, até constituir, no Algarve, com suas formas de torres e cúpulas e finos rendilhados, a parte mais bela e mais nobre da habitação.” RIBEIRO, Orlando – *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa: João Sá da Costa, 1993, P. 92



Figura 32 (foto: Lúcia Ramalho)



Figura 33 (foto de autoria desconhecida) – as chaminés alentejanas podem variar em formato ou dimensão, mas respeitam sempre um determinado número de características base.

sofisticadas⁸⁵, as chaminés alentejanas nunca apresentam o grau de elaboração de uma chaminé algarvia, mantendo aquele aspecto sólido e monolítico em tudo semelhante às casas que as suportam. A chaminé alentejana é ainda caracterizada pela sua posição relativa ao conjunto da habitação; estando associada à cozinha, e sendo esta a divisão de entrada na habitação, a chaminé encontra-se regularmente muito próxima do limite da fachada principal, chegando mesmo a sobressair da parede que a apoia; simbolicamente poderá ter alguma relevância o facto de este elemento que, como dizíamos, é o mais ornamental e cerimonioso do conjunto estar associado à cozinha, considerada igualmente a divisão mais importante da casa alentejana.⁸⁶

Na verdade, poderíamos mesmo dizer que a chaminé alentejana ocupa um papel fundamental na habitação, tentando frequentemente condensar em si as propriedades da casa que a sustenta e das pessoas que nela habitam, moldando-se de forma a ecoar a personalidade do seu proprietário sem nunca abandonar a

⁸⁵ “Estas chaminés, conforme os diferentes tipos, apresentam remates em forma de cúpula, com pináculos, etc.; as de base rectangular imitam muitas vezes pequenas casas (...); as prismáticas mostram fustes com molduras de estuque; nas cilíndricas, em geral, a ornamentação reserva-se para as aberturas de saída de fumo.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, PP. 156 – 157

⁸⁶ “A cozinha, na casa do Sul pode também considerar-se a divisão principal da casa, a um tempo cozinha, sala de estar, de trabalhar, onde se recebe quem chega de fora, etc.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 153

robustez inerente ao edificado da região que referíamos anteriormente.⁸⁷

Nas ruas mais domésticas do povoado, em terra batida, é possível encontrar, à entrada de algumas habitações, patamares em pedra maciça aparentemente poisados no terreno e nele encastrados pelo tempo, que marcam e dignificam a chegada ao abrigo. Apesar de não parecer existir razão óbvia para a presença desta pedra, ela cumpre uma função francamente importante no papel da casa e na vida da aldeia: não havendo no interior da habitação um espaço devidamente qualificado à recepção de visitas e que fizesse a transição entre interior e exterior, a pedra serve para colmatar a ausência dessa divisão.⁸⁸

Assim, o convívio do dia-a-dia é feito à porta de casa, sentando-se os interlocutores em bancos que se apoiam então na pedra de entrada, ficando o interior da casa reservado para os habitantes e visitas mais íntimas.

Nenhuma das características que temos descrito, contudo, é alheia aos materiais usados na construção destes povoados. Não podíamos por isso deixar de incluir uma listagem dos materiais que compõem as aldeias vernáculas alentejanas e de que forma estes se relacionam com as características até agora descritas.



Figura 34 (foto do autor) – É frequente encontra-se à frente das portas uma empedramento que dignifica a entrada e estabelece a diferença entre o espaço público e o de carácter mais privado.

⁸⁷ “Alma da casa”, diz Amorim Girão, “nela se põem todos os cuidados arquitectónicos; e não é raro que os mestres-de-obras, para se assegurarem do esmero que precisam de pôr na construção, perguntem primeiro ao proprietário *quantos dias quer de chaminé*” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 155

⁸⁸ “Se a forma geral da casa é muito simples, são mais complexos e perfeitos os dispositivos destinados a assegurar a função exclusiva de habitação. (...) um poial de pedra, à entrada da porta, convida ao descanso pela fresca da tarde.” RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999, P. 859

Referíamos anteriormente que a dimensão dos vãos nas casas das aldeias tradicionais alentejanas estava condicionada pelos materiais usados na sua construção; sendo uma zona pobre em veios de pedra, as edificações alentejanas são frequentemente construídas à base de terra, seja ela na forma do tijolo de barro, seja na forma da taipa⁸⁹; uma vez que estes materiais confiam na sua grande densidade para suportar a estrutura que conformam, a perfuração de um grande número de vãos poria em sério risco de queda toda a edificação. Assim, as poucas aberturas nas fachadas que se registam numa aldeia alentejana têm que ver não só com um esforço de impedir que o calor e a luz intensa penetrem no lar, mas são também fruto de um pré-requisito que aquele material de natureza pobre impõe à construção.



Figura 35 (foto do autor) – Os materiais que mais frequentemente são usados na construção das aldeias tradicionais são de base térrea...

De natureza térrea e tosca, os materiais aplicados nas aldeias tradicionais alentejanas reflectem por isso a resistência necessária à vida naquelas condições. Sendo materiais térreos, são altamente moldáveis, conferindo às habitações o carácter de rochedo já referido anteriormente. A manutenção dos materiais aplicados entra, inclusivamente, nos hábitos quotidianos dos habitantes, particularmente no caso da caiação das fachadas; esta actividade é indissociável a rituais sazonais importantes, estabelecendo entre os habitantes e as suas habitações uma relação íntima de atenção e amizade⁹⁰. É de resto

⁸⁹ “É fora de dúvida que a explicação fundamental do uso geral e quase exclusivo destes materiais na construção do Sul está na escassez da pedra ao mesmo tempo que na abundância de terras próprias para a sua preparação que se verificam nestas regiões, uso esse que se apoia na velha tradição arquitectónica local” AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004, P. 150

⁹⁰ É disto exemplo a festa de Nossa Senhora da Luz que se realiza em Setembro e cujos cuidados que a festa requer podem ser vistos em: MOURÃO, Catarina – *A minha aldeia já não mora aqui*, Portugal, 2006 e

esta amizade que ajudará a compreender a forte intimidade a que uma aldeia alentejana impele e que encontra no interior das habitações o seu espaço de predilecção.

Nas ruas de referência, mais largas e de aspecto mais importante do que as ruas domésticas, os materiais aplicados apresentam um tratamento mais elaborado, apesar de este ser ainda bastante elementar: nestes casos, a terra batida do pavimento aplicado nas outras ruas dá lugar a um trabalho de empedramento. Por serem mais largas, estas ruas contêm muitas vezes passeios pedonais nas bermas, o que não acontece geralmente nas ruas mais secundárias, como já havíamos visto; estes passeios raramente partilham do material usado na zona de circulação central, alterando-lhe no mínimo a estereotomia e hierarquizando os diferentes tipos de circuito. Não raras vezes, estas ruas estão ainda adornadas com laranjeiras que ajudam também a definir a fronteira dos passeios pedonais com a circulação central e que ajuda a conferir à rua o seu carácter excepcional.

Contudo, de todos os materiais e métodos usados para a construção daquele espaço, nenhum é mais relevante do que a caiação a branco das casas. Afinal, quando acima descrevíamos a experiência de pela primeira vez avistar uma aldeia alentejana no horizonte, esta era identificável desde logo pela sua cor em contraste com a da paisagem. Esta vai ser por isso a característica transversal a todos os outros traços do povoado e que irá unificar o conjunto num todo coeso.



Figura 36 (foto do autor) – ... o que não impede que ocasionalmente se recorram a materiais rochosos, como o xisto.

RIBEIRO, Orlando – *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa: João Sá da Costa, 1993.

As sucessivas camadas de cal branca vão afectar a forma como lemos a implantação do edificado. O assentamento das casas alentejanas no lugar dá-se ao sabor do terreno que, com as suas sucessivas e suaves movimentações, as molda de acordo consigo, de tal forma que a construção aparenta ser uma extensão natural da terra onde se encontra poisada; desta relação nascem muitas vezes edifícios cujas fachadas acompanham o movimento da topografia, podendo verificar-se esse fenómeno igualmente na forma como as coberturas se vão escadeando sucessivamente ao longo das ruas, acompanhando a oscilante linha dos beirados que une as casas entre si e que, apesar dos desníveis, é muitas vezes contínua. Apesar de se tratar de uma característica comum a outros povoados de génese totalmente diferente daqueles que aqui pretendemos estudar, existe algo de particular na forma de assentamento de um aldeia alentejana que reforça aquele carácter sinuoso e vagamente curvo de desenho à mão levantada que lhe é tradicional; essa especificidade está na forma paradoxal como a uniformidade conferida às fachadas pela cal branca a distingue claramente da terra natural, servindo o contraste para melhor se apreenderem as doces ondulações que atrás referíamos.

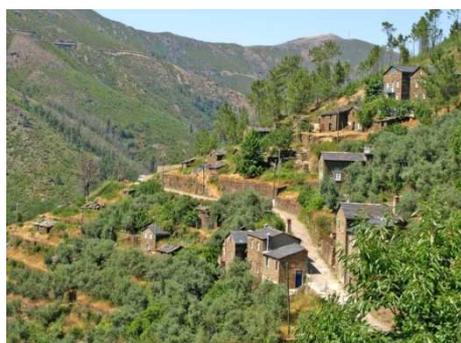


Figura 37 (foto: Rosa Gambóias) – A integração das casas do Piodão consegue-se através do uso inalterado do material local, o que faz com que as habitações se mesquem com o meio.

Enquanto, por exemplo, nas aldeias xistosas das serras portuguesas a maleabilidade e integração do edifício na paisagem se consegue através do uso das pedras locais na construção das habitações sem qualquer adulteração da sua materialidade, no Alentejo as camadas de cal coloram e unificam a superfície irregular das paredes, tapando as juntas que, no caso da arquitectura serrana, ficam expostas; a coesão e uniformidade conferidas por aquela camada branca vão contrastar com a tez ocre da terra e por isso pôr em evidência a modelação

das formas à topografia da planície⁹¹. A unificação que a camada de cal oferece ao tapar as juntas das habitações confere-lhes ainda, de certa forma, um aspecto mais natural quando comparadas com as casas serranas; enquanto nas paredes destas últimas as juntas deixadas pelo empilhamento das pedras conferem às fachadas um aspecto de somatório de elementos claramente aglomerados por mãos humanas, nas casas alentejanas a superfície coesa e una que a aplicação da cal proporciona às frontarias de desenho simples aproxima-as de uma rocha⁹².

Esta distinção é importante, pois se em ambos os casos existe uma grande integração do edificado na paisagem, esta manifesta-se de forma quase contrária em cada um deles, sendo importante para nós perceber de que maneira a dos povoados alentejanos é exclusiva.

A cor branca de toda a aldeia está ainda relacionada com a hostilidade que a omnipresença da planície alentejana por vezes faz sentir: caiados de branco para melhor reflectir os raios solares, apenas o embasamento dos edifícios e por vezes as molduras dos seus vãos apresentam uma cor alternativa que varia de caso para caso (as mais usuais são, contudo, o azul, o vermelho

⁹¹ “(...) [a caição] acentua o pitoresco da construção, aveludando superfícies, arredondando ângulos, boleando arestas, disfarçando falhas, com a espessura das suas camadas sucessivas, e dá-lhes um aspecto asseado e fresco que contrasta flagrantemente com o que apresenta geralmente a casa do Norte.” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, P. 152

⁹² “Esta construção em xisto, as formas quadradas, a decoração caiada, definem uma espécie de permanência que é tanto mais notória quanto, numa delas, a própria casa parece emanar da rocha viva.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 87

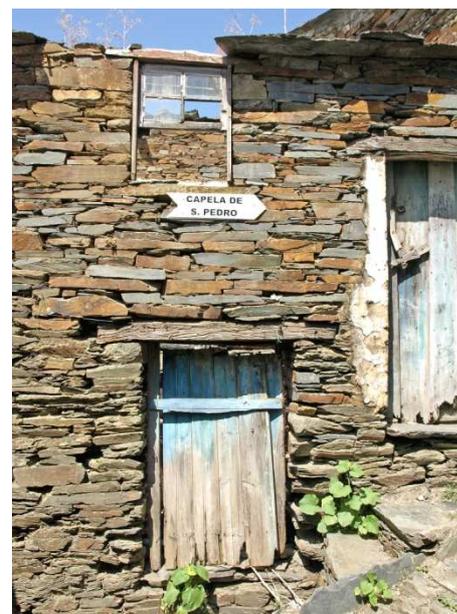


Figura 38 (foto: Rosa Gambóias) – O empilhamento das pedras nas casas serranas dão-lhe um aspecto fragmentado...



Figura 39 (foto do autor) - ... ao contrário das casas alentejanas, onde o reboco branco as faz contrastar grandemente com o solo.

térreo ou o amarelo). Com um função mais prática do que estética, o branco assegura que o interior das habitações permaneça fresco nas alturas mais quentes do ano, reflectindo os raios de sol e evitando o aquecimento no interior da habitação, característica importante nesta região onde o calor se faz sentir de forma abrasadora.

É aliás curioso reparar nesse modo como as aldeias tradicionais alentejanas, na sua função primordial de abrigar os habitantes das adversidades naturais que os rodeiam, nunca as negam, antes abraçam-nas e reflectem-nas em si; o silêncio da grande planície pouco é quebrado no interior da aldeia, ouvindo-se apenas esporadicamente um som longínquo ou uma voz que clama; a luz que queima à falta de abrigo quase nos ofusca agora os olhos, reflectida nas fachadas das habitações; o próprio calor persiste dentro dos limites da aldeia, parecendo agora emanar de todas as superfícies que nos rodeiam.



Figura 40 (foto do autor) – As casas alentejanas, na sua elementaridade, parecem sugerir uma essencialidade muito focada nas suas funções primordiais, dispensando por isso qualquer ornamento.

Por esta razão, existe também nestas aldeias uma forte sensação de vazio. O meio exterior, agreste como é, convida a uma vida recatada e interior, deixando as ruas quase desertas. Este traço é essencial, pois justifica e engloba em si todas as características formais daquele espaço, sublinhado de formal magistral o carácter de refúgio que está carnalmente associado àquela aldeia.

As paredes, de taipa ou de pedra caiada de branco, ausentes de qualquer ornamento para além das faixas coloridas que rematam o embasamento e emolduram os vãos, invocam uma essencialidade que se estende também aos pavimentos das ruas. A função primordial daquele espaço é a de abrigar os habitantes e os seus padrões de vida, proporcionando-lhes por isso uma plataforma para o trabalho agrícola a que casa rural

aparece muitas vezes associada,⁹³ outros aspectos ou actividades não são muitas vezes contempladas na sua origem, o que faz com que a casa alentejana seja muito focada na sua função principal e não se perca em detalhes ou ornamentos que pudessem desviar o seu objectivo.⁹⁴

Sintomas desta concepção são, além do constante branco que não responde a uma necessidade estética, mas antes protectora, os pequenos vãos que filtram a luz para o interior; os telhados de uma ou duas águas, simples mas eficazes no escoamento das águas provenientes das fortes torrentes de chuva no Inverno; as chaminés, robustas e sólidas, presentes apenas para proporcionar o fogo nas casas e ajudar à sua ventilação. As ruas, de terra batida, cumprem eficazmente o seu dever básico de estabelecer a comunicação entre os diferentes pontos da aldeia, sendo apenas empedradas nas ruas principais de recepção a forasteiros e de carácter mais cerimonioso. A singeleza e robustez dos materiais e do desenho das habitações empregues na construção das aldeias tradicionais propiciam por isso um virar para dentro do espaço, focando toda a sua atenção na intimidade do interior das casas e deixando o exterior das habitações despojadas, de forma não muito diferente daquela que

⁹³ A casa rural é um elemento perene da paisagem, que se conserva normalmente intacto através de várias gerações. É, ao mesmo tempo, um elemento central da organização do campo, e à volta do qual ocorrem as incessantes deslocações que a vida rural implica. (...) Pela estrutura e fisionomia, é o reflexo do ambiente natural e cultural que a rodeia." DAVEAU, Suzanne – *Portugal Geográfico*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 2000, P. 148

⁹⁴ "A casa do Sul caracteriza-se tanto pela forma mais simples como pela função mais especializada" RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999, P. 859

acontece no exemplo de Karthoum que nos descreve Norberg-Schulz⁹⁵.

Se quiséssemos oferecer uma imagem que cristalizasse estes conceitos seria o da casa de pequenas dimensões com apenas uma porta, exemplo que poderíamos comparar a uma toca. Podemos por isso afirmar que tudo nestes povoados aponta para um ideal de protecção objectivo, para uma robustez elementar e despojada, mas que imprime ao local a sua peculiar beleza: é como um maciço corpo branco que, estendido na planície, amansa pacificamente as forças primordiais da Natureza e nele aconchega o Homem, dando-lhe o espaço para viver.

⁹⁵ "When we enter the interior of the dwelling, that is, the private domain proper, we encounter a new environmental character. Here the desert is no longer the dominant force; the wall has closed it out, and the green of vegetation and blue of water substitute the sun and sand colours of exterior space. (...) [The character of the interior place] stems from the need to create an "inside" where life is protected physically and psychologically against the pitiless world outside" NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980, P.130

Características das aldeias alentejanas	Enunciação	Descrição	Exemplo
Momento de aproximação ao povoado	Concentração do povoado.	Os edifícios aglomeram-se em núcleos densos que, por estarem muito concentrados, definem claramente as fronteiras com o espaço exterior da planície; por esta razão, a aldeia alentejana apresenta-se como um ponto excepcional na paisagem.	
	Cor	O branco é a cor que predomina e que identifica o conjunto do povoado; apesar de estar relacionado com os materiais, é uma característica que fica desde logo evidente quando avistamos a aldeia ao longe.	
	Implantação numa das ligeiras colinas da planície	Os povoados instalam-se frequentemente a meio de uma das colinas da peneplanície, o que faz com que apareçam meio submersas na paisagem. É principalmente esta característica que permite a experiência de progressivo revelar de formas que caracteriza a chegada a uma aldeia alentejana.	
	Implantação em caminhos pré existentes	As aldeias alentejanas instalam-se ainda frequentemente em zonas de intersecção de caminhos pré-existentes, o que faz com que estes sejam absorvidos e transformados em ruas uma vez dentro do povoado.	

Características das aldeias alentejanas	Enunciação	Descrição	Exemplo
Interior do povoado	Hermetismo	O aglomerado da povoação é de tal forma denso e as fachadas encontram-se tão juntas umas às outras que é raro conseguir ver-se a paisagem exterior à excepção do céu. A aldeia serve como barreira visual à peneplanície que a circunda.	
	Sinuosidade	Apesar de claramente direccionadas, as ruas das aldeias apresentam ondulações constantes, em grande parte devido ao desfasamento com que algumas fachadas se encaixam umas nas outras. Esta característica também se deve ao uso de materiais facilmente moldáveis que fazem com que as fachadas das casas apresentem algumas ondulações.	
	Altura rasteira (Horizontalidade)	A baixa altura dos edifícios faz com que o céu seja sempre visível por cima dos telhados das casas sem nunca permitir que este devasse o interior da aldeia. A sua discreta presença serve como única lembrança da paisagem que nos envolve, fazendo com que aldeia, apesar de nos oferecer abrigo desta, nunca negue a sua presença.	
	Fachadas Cegas	As fachadas são de desenho simples, sendo a maior parte uma fachada completamente cega à excepção da porta de entrada. A sua simplicidade reflecte a interiorização de vivências a que o meio ambiente obriga, devido ao excessivo calor e luz que se fazem muitas vezes sentir.	

Características das aldeias alentejanas	Enunciação	Descrição	Exemplo
Interior do povoado	Chaminés Robustas	As chaminés localizam-se quase exclusivamente na frontaria das casas, associadas à cozinha que serve também como divisão de entrada. São robustas e pouco trabalhadas, advindo a sua beleza da sua pureza e depuração formal.	
	Materiais térreos	Sendo o Alentejo uma região pobre em veios de pedra, os materiais de construção usados na maior parte das vezes são de origem térrea, como o tijolo de adobe e a taipa. Esporadicamente é possível encontrar construções em xisto.	
	Caiação	Todas as construções da aldeia são caiadas a branco, fazendo com que esta ganhe um aspecto uno e coeso, unido pela cor. As várias demãos aplicadas sucessivamente ao longo dos anos pelos próprios habitantes contribuem ainda para um moldar tosco das paredes, deixando-as onduladas e contribuindo para a sinuosidade das fachadas.	

3. NOVA ALDEIA DA LUZ

3.1 - Caracterização da Nova Aldeia da Luz

Quando, passados vários anos de avanços e recuos, o projecto da barragem do Alqueva finalmente se tornou numa realidade certa, o futuro da aldeia da Luz ficou traçado. Desde os primeiros projectos para o plano de rega do Alentejo que se previa a inevitável submersão daquele povoado, obrigando a que se encontrasse uma alternativa para o realojamento da sua comunidade. Essa solução foi encontrada na construção de uma nova aldeia, próxima do local onde se encontrava a original.

Tratando-se de uma aldeia que teria que realojar um grupo específico de pessoas, habituadas a viver numa aldeia vernácula alentejana, a nova aldeia da Luz deveria responder às necessidades específicas desta população, reflectindo-se essa preocupação no desenho do povoado. Aquilo a que nos propomos neste capítulo é a caracterizar a nova aldeia da Luz de modo a conseguir um conjunto de traços que a representem e definam, de modo a podermos, no capítulo seguinte, compará-las com as características das aldeias tradicionais e, dessa forma, perceber as suas diferenças e se o desenho da nova aldeia perpetua o carácter da antiga.

A peneplanície alentejana, conforme já a havíamos descrito, abrange uma grande extensão de terra composta por ligeiras colinas que ondulam repetidamente até ao

horizonte; o percorrer daquela planície é por isso um constante mas suave movimento de subida e descida: tão depressa nos é possível enxergar a paisagem um pouco mais além do topo de um cabeço, como logo a seguir nos voltamos a afundar naquelas ondas para apenas nos apercebermos do meio que imediatamente nos envolve. Os elementos que compõem aquela paisagem, contudo, são tão monótonos quanto o movimento a que a topografia nos obriga: constantemente lavrada ou plantada com sobreiros ou oliveiras, toda a extensão daquela terra é uniformizada pela agricultura que ali se pratica, raramente se dando momentos de excepção que contrariem aquelas regras.



Figura 41 (foto: Isa Costa) – A barragem do Alqueva alterou significativamente a forma como encaramos a paisagem.

Existe por isso na experiência de chegada à nova aldeia da Luz uma ligeira sensação de surpresa: percorrendo uma paisagem claramente alentejana, damos-nos conta, quando no topo de uma das suas suaves colinas, da existência de um lago. Devido ao ondear da planície, este vai sendo progressivamente revelado e ocultado, até ao momento em que nos encontramos de tal forma próximos da sua localização que este se mantém sempre visível, pontuando a paisagem e distinguindo-a da que até agora havíamos encontrado.



Figura 42 (foto do autor) – A chegada à nova aldeia da Luz é marcada pela presença do pano de água.

É no momento em que a presença da água se torna uma constante na paisagem que vislumbramos pela primeira vez, ainda ao longe e parcialmente oculta por uma das colinas que anteriormente nos tapavam o lago, a nova Aldeia da Luz; contudo, antes que possamos lançar claramente os olhos à aldeia e abarcá-la finalmente em toda a sua extensão, esta é encoberta uma última vez enquanto descemos do topo da colina onde nos encontrávamos. Somente depois de contornado o topo da última colina a aldeia se nos apresenta sem reservas,

expondo-se-nos em toda a sua extensão, tal como acontece nas aldeias tradicionais.

Do topo desta última colina é-nos imediatamente possível compreender a estrutura que organiza a povoação: rigorosamente encaixada na planície, o seu limite é definido por linhas de tal forma geometricamente desenhadas que a fronteira entre o espaço da aldeia e o espaço exterior é incisivamente precisa; essa exactidão vai estender-se ainda ao traçado das ruas, cortando-as rectilaneamente naquela compacta massa branca que forma o edificado. Também neste aspecto a nova aldeia é semelhante às tradicionais, distinguindo-se apenas no rigor da linha de fronteira que divide o espaço do povoado do da paisagem.

Descendo a colina e preparando-nos finalmente para entrar no povoado, é possível sentir o momento de transição da fronteira que separa o interior do exterior da aldeia: à medida que nos aproximamos do povoado, a linha do horizonte desce gradualmente até finalmente desaparecer por trás do edificado, deixando a paisagem alentejana que até agora percorremos apenas visível lateralmente; no momento em que entramos na aldeia, contudo, a paisagem é imediatamente oculta pelas fachadas que definem a rua onde agora nos encontramos, não existindo qualquer espaço intersticial por onde seja possível visualizar a planície por entre as casas. Tendo analisado anteriormente a forma como as fronteiras da aldeia são geometricamente precisas, poderíamos afirmar que a cortante alteração da lógica espacial que se sente quando se atravessa a linha de fronteira entre o espaço natural e o espaço humanizado, faz com que os edifícios aparentem surgir do nada no preciso momento da entrada no povoado.



Figura 43 (foto do autor) – A aldeia revela-se progressivamente à medida que dela nos aproximamos.



Figura 44 (foto do autor) – A entrada da nova aldeia da Luz é bem definida, sendo marcada pelas empenas cegas dos edifícios.



Figura 45 (foto do autor) – os limites do povoado estabelecem a fronteira com a paisagem com um rigor matemático.

A clara mudança entre exterior e interior da aldeia é ainda sintomática da lógica urbana do povoado, que se nos apresenta como um compacto aglomerado e de fronteiras bem definidas; a entrada claramente desenhada não seria possível se os edifícios se dispersassem pelo terreno, ainda que sob uma forma organizada e criteriosa. Também não seria possível uma clara experiência de “estar dentro” da aldeia se as casas se encontrassem separadas entre si, permitindo sempre vislumbrar a paisagem. No caso da nova aldeia da Luz isto não acontece, pois as fachadas, coladas umas às outras, raramente abrem caminhos laterais que enquadrem a planície, sendo esta mais frequentemente visível no final das ruas principais pelas quais é possível entrar no povoado.



Figura 46 (foto do autor) – As ruas são perfeitamente retilíneas mesmo quando apresentam flexões.

Uma vez dentro da aldeia, e ao contrário do que acontece nos povoados tradicionais, apercebemo-nos da extensão do rigor aplicado ao desenho desta: as ruas são perfeitamente retilíneas, raramente existindo um momento de flexão; quando este eventualmente existe, está claramente apontado sob a forma de uma dobra no plano contínuo das fachadas. As fachadas, por seu lado, apresentam-se como réplicas umas das outras, repetindo-se constantemente ao longo da rua numa lógica de clara serialização, sensação que a continuidade dos telhados entre as várias casas reforça. À primeira vista, distingue-as apenas a cor das faixas que lhes emolduram os vãos e o embasamento, embora existam, como iremos analisar, várias tipologias de habitação.

De forma igualmente imediata, uma vez dentro da aldeia e novamente ao contrário do que acontece nos povoados de origem vernácula, apercebemo-nos ainda da largura das ruas: medindo cerca de 8 metros de fachada a

fachada nas ruas principais, o espaço é sempre amplo e iluminado, o céu, sempre visível, entrando pelas ruas. Devido à direcção rectilínea que as orienta e à largura da estrada que as definem, é quase sempre possível ver as ruas em toda a sua extensão, excepto na rara ocasião em que estas flectem a sua direcção. Ainda assim, a curva formada por esta flexão nunca é apertada o suficiente para que impossibilite continuar a discernir concretamente o destino da rua, mesmo que esse não seja um ponto notável na paisagem.

Embora nas ruas mais secundárias o percurso termine com a frontaria de um qualquer edifício, no caso das ruas principais o destino é a própria planície ou, no caso específico da Rua da Igreja, o pólo da igreja matriz, cemitério e museu; nestes últimos casos, mais claramente que nos primeiros, a facilidade de visualização do fim da rua incute ao lugar uma certa velocidade que favorece o movimento em detrimento da sedentarização naquele espaço. Esta sensação de mobilidade é ainda reforçada pelo material aplicado no pavimento: tanto os passeios como a estrada destinada ao trânsito automóvel são constituídos quase sempre pelo mesmo tipo de empedramento, embora a dimensão e o formato das pedras que constituem cada caso varie de um para o outro. Ainda assim, essa diferenciação não é o suficiente para evitar uma sensação de continuidade da estrada para o passeio, fazendo com que os pavimentos das ruas se leiam como um todo contínuo e sem distinção de funções. Devido a esta continuidade material, a rua vai ler-se por isso como um espaço meramente de passagem viária, sensação que será ainda duplamente reforçada pela ausência de um espaço de transição discernível entre a rua e as portas das casas que lhes confira um aspecto de estadia, uma vez que os passeios pedonais não



Figura 47 (foto do autor) – A presença do céu é constante e de tal forma imposta que se diria que engole aquele lugar.

conseguem comportar esta função. Conseqüentemente, as ruas da nova aldeia da Luz encontram-se muitas vezes desertas, fenómeno que a sua largura põe em evidência, pois permite que o olhar alcance mais longe e nos inteire de todo o seu comprimento.

A altura dos edifícios não excede os 3,80 metros, sendo baixa o suficiente para existir uma sensação de horizontalidade em toda a aldeia, à semelhança da que acontece nas aldeias tradicionais, apesar das casas destas últimas não se apresentarem tão altas. O céu é constantemente visível por cima dos telhados, qualquer que seja a direcção em que olhamos; dir-se-ia inclusivamente que o céu engole aquele lugar, de tal forma é tão marcada a sua presença. Embora pudéssemos atribuir a constante presença do céu à horizontalidade das casas, a verdade é que esta deve muito mais à amplitude das ruas que à altura das fachadas; apesar de, com 3,80 metros, dificilmente se poder dizer que as casas são altas, estas não são suficientemente baixas para que as possamos considerar rasteiras e horizontais. Contudo, a distância entre os dois planos de fachadas que constituem a rua é a suficiente para que, de um lado da estrada, possamos olhar para as habitações a nós opostas e ver o céu que por cima delas paira; quando situados no meio da rua e olhando ao longo da estrada, reparamos ainda que as habitações mantêm a sua altura constante, induzindo uma ideia de horizontalidade geral que, na verdade, só existe do ponto de vista da rua, visto que a largura desta é muito superior à altura do edificado, fazendo com que estes pareçam diminuir de tamanho.

A presença do céu é ainda responsável por outro tipo de experiência: tão afastadas uma da outra se encontram as fachadas que limitam aquele sítio, e tão maior é largura

da rua em relação à altura do edificado, que a presença de sombra é quase irrelevante de tão pequena que é a sua extensão no arruamento. Por este motivo, a persistente luz alentejana penetra na aldeia sem qualquer obstáculo, quase com tanta violência como se nos encontrássemos na paisagem, o que não acontecia nas aldeias tradicionais. As ruas da nova aldeia da Luz podem, por isso, caracterizar-se como expostas e algo áridas, o que em muito favorece o inculcar de movimento que já havíamos experienciado anteriormente quando nos debruçávamos sobre o traçado geométrico das ruas, estando os dois fenómenos claramente relacionados.

Após uma estadia mais prolongada na aldeia, e depois de percorrermos grande parte da sua área, apercebemo-nos mais claramente do rigor matemático que gerou aquele lugar: além da clonagem das fachadas, constante em toda a aldeia, também os passeios se mantêm com uma dimensão constante em toda a extensão do povoado; em determinados pontos onde é necessário resolver diferenças de cotas no espaço público existem escadas e rampas minuciosamente implantadas; as chaminés maiores que adornam as traseiras de alguns edifícios são, à semelhança das fachadas, de aspecto serializado e estilizado, apesar de inspiração tradicional; as fachadas encontram-se coladas umas às outras e tão precisamente alinhadas que, quando não existe uma alteração de direcção no vector da rua, é difícil distinguir onde começa uma e acaba a outra, unindo-as num plano único, característica a que a linha contínua dos beirados não será alheia, tornando muitas vezes indistinguível onde começa uma habitação e termina a outra e parecendo rematar a ambas com a mesma cobertura.



Figura 49 (foto do autor) – As chaminés mais cilíndricas, apesar de inspiração tradicional, são também cópias umas das outras.



Figura 48 (foto do autor) – O desenho dos candeeiros da aldeia da Luz não é de aparência convencional, tornando a sua presença nada indiscreta apesar de estes serem de pequena estatura.

Estes factores acusam um planeamento minucioso daquele lugar, raramente se descobrindo vestígios de uma presença de construção mais orgânica em algum ponto do povoado, pelo menos a uma macro escala, encontrando-se todos os elementos daquele conjunto no seu devido lugar: os materiais tentam claramente jogar uns com os outros, criando um conjunto coeso e regular, mas de tal forma repetitivo que se torna monótono. As casas apresentam sempre a mesma finalização e elementos comuns, tratados de igual forma; a repetição de códigos é constante em toda a aldeia, incutindo-nos um sentimento de monotonia gerada pela previsibilidade presente em todo o povoado. Para isto também contribui o mobiliário urbano que, por não ter um aspecto habitualmente encontrado em outras aldeias da zona, se destaca no conjunto e exacerba a ordem imposta; como exemplos desta afirmação temos o caso das placas que indicam o nome das ruas e os números das casas, além dos candeeiros de iluminação das ruas da aldeia que, fixados às fachadas das habitações, se repetem infinitamente em toda a extensão dos arruamentos do povoado. A sua baixa altura permite que o céu seja perfeitamente visível das ruas sem a interferência de grandes postes; percebemos assim que o engolir da aldeia pelo azul do céu se deve não só à amplitude das ruas, mas também à presença pouco marcada em altura dos candeeiros.

Embora a ordem matematicamente imposta na aldeia seja indistigável, é possível identificar, a uma micro escala, aspectos que fogem à austeridade da régua e do esquadro: não raras vezes, as fachadas da nova aldeia são ornamentadas com azulejos ou outros materiais descontextualizados que fazem as vezes das faixas coloridas que deveriam originalmente emoldurar os vãos e o embasamento das casas; também nos apercebemos de

chaminés pontuais brotando erráticamente de alguns telhados que, pela sua materialidade contrastante com a ordem do conjunto, se poderiam considerar de origem orgânica. Estes elementos são claramente adicionados pelos habitantes, à revelia do projecto inicial, numa presumível tentativa de personalização das suas casas e de adequação destas às suas vivências.

O exemplo que melhor ilustra esta afirmação será precisamente o das fachadas: dissemos já que estas se encontram integralmente coladas entre si e formam um plano único onde dificilmente se distinguem os limites entre as várias habitações que o constituem. Apesar de semelhante ao que acontece nas antigas aldeias, nestas últimas as fachadas não se reproduzem integralmente umas às outras, o que permite uma identificação fácil de cada casa. Na nova aldeia da Luz, nem mesmo os telhados apresentam qualquer diferença de cota entre uns e outros, aparentando serem partilhados por várias casas simultaneamente, ao contrário dos povoados de origem vernácula.

Isolando uma das fachadas percebemos mais claramente que emula de modo algo estereotipado a aparência de uma tradicional casa alentejana, sendo que a tipologia mais frequente na nova aldeia da Luz é a de porta ao meio ladeada de duas janelas, uma de cada lado, equidistantes em relação ao centro; existem ainda outras duas tipologias, maiores, onde em ambas se abre uma terceira janela, sendo que numa delas se abre ainda uma porta de garagem. Porém, estas três tipologias não são imediatamente distinguíveis quando inseridas no conjunto, sendo tão semelhantes entre si que acabam por reforçar o carácter industrial que caracteriza o plano das fachadas, sendo preciso algum tempo para nos apercebermos



Figura 51 (foto do autor) – As casas apresentam todas o mesmo tratamento e a mesma estrutura base, tornando o conjunto da aldeia austero.



Figura 52 (foto do autor) – As fachadas surgem de tal forma coladas entre si que cada telhado acaba por cobrir mais do que uma habitação.

totalmente das suas diferenças. Em termos de dimensões, dissemos já que a altura das casas de habitação ronda os 340 cm; a largura de fachada da casa padrão (a mais pequena, a de porta ao centro ladeada de ambos os lados por janelas) ronda os 815 cm; quanto às janelas e portas, estas apresentam constantemente as mesmas dimensões entre si, medindo as primeiras 110x77 cm e as segundas 220x88 cm, medidas superiores às que verificámos nas aldeias tradicionais.

Apesar de a distinção entre as fachadas não ser imediata, havíamos já referido que um dos poucos elementos que a permitia eram as faixas coloridas que emolduram os vãos, e cuja cor varia de habitação para habitação. Quando muito próximos da fachada, porém, é ainda possível distinguirmos a estria que separa uma habitação da outra. Embora esta seja de tal forma discreta à primeira vista que quase a poderíamos descartar como método de divisão, a verdade é que a localização da estria acaba por ser o método de distinção das fachadas que melhor define a lógica de agregação daquele espaço: de tal forma a agregação se assume como um colar de tipologias fabricadas em série, que a linha que as agrega tem que apontar claramente a zona de encaixe.

Presente ainda em todas as fachadas das habitações, e cortando a faixa que adorna o embasamento do edifício no chão, encontra-se a tampa que oculta a caixa que alberga os contadores da água, luz e gás; referimos este elemento porque, além de imediatamente óbvio, se regista por todas as habitações da aldeia, fazendo-se notar pela sua localização algo indiscreta e deselegante junto à porta que quebra a unidade da fachada. À semelhança da estria que agrega as habitações entre si, também esta peça, constante em toda a

povoação, acaba por expor inequivocamente o processo de produção industrial e serializado que fabricou aquele lugar, possivelmente de forma ainda mais explícita devido ao atabalhoamento da sua localização que carimba as fachadas como se estas tivessem saído de uma linha de montagem.

Percebe-se desde o primeiro momento que se olha para as fachadas da nova aldeia da Luz que existiu uma vontade de reproduzir alguns dos códigos das aldeias vernaculares daquela região no desenho das habitações: já havíamos percebido isso quando referimos anteriormente a estrutura das fachadas, muito semelhante à que se encontra em muitas casas da região, e quando destacámos as faixas que emolduram os vãos no exterior. Ainda assim, as casas da nova aldeia da Luz distanciam-se do seu aparente modelo de referência em alguns pontos: embora se apresentem cobertas de um telhado de duas águas em tudo semelhante aos das aldeias vizinhas, não existem nas casas da nova aldeia chaminés que marquem o plano das fachadas, sendo estas substituídas por pequenas e discretas sucedâneas; existem eventualmente reproduções das chaminés alentejanas em alguns dos pátios que rematam as traseiras das casas, embora estas mantenham, conforme já foi referido, uma aparência algo serializada. Esta alteração é uma consequência da mudança de posição da cozinha no plano das novas casas, divisão à qual estava associada a chaminé. Enquanto nas aldeias tradicionais esta era a divisão por onde se entrava para a habitação, fazendo com que as robustas chaminés aparecessem como um elemento de fachada, na nova aldeia isso não acontece, remetendo-se a cozinha e a chaminé para uma posição mais recuada.



Figura 53 (foto do autor) – Fachada de casa tradicional alentejana semelhante ao modelo usando na nova aldeia da Luz.

Assim, a composição formal das casas, embora com claros traços do seu modelo base que pretende reproduzir, acaba por se aperceber como uma cópia algo elementar dos códigos mais estereotipados da arquitectura alentejana tradicional, que eventualmente não poderão ser considerados os mais definidores desse tipo de construção.

Também nos materiais se nota a diferença para com as originais casas alentejanas que serviram de modelo a estas novas habitações: apropriando-se de métodos de construção modernos, as casas da nova aldeia da Luz são edificadas através de um sistema simples de pilar e viga em betão preenchido por tijolos industriais.⁹⁶ Como acabamentos, foram aplicados rebocos pintados às paredes, de finalização perfeitamente lisa. De novo, o trabalho de construção reflecte a serialização do edificado também através dos materiais que, sendo precisamente aplicados, não dão espaço a qualquer diferenciação entre as casas cuja estrutura raramente se altera. A invariável aplicação destes métodos construtivos, mas principalmente do dos acabamentos dos materiais, são a fonte de uma certa sensação de frieza que aquelas casas nos impõem.

A precisão do traço e a constante serialização dos elementos que constantemente temos referido abordam, aliás, um tema que já tocámos levemente nos parágrafos anteriores e que é demais evidente na nova aldeia da Luz: o espaço da aldeia está claramente submetido a um plano geral concretizado todo na mesma altura, impedindo a sua ainda juventude de contar uma história. O estado de conservação das edificações que compõem a aldeia é idêntico em todas elas, não existindo por enquanto

⁹⁶ Como se pode ver em: MOURÃO, Catarina – *A minha aldeia já não mora aqui*, Portugal, 2006

qualquer sinal de envelhecimento que possa distinguir os espaços pelas suas diferentes idades; o factor idade certamente os ajudaria a ganharem uma personalidade individual por que parecem pedir, e que é demais evidente no caso das casas de habitação, de tal forma são indistinguíveis umas das outras.

A ainda infância da nova aldeia da Luz põe por isso em evidência, e mais uma vez, o carácter artificial daquele lugar: o envelhecimento em simultâneo e idêntico a todas as habitações da povoação, além de não ajudar a conferir personalidade ao edificado individualmente, não permite a confrontação de áreas mais antigas com outras mais recentes da aldeia, dificultando dessa forma um forjar histórico do crescimento daquele lugar. Essa confrontação é obviamente impossibilitada pelo plano gerador daquela povoação que, tal como seria de esperar num projecto de larga escala que é delineado por uma pessoa ou uma equipa fixa, além de uniformizar ao máximo o espaço desenhado, vai com certeza construí-lo todo de uma assentada, erguendo-se os edifícios conjuntamente no mesmo espaço de tempo. No caso particular da aldeia da Luz este sintoma do plano urbano de larga escala é francamente óbvio e muito fortemente sentido, não só porque a clonagem dos elementos das fachadas as tornam indistinguíveis, mas porque o envelhecimento simultâneo e idêntico em todas as fachadas não as ajudam a ganhar um carácter distinto das demais, submetendo toda a superfície da aldeia àquela estandardização austera e omnipresente.

No centro da aldeia, contudo, encontra-se um conjunto de edifícios de carácter excepcional que se destaca das demais casas de habitação familiar, partilhando com estas apenas a cor branca que o reveste. Destes vários edifícios, o mais reconhecível será a igreja



Figura 54 (foto de autor desconhecido) – A igreja do interior da aldeia.



Figura 55 (foto do autor) – Centro de dia.



Figura 56 (foto do autor) – Pavilhão polivalente

que, de traços claramente modernos, se instala no canto Nordeste da Praça 25 de Abril, centro público e social do povoado; os outros, de traço igualmente contemporâneo, são o centro de dia, situado atrás de uma fileira de casas a Este da praça e cuja fachada dá para um pequeno largo que serve o edifício, e o pavilhão polivalente, que limita a praça 25 de Abril a Oeste. É também no centro que se encontram a maioria dos outros estabelecimentos públicos que servem a população, sejam eles cafés ou mercearias, funcionando aquela praça por isso como um pólo aglutinador da vida social da nova aldeia da Luz.

A nossa análise aos edifícios de excepção na nova aldeia da Luz não estaria porém concluída sem uma referência ao pólo da Igreja Matriz, do Museu e do Cemitério que encontramos no extremo Este da aldeia, já um pouco afastados do povoado; percorrendo uma das ruas principais através do povoado, a Rua da Igreja, chegamos a um ponto em que a paisagem se volta a destacar no horizonte, marcando a saída do povoado. Contudo, a paisagem é marcada pela presença da igreja e do cemitério situado num ligeiro morro próximo à igreja que, apesar de já estarem fora dos limites claros da aldeia, parecem ainda pertencer-lhe. Apenas quando nos encontramos muito próximos deste pólo nos deparamos com a presença do museu que, meio submerso na colina que o aloja, permanece invisível até ao momento em que quase tropeçamos na sua presença.



Figura 57 (foto de autor desconhecido) – Pólo da igreja, cemitério e museu da nova aldeia da Luz.

Ao contrário do que acontece na aldeia, nenhum dos três elementos constituintes deste pólo parece ser a reprodução de um modelo exterior, tendo cada um deles uma personalidade própria e intransmissível dentro do conjunto. A presença deste pólo acaba por se revelar enigmática quando em comparação com o desenho

rigoroso e intransigente aplicado na aldeia; a sua ligação com o conjunto do povoado é facilmente compreendida pela sua proximidade e ligação, mas a disparidade na expressão arquitectónica entre ambos separam-nos em dois espaços de carácter totalmente diferente. Assim, enquanto no caso da aldeia propriamente dita a replicação e uniformização industrial dos edifícios é constante e define a experiência essencial daquele espaço, no caso do pólo exterior a individualização dos três elementos incute àquele lugar um carácter excepcional que, pela sua localização já fora dos limites do povoamento, estabelece entre este e a paisagem uma ligação fortemente simbólica.

O pólo acaba por se inserir misteriosamente na planície alentejana, uma vez que, sendo ainda um espaço claramente humanizado, goza de uma vista ampla sobre toda a paisagem envolvente, apesar de esta se encontrar ainda limitada de um lado pela barreira formada pelo casario da aldeia; assim sendo, o carácter próprio deste lugar passa por ser o de um miradouro que, saindo da aldeia, contempla a paisagem e proporciona ao povoado um espaço que parece ser de meditação. Esta caracterização do lugar só é possível pela disposição dos elementos que o constituem em relação uns aos outros e pela presença que cada um deles marca: a interacção da igreja matriz com o cemitério, ambos carregados de simbolismo religioso e ambos de traçado tradicional, contribuem para um forte sentimento de silêncio e recolhimento a que a paisagem alentejana convida. O museu, inicialmente imperceptível e aparentemente consciente desta relação entre a igreja e o cemitério, enterra-se no solo e deixa-os dialogar entre si; o único vestígio primeiramente visível da sua presença é por isso a sua cobertura que serve de plataforma para perscrutar o

horizonte e que sugere a presença de um edifício que, caso queiramos, podemos visitar.

Por fim, existe ainda uma última característica importante na paisagem envolvente à nova aldeia da Luz que importa ainda abordar e que muito intimamente se relaciona com o pólo que acabámos de descrever: a água; quando chegados ao final da Rua da Igreja que atravessa toda a povoação, transposta a última casa e a linha que define o limite exterior da aldeia, deparamo-nos novamente com a paisagem alentejana em todo o seu esplendor; somos, contudo, confrontados com a inesperada e algo fantasmagórica presença do grande lago do Alqueva.

A estranheza sentida quando se encara aquele grande lago parte de vários factores que o apontam à primeira vista como uma presença desenquadrada e, após alguma análise da envolvente, como claramente artificial; embora não sejam imediatamente tangíveis, os sinais que desmascaram a artificialidade daquele lago são evidentes após algum estudo e a sua identificação altera a forma como acabamos por olhar o lugar.

Referíamos anteriormente que, embora a paisagem alentejana se caracterize como uma planície, o terreno não se estende perfeitamente plano pelo horizonte; assim, o terreno ondula suavemente paisagem fora, formando ligeiras colinas onde descansam várias plantações agrícolas ou aglomerados de árvores que, pela sua natureza organizada de plantação, acabam por conferir à peneplanície alentejana a sua característica monotonia de deserto que temos presente. A presença daquele lago, porém, alisa as irregularidades do terreno, transformando o que dantes seria um constante ondular num plano que apenas ocasionalmente é quebrado com uma eventual ilha, fruto do topo de uma das colinas que anteriormente

adornavam a paisagem. A presença dos sobreiros ou das oliveiras que outrora moldavam aquele lugar e o uniformizavam, tornando-o coeso como num deserto mas sem nunca lhe retirar a textura, é agora totalmente erradicada; a água que as substitui consegue ordenar a paisagem, mas fá-lo de forma totalmente diferente: além do alisamento das colinas, que torna a paisagem muito mais polida, as copas das árvores que se diferenciavam entre si e reflectiam a luz e as sombras de forma organizada mas individual dão agora lugar à água que cobre toda a superfície da planície de forma idêntica, não permitindo uma tão grande variedade de nuances.

O lago ganha ainda uma certa dimensão ameaçadora quando nos apercebemos que entra directamente e sem contemplações pelos campos agrícolas dentro, sem a presença de um qualquer espaço de transição entre a água e a terra firme. A ausência desta transição é desconcertante, transmitindo-nos não só a origem fabricada daquele lago, como ao mesmo tempo nos sublinha a violência calma da sua invasão àquele lugar, antes seco. A falta de um espaço de transição é mais claramente sentida quando nos aproximamos da água, chegando ao seu limite sem nunca ter sentido nos nossos passos qualquer diferenciação no tipo de solo que percorremos; existe apenas um humedecer da terra à medida que nos acercamos da margem, mas que, perante a inexistência de um novo tipo de terreno que pudéssemos distinguir, não chega para sentirmos uma aproximação natural ao lago. O chão vai por isso ganhando um carácter instável e imprevisível à medida que nos aproximamos da beira da água, provocando gradualmente um sentimento de alguma insegurança.



Figura 58 (foto do autor) – O Monte dos Pássaros, em frente ao museu; a presença da água é imponente naquela paisagem outrora monótona e previsível.

O contraste sentido não se fica, contudo, pelo solo: também entre o clima que ali se faz sentir e a paisagem envolvente parece existir uma contradição. Sabemos que no Alentejo, apesar de muito fortes, as chuvas não são frequentes, mesmo no Inverno; assim sendo, o calor que se faz sentir na maior parte dos meses pode ser de tal forma abrasador que um lago daquelas dimensões no meio de uma planície maioritariamente árida parece descontextualizado.

Apesar de não ser assim tão raro encontrar na planície alentejana algumas concentrações de água, a verdade é que não é muito natural encontrarmos uma tão grande superfície daquele elemento no meio da peneplanície. A presença da água em tão grande quantidade irá com certeza, e conforme se pretende, alterar o micro clima daquela zona, adaptando-o e oferecendo-lhe um carácter diferente do que hoje pode ser experienciado, podendo inclusivamente moldar zonas de transição entre a água e a terra que hoje não existem, adoçando as fronteiras entre os dois elementos e integrando-os harmoniosamente com uma nova paisagem. Existe ainda a possibilidade de um crescimento mais desenfreado de vegetação naquela zona (que parece começar já a verificar-se), o que contribuiria igualmente para alteração da experiência da peneplanície e que modificaria certamente a experiência do lugar.

A alteração do clima é contudo importante para a análise do Genius Loci daquela paisagem; abordámos anteriormente, com base na obra de Norberg-Schulz, a forma como as características próprias das paisagens influenciam grandemente a nossa experiência do seu espaço. Orientados pelo pensamento de Schulz, chegámos então à conclusão que esta região absorvia em

si muitos dos princípios por ele enunciados para caracterizar a paisagem cósmica, cujo deserto era o seu principal arquétipo.

A água presente na paisagem, até agora genuinamente alentejana, torna-se por isso como um elemento desenquadrado e surpreendente na planície. Contudo, ainda a propósito da comparação da planície alentejana com a paisagem cósmica estabelecida por Norberg-Schulz, havíamos também abordado anteriormente o possível carácter clássico presente naquela paisagem. Refere-nos Norberg-Schulz que o espaço clássico é caracterizado pela conjugação harmoniosa de vários espaços com características individuais numa grande paisagem que a todos abarcasse. Ao contrário da paisagem cósmica e da sua previsibilidade, a paisagem clássica, embora não contendo em si elementos que provoquem necessariamente surpresa, não partilha da monotonia da primeira, estabelecendo relações entre lugares com diferentes características. A inserção do elemento água naquela paisagem tipicamente alentejana e maioritariamente cósmica tende por isso a transformá-la numa paisagem de carácter mais próximo ao clássico. Apenas a relação tensa entre a água e a terra, que se faz sentir no local devido à inexistência de um espaço de transição entre os dois elementos, impede que se sinta a paisagem como verdadeiramente clássica, dificultando a sua identificação e tornando-a por isso mais instável; finalmente, a presença de copas de árvores afundadas que brotam parcialmente das águas inspira-nos ainda uma carga melancólica que se faz sentir muito fortemente quando contemplamos a planície, especialmente quando nos encontramos no pólo da Igreja Matriz, onde as águas parecem ganhar uma presença mais simbólica e contraditória com a paisagem.

4. O
PASSADO
E O
PRESENTE

4.1 - Comparação das Aldeias tradicionais à nova aldeia da Luz

Tendo descrito a experiência vivenciada tanto nas aldeias alentejanas tradicionais, onde incluímos a antiga aldeia da luz, agora submersa, como na nova aldeia da Luz, procedemos seguidamente à comparação entre ambas, com o objectivo de perceber concretamente quais as diferenças entre si e quais as consequências que poderão ter advindo das alterações executadas na construção do novo povoado em relação ao seu modelo original; procurar-se-á, desta forma, encontrar uma resposta concreta que possa justificar a estranheza globalmente sentida pelos que visitam e habitam a nova aldeia.

Inserindo-se, tanto um caso como o outro, na peneplanície alentejana, e visto que a localização de ambas não dista muito uma da outra, a paisagem que percorremos até chegar a cada uma das povoações é a mesma; projectando-se pelo horizonte dentro, a grande planície alentejana vai ondulando as suas colinas lavradas de cereais ou cobertas de oliveiras ou sobreiros, que fazem com que o percurso seja um subir e descer suave e sistemático, abarcando a paisagem na sua totalidade quando no topo de um dos ligeiros morros da planície e perdendo alguma amplitude de visão quando na base deste.



Ilustração 7 (desenho do autor) – revelar de uma aldeia alentejana tradicional.



Figura 59 (foto do autor) - o revelar das formas do povoado é semelhante nas duas aldeias.



Figura 60 (foto: Marco Coelho) – Aldeia tradicional



Figura 61 (foto do autor) – Nova aldeia da Luz. Em ambas as aldeias a linda de fronteira com a planície é bem definida.

Embora os declives inerentes à topografia da região não sejam muito acentuados, são o suficiente para que um ponto particular da paisagem que se situe a uma média distância do local onde nos encontramos se oculte totalmente quando atrás de uma destas colinas. Este fenómeno é o grande responsável pelo sucessivo revelar e ocultar das aldeias alentejanas que se verifica tanto no caso da antiga aldeia como da nova.

Percorrendo a planície, a chegada à aldeia pauta-se, em ambos os casos, pela sua parcial revelação quando, do topo de um dos morros, vislumbramos, ainda ao longe, uma mancha branca, compacta e de fronteiras bem definidas pontuando a monótona paisagem alentejana. Aproximando-nos gradualmente do povoado o característico subir e descer daquela planície revela e oculta progressivamente o edificado que, com a proximidade ao local, se vai revelando cada vez mais definido nas suas formas.

A primeira diferença entre as duas aldeias surge neste momento de aproximação ao povoado: apesar de os dois locais não distarem muito entre si, na aproximação à nova aldeia da Luz a presença da água do grande lago do Alqueva altera a forma como enquadrámos aquele local, dantes seco. A paisagem alentejana, que considerámos como *cósmica* segundo os padrões estabelecidos por Norberg-Schulz, fica deste modo mais próxima de uma paisagem *clássica*, distinguindo as duas experiências de chegada a cada aldeia não pela forma aparente dos povoados em si, mas pelo meio em que cada um se insere. Enquanto na antiga aldeia a nossa atenção era apenas focada pelo aglomerado que se destacava na paisagem, ela é agora dividida entre este e a grande superfície de água que o enquadra. Ainda assim, e apesar da variação

no espírito da paisagem local, a experiência de chegada acaba por não ser radicalmente diferente.

Tanto no caso das aldeias tradicionais como na nova aldeia da Luz, a entrada no espaço do povoado é claramente definida e marcada por uma alteração do ambiente que agora nos envolve, sendo a paisagem alentejana rapidamente ocultada pelas fachadas das casas quando se dá o atravessamento do limite exterior da aldeia.

É neste momento que as diferenças mais radicais entre os dois povoados se começam a fazer sentir. Apesar de em ambos os casos a estrada por onde vimos seguindo se transformar numa rua da aldeia e de se distinguir claramente o momento de transição do exterior para o interior do povoado, nas aldeias de natureza vernácula a pequena dimensão das ruas faz com nos sintamos a entrar num abrigo acolhedor. Na nova aldeia da Luz, por outro lado, as ruas medem o dobro da largura das aldeias tradicionais, o que faz com que em vez de uma sensação de acolhimento nos continuemos a sentir expostos aos elementos naturais, mesmo dentro da aldeia.

Além desta diferença importante, na nova aldeia da Luz as empenas totalmente cegas dos edifícios que formam a linha de fronteira do povoado com a planície parecem ler-se como barreiras, tornando-se um limite extremamente brusco e cortante com o meio.

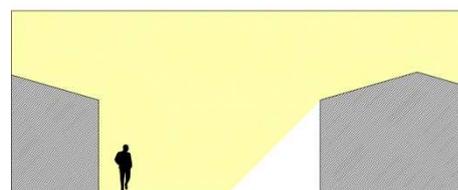
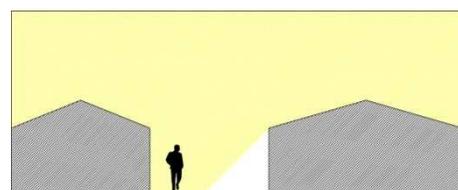
A sensação de exposição sentida na nova aldeia não se limita, contudo, ao momento de entrada no povoado. Enquanto nas aldeias tradicionais a largura das ruas oferecia um acolhimento apenas possível devido à sua reduzida escala e pouca altura do edificado que fazia com que a sombra projectada no chão fosse significativa, esta



Figura 62 (foto do autor) – A linha de fronteira com a planície das aldeias tradicionais, apesar de bem definida, é de natureza orgânica.



Figura 63 (foto do autor) – Na nova aldeia da Luz a linha de fronteira com a planície é rigorosamente recortada e de natureza mais artificial que nos povoados tradicionais.



Esquema 1 – Apesar de as sombras projectadas serem sensivelmente do mesmo tamanho nas duas aldeias, a largura da nova aldeia da Luz faz com que estas sejam menos significativas neste povoado.

vai-se dissipar na nova aldeia; embora neste último caso a sombra projectada seja de proporções semelhantes, esta vai parecer mais pequena quando deitada sobre a rua da nova aldeia, pois não a consegue cobrir de um lado ao outro como acontecia nas tradicionais.



Figura 64 (foto do autor) – As ruas nas antigas aldeias são estreitas, fazendo com que a sombra ganhe um papel mais relevante no acolhimento daquele lugar.



Figura 65 (foto do autor) – As ruas excessivamente largas são muito expostas em comparação com as dos antigos povoados, e por essa razão não transmitem a mesma sensação de abrigo que deveriam.

Porém, e ainda que reduzida, a altura das habitações na nova aldeia da Luz é maior do que nas tradicionais aldeias alentejanas. Enquanto nestas últimas os edifícios não são mais altos que uma pessoa, o que confere às habitações um carácter rasteiro e agarrado ao chão que permite que o céu seja subtilmente visível por cima dos telhados, relacionando assim o povoado de igual forma com o céu e a terra⁹⁷, na nova aldeia da Luz, a altura dos edifícios, sendo mais elevada do que no caso das aldeias tradicionais, não permitiria uma visibilidade clara do céu caso a rua não fosse também mais larga. É esta largura em excesso que, ao permitir uma maior distância de afastamento às fachadas, faz com que estas pareçam mais baixas do que aquilo que realmente são e que o céu seja por isso igualmente visível por cima dos seus telhados. Assim, enquanto nas aldeias tradicionais a ideia de horizontalidade do edificado é clara e honesta, sendo uma consequência da altura rasteira desses povoados, na nova aldeia da Luz ela é meramente aparente e só é possível devido à grande largura entre fachadas, já que se nos colocarmos ao lado destas casas percebemos que não são de facto baixas.

A presença do céu nas aldeias tradicionais acaba por ser uma manifestação da grande planície alentejana onde ainda nos encontramos, apesar de esta nos ser escondida pelas habitações do povoado e o seu agressivo calor atenuado pela sombra projectada pelas fachadas. Deste

⁹⁷ Como pode ser lido em detalhe na página 39 desta dissertação.

modo, as aldeias tradicionais, embora nos protejam e acolham no seu seio, nunca deixam de nos lembrar subtilmente o ambiente que austeramente nos ameaça e onde, caso não existisse o povoado para nos resguardar, dificilmente poderia existir vida humana. Este aspecto essencial da aldeia alentejana tradicional depende directamente do equilíbrio entre as proporções das várias formas que constituem o seu espaço. O céu é constantemente visível, mas nunca se impõe no espaço da aldeia, permanecendo sempre em segundo plano.

Assim, ao ampliar a largura das suas ruas para o dobro, a nova aldeia da Luz não mantém esse equilíbrio, antes contraria-o. Esta subversão tem como consequência directa a extinção da sensação de abrigo que as antigas aldeias ofereciam aos seus visitantes e substitui-a por uma constante exposição aos elementos que não seria suposto existir. O céu entra agora sem contemplações pelo povoado dentro e impõe-se no espaço da aldeia.

Esta contradição, encontrada quando se compara a experiência de estar nas duas aldeias, é particularmente importante quando pensamos no meio em que ambas se inserem; o clima alentejano, conforme já havíamos referido, é de Invernos curtos e, principalmente, de verões muito quentes e longos, sendo esta última estação a que mais facilmente relacionamos àquela paisagem e que lhe aparece tradicionalmente associada.⁹⁸ Faz parte da função da aldeia alentejana ser um abrigo ao sol abrasador que se faz sentir impiedosamente na planície, oferecendo ao Homem um lugar onde se refugiar.

Em suma, a alteração da distância entre fachadas nas ruas da nova aldeia da Luz é a suficiente para que

⁹⁸ Como pode ser lido na página 35 desta dissertação.

esta se torne o exacto contrário daquilo que as aldeias tradicionais alentejanas representam.

Além da questão da escala, a outra grande diferença entre as aldeias tradicionais e a nova aldeia da Luz prende-se com o rigor aplicado em cada uma. Recordando novamente as fachadas cegas que se nos apresentavam à entrada da nova aldeia e que recortavam fria e geometricamente a sua fronteira, constatamos que são apenas um dos muitos sintomas nela presentes que acusam o seu nascimento de um plano global minuciosamente desenhado e sem grande espaço para espontaneidade.

No caso das aldeias tradicionais alentejanas, as casas que formam a linha de limite que separa o interior do exterior do povoado nunca traçam a fronteira de modo matematicamente preciso, adoçando-a através de formas mais irregulares e fragmentadas, reflectindo uma natureza orgânica que faz adaptar as novas casas à pré-existência de outros edifícios e do terreno.

Um primeiro olhar sobre as ruas da nova aldeia da Luz reflecte novamente esse rigor do plano; além de francamente largas e expostas, as ruas da nova aldeia da Luz são traçadas de forma perfeitamente geométrica, manifestando-se sob a forma de perfeitos segmentos de recta. Esta forma permite visualizar sempre o final das ruas, o que incute no sujeito uma vontade de movimento que transforma o espaço da rua num mero canal de passagem.

Apesar de nas ruas de uma aldeia tradicional alentejana a direcção se apresentar igualmente marcada e clara, o rigor é suavizado pelas irregularidades na implantação dos edifícios, cujas fachadas, apesar de se

ordenarem de forma regradada, ora avançam ou recuam ligeiramente da linha que os orienta. Estas irregularidades permitem ainda a formação de ligeiras curvaturas que ocultam o destino final da rua.

As ruas destas aldeias não incutem, por isso, uma velocidade ao andamento que seria gerado pelo visualizar de um objectivo final a que seríamos impelidos a chegar. Sendo estreitas e sem um objectivo desde logo claro, as ruas das aldeias tradicionais são, por isso, propícias a sedentarização, mesmo que não a impliquem necessariamente de forma directa.

Se recordarmos a necessidade de intimidade no interior das casas alentejanas, lembrar-nos-emos certamente que estas obrigam a que o espaço em frente à habitação sirva como a sua sala de visitas. Por essa razão, facilmente percebemos que a forma das ruas das aldeias tradicionais servem mais as vivências daquele espaço do que à primeira poderia aparentar. Embora uma rua implique sempre uma certa noção de movimento, a pouca largura das vias que compõem as aldeias tradicionais alentejanas e as ligeiras curvaturas que tornam aquele espaço mais reservado, oferecem um recolhimento às ruas que lhes permite assumir esse papel de natureza mais sedentária de zona de estar.

A nova aldeia da Luz, por outro lado, ao ser cruzada por ruas largas e expostas, não permite esse papel mais estático que as ruas das aldeias tradicionais oferecem, antes contraria-o, expondo os seus habitantes à luz abrasadora da planície e quebrando desde logo a sensação de aconchego que deveria ter sido mantida. O traçado perfeitamente rectilíneo das ruas da nova aldeia vai ainda expor o sujeito aos olhares mais indiscretos dos próprios habitantes, que conseguem aqui mirar a rua de



Figura 66 (foto do autor) – As ruas das antigas aldeias, apesar de serem espaços canal, permitem uma estadia no local.



Figura 67 (foto do autor) – As ruas na nova são de tal forma direccionadas que impelem a um movimento rápido de atravessamento, assemelhando-se a rampas de lançamento.



Figura 68 (foto do autor) – As pedras de soleira marcam a entrada das casas nas aldeias tradicionais e permitem um espaço dedicado à estadia exterior dos habitantes, pois estabelecem uma diferenciação no tipo de pavimentos.



Figura 69 (foto do autor) – Os passeios na nova aldeia da Luz não conseguem oferecer às casas uma zona de convívio exterior porque os materiais que o compõem são iguais aos da estrada de circulação automóvel e não conseguem estabelecer uma diferenciação de funções.

alto a baixo, além de o impelir a percorrer o caminho de uma assentada, como já tínhamos referido.

Lembre-mo-nos ainda que uma casa alentejana estabelece com o seu habitante uma forte relação de intimidade, onde esta aparece como o culminar de um processo gradual de aconchego que se inicia com a entrada na aldeia. O espaço interior, estando reservado quase em exclusivo ao morador, necessita por isso que o exterior o apoie como lugar para receber as visitas do dia-a-dia. Este espaço materializa-se, nas aldeias tradicionais, sob a forma da pedra de soleira que dignifica muitas vezes a entrada para a habitação.

Ao impedir a estadia daquele acto social à porta das casas, as ruas da nova aldeia da Luz impossibilitam uma vivência essencial e intrinsecamente ligada às aldeias tradicionais daquela zona.

É verdade que, ao contrário do que acontece nas aldeias tradicionais, a nova aldeia da Luz dispõe de passeios pedonais em praticamente todas as ruas, factor que poderia propiciar a sedentarização naquele espaço e transformá-lo na zona de recepção das novas casas. Contudo, existem algumas razões para que os passeios não consigam responder a essa necessidade.

O primeiro é, obviamente, a exposição resultante da largura das ruas que impede que se tire partido desta possível mais-valia para um instalar dos habitantes à porta das suas casas.

Os materiais que compõem os pavimentos na nova aldeia da Luz também não são alheios a essa impossibilidade. Se nas aldeias tradicionais alentejanas a instalação de uma pedra de soleira à entrada da porta fazia

a distinção entre o espaço de estrada de terra batida, mais macio e poeirento, e o espaço de estar, mais duro e limpo, na nova aldeia da Luz essa distinção não existe, apesar da presença dos passeios para peões, uma vez que o pavimento é igual na zona de circulação automóvel e nos passeios pedonais, existindo apenas um degrau para distinguir os dois, o que é visualmente insuficiente.

Deste modo, o passeio pedonal e a estrada lêem-se como uma só superfície sem qualquer distinção. A inexistência de uma alteração de material que permitisse ao tacto, através da sua consistência, distinguir entre o espaço público de passagem e o semi-privado que dignifica a entrada também não propicia essa vivência clássica das aldeias tradicionais alentejanas.

Ainda relacionado com os passeios, a sua presença generalizada por toda a nova aldeia da Luz, de novo aliada à grande largura das ruas, cria também um fenómeno de uniformização em todas as vias do povoado. Não existem diferenças significativas entre as ruas secundárias e as principais, sendo que a mais clara e única que se percebe imediatamente será a presença de laranjeiras nestas últimas, o que verificámos acontecer também nos povoados tradicionais da região.

Nas aldeias tradicionais alentejanas, conforme já havíamos analisado, existe uma hierarquização das ruas que é marcada não só pela sua dimensão, mas também pela linguagem nelas usada; assim, uma rua relevante numa aldeia tradicional é a única ou das poucas guarnecidas por passeios pedonais. Esses passeios nunca se constituem do mesmo material da estrada, existindo muitas vezes inclusivamente uma área de transição entre esta e o passeio propriamente dito num material diferente dos outros dois.



Figura 70 (foto do autor) – As ruas de carácter excepcional nas aldeias tradicionais são imediatamente reconhecíveis do conjunto pela sua maior dimensão e materialidade diferente.



Figura 71 (foto: Nuno Fernandes) – Na nova aldeia da Luz é por vezes difícil perceber imediatamente quais as ruas principais e as secundárias, uma vez que as dimensões das ruas não variam tantas vezes. Apenas as laranjeiras pautam a excepcionalidade deste tipo de ruas.



Figura 72 (foto do autor) – a nova aldeia da Luz apresenta ruas perfeitamente direccionadas e com poucas flexões.

Assim, ao serem colocados passeios em todas as ruas que constituem a nova aldeia da Luz, dilui-se a hierarquia e distinção entre arruamentos principais e secundários que existia no antigo povoado e que se verifica também nas outras aldeias tradicionais.

Transversal a todas estas diferenças encontra-se a diferença de rigor aplicada em cada um dos casos. Esta diferença é de resto evidente quando analisamos e comparamos em planta o desenho os dois povoados; enquanto a antiga aldeia parece ser fruto de um desenho à mão livre, a nova parece subjugada sob uma ordem de regra e esquadro.



Figura 73 (foto do autor) – as antigas aldeias, apesar de orientadas por uma regra e um sentido de organização claros, apresentam uma aparência orgânica e que se percebe ter sido construída ao longo dos tempos.

Enquanto no caso da nova aldeia da Luz a povoação nasce de um projecto planeado e implantado na totalidade e de uma só vez, a antiga, e outras aldeias alentejanas tradicionais, nasceram de forma espontânea e cresceram progressivamente até atingirem o conjunto que hoje se nos apresenta. Por se tratar do produto de um crescimento lento e não planeado, as antigas povoações não apresentam um rigor implacável como a nova aldeia da Luz, antes um crescimento coordenado e organizado, mas que se percebe espontâneo e que deixa no povoado marcas de personalidade própria. Assim, enquanto a direcção das ruas na nova aldeia da Luz é nitidamente geométrica, nas antigas aldeias alentejanas tradicionais a clareza que se verifica em planta é menos evidente no terreno, pois as suas ruas não seguem rectilineamente, mas formam ligeiras curvaturas que impedem discernir tão cedo o destino a que o nosso percurso conduz. Por este motivo, as ruas das aldeias tradicionais têm um carácter mais sinuoso.

Esta diferença torna-se ainda mais óbvia quando nos apercebemos, através da comparação entre as plantas,

que o desenho da nova aldeia da Luz é uma cópia quase integral da antiga aldeia: a relação entre as ruas mantém-se inalterada, os volumes das casas são essencialmente os mesmos, não havendo quase nada que pareça distinguir os dois casos a não ser o rigor e a escala aplicados a cada caso.

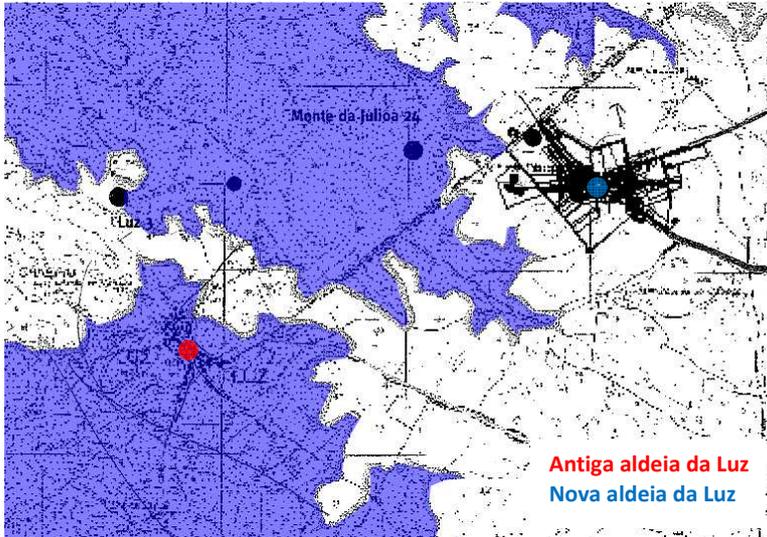


Figura 75 – Localização de ambas as aldeias no mapa.

A reprodução da planta da antiga aldeia da Luz levada a cabo no plano da nova, contudo, levanta uma outra questão importante; uma cópia em planta de tal forma fiel à do povoado pré-existente parece à partida tentar manter as vivências que essa malha proporcionava. Ao analisar a posição da antiga e da nova aldeia, contudo, deparamo-nos com uma alteração da orientação da aldeia, como se esta torcesse a sua posição na mudança de um sítio para outro. Este detalhe é relevante, pois reproduzir a ordem de uma planta que se encontra submetida a uma posição geográfica precisa e alterar-lhe a orientação em relação aos pontos cardeais provoca confusão na mente das pessoas que habitam aquele espaço; uma rua que originalmente estaria apontada para Sudeste e se encontra agora direccionada a Oeste, ou a relação da aldeia com o



Figura 74 – Planta da nova aldeia da Luz.



Figura 76 – Planta da antiga aldeia da Luz.

Se alinharmos as plantas de ambas as aldeias percebemos que a nova é uma réplica da primeira; contudo, quando as vemos implantadas, percebemos que a nova aldeia da Luz sofre uma rotação em relação à primeira.

nascer e o pôr-do-sol, por exemplo, altera profundamente o entender do lugar para aqueles que com ele estavam familiarizados e afecta a forma como os habitantes deste povoado se relacionam com o espaço à sua volta, não apenas com o da aldeia, mas principalmente com a planície envolvente onde esta se insere⁹⁹. Esta alteração é tanto mais relevante se pensarmos que a paisagem que os habitantes da nova aldeia da Luz conheciam foi ainda fortemente alterada pelo lago artificial do Alqueva, que submergiu pontos geográficos de referência para a orientação na planície¹⁰⁰. A alteração da orientação impressa no povoado, só possível de detectar quando comparando a localização da antiga com a nova aldeia da Luz e a forma como estas se instalam na paisagem, subverte por isso aquela que, à primeira vista, parecia uma vontade de manter inalterados (ou quase) os costumes e vivências daquela população através da cópia da planta do antigo povoado.

Essa vontade surge igualmente patente no desenho das fachadas da nova aldeia, que parece citar um exemplo de arquitectura vernácula alentejana. Contudo, o modelo escolhido, além de algo estereotipado e de não corresponder ao exemplo mais frequente de casa

⁹⁹ (...) A velha Luz apresenta aos seus habitantes “marcas de paisagem” identitárias impossíveis de transpor: a disposição das tapadas e dos poços, a leve ondulação do terreno que delimita a aldeia a leste e a norte, ou o recorte dos três pinheiros que sobressai no horizonte. A evocação destas marcas na paisagem funciona como um código que delimita o espaço construído e o espaço natural/agrícola.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 105

¹⁰⁰ “Com os seus mapas cognitivos e memórias da paisagem circundante completamente alteradas, é às gerações mais velhas que o panorama das águas mais impressiona, quando reconhecem que “agora já não me sei bem orientar; procuro coisas que já estão debaixo de água e que dantes a gente conhecia tão bem!” PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003, P. 43

alentejana encontrado nas aldeias tradicionais, é aplicado em série por toda a aldeia sem grandes alterações. Por esta razão, as casas na nova aldeia da Luz não são mais do que a reprodução de uma única habitação standard que pouco ou nada se altera em toda a aldeia. Este fenómeno, aliado ao rigor do traçado das ruas e das próprias fachadas, faz com que a nova aldeia da Luz pareça um produto artificial e industrializado, ao contrário das aldeias tradicionais que, apesar de apresentarem fachadas semelhantes entre si, nunca parecem a replicação infinita de um só modelo.¹⁰¹

A razão porque esta uniformidade e coesão existem nas antigas aldeias, sem pôr em causa os valores individuais de cada casa, prende-se com a íntima partilha de códigos entre as várias habitações que, apesar de as tornar semelhantes, nunca as torna exactamente iguais. Assim, a tipologia de porta ladeada simetricamente por janelas acaba por se encontrar efectivamente em abundância em várias aldeias tradicionais alentejanas, constituindo aquele que é possivelmente o arquétipo mais reconhecível e que a cultura popular mais rapidamente associa às habitações daquele tipo de povoado. Contudo, uma observação mais atenta revela-nos que esta não será a tipologia mais repetida nestes povoados, sendo mais frequentes as casas com apenas a abertura da porta e resto de fachada cega (a própria idade destas casas, quando comparada com as restantes, parece ser maior.

Não só o modelo escolhido para representar a casa alentejana na nova aldeia da Luz não corresponde ao que

¹⁰¹ A grande preocupação da população residente não está apenas na forma da casa ou nas suas características morfológicas, mas também no facto de “a minha casa ser igual à dos outros”. REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 107



Figura 77 (foto do autor) – A presença de casas com tipologia de porta ao centro e ladeada de janelas regista-se frequentemente nas aldeias alentejanas tradicionais...



Figura 78 (foto do autor) – A maior parte das casas tradicionais, contudo, apresenta uma ou nenhuma janelas.

melhor capta o espírito daquelas moradas, como sofre alterações de escala que subvertem o seu papel. Para melhor compreender estas modificações, teremos que recordar a caracterização de cada fachada.

No caso das aldeias tradicionais alentejanas, as fachadas apresentam-se integralmente brancas, encontrando-se muitas vezes marcando o embasamento ou a emoldurar os vãos uma faixa colorida que contrasta com a cor base, embora este traço não seja obrigatório. O número de aberturas é reduzido e de pequenas dimensões, muitas vezes existindo só a porta de entrada da casa sem qualquer janela a adornar o pano frontal de fachada¹⁰². As medidas dos vãos andam à volta dos 40x40 cm nas janelas e 170x70 cm nas portas. As chaminés marcam ainda uma última e relevante presença nas habitações; grandes e robustas, aparecem frequentemente associadas ao plano de fachada, marcando-o e personalizando-o.

Como nota adicional, podemos referir ainda que o fenómeno de hermetismo que se sente quando dentro da aldeia, e que vimos relacionar-se com a densidade das fachadas que funcionam como barreiras visuais ao exterior, se deve igualmente ao reduzido número de vãos existentes nas fachadas. Como consequência, o carácter de muro das fachadas é reforçado, assim como a leitura do espaço da rua como um canal.

Na nova aldeia da Luz o branco predominante nas fachadas e as faixas coloridas que ocasionalmente lhes emolduram os vãos mantêm-se, à semelhança do que acontece nas aldeias tradicionais. Porém, o número de janelas nunca é inferior a duas por fachada em todas as

¹⁰² Como pode ser lido em detalhe na página 58 desta dissertação.

habitações da aldeia, aparecendo uma de cada lado da porta no modelo base¹⁰³. Os vãos são ainda de maiores dimensões, apresentando todas as janelas 110x77 cm, e as portas 220x88 cm. As chaminés que no primeiro caso apareciam regularmente marcadas na fachada são agora relegadas, quando ainda existem, para as traseiras das habitações, ao contrário do que acontecia no caso da antiga aldeia da Luz.

Outra diferença crucial entre as linhas de fachada de uma aldeia e de outra prende-se com o rigor empregue no desenho de cada caso; apesar das semelhanças com as aldeias tradicionais e das referências com base claramente vernácula encontradas no desenho das fachadas da nova aldeia da Luz, a rigidez matemática presente no traço destas últimas distingue-as claramente da liberdade com que as aldeias tradicionais alentejanas são esboçadas.

Enquanto no exemplo destas últimas o terreno parecia moldar a própria forma dos edifícios e estes venciam a topografia adaptando-se a ele, no caso da nova aldeia da Luz o traçado rigoroso impõe a presença das habitações na terra onde estes se implantam. Não existe neste caso, como no das aldeias tradicionais alentejanas, um sucessivo e gradual subir da linhas dos telhados, o que permite distinguir uma habitação da outra facilmente e assim individualizar cada uma, pois esta nunca se mantinha perfeitamente contínua.

Na nova aldeia da Luz, contudo, essas linhas de telhado são efectivamente contínuas de casa para casa, quebrando-se apenas quando o terreno sobe o bastante para exigir um súbito desnivelar das coberturas. A continuidade perfeitamente horizontal desta linha dificulta a



Figura 79 (foto do autor) – Na nova aldeia da Luz todas as casas têm pelo menos duas janelas a ladear a porta de entrada; as suas dimensões são também maiores em relação às janelas tradicionais.



Figura 80 (foto do autor) – Nas antigas aldeias o número de vãos é muito reduzido, apresentando-se as fachadas muitas vezes apenas com as portas de entrada como abertura.

¹⁰³ Como pode ser lido em detalhe na página 83 desta dissertação.



Figura 81 (foto do autor) – Os materiais empregues no acabamento das casas das aldeias tradicionais apresentam um aspecto rugoso e térreo que lhes é muito característico.

leitura da divisão entre habitações adjacentes que, devido à semelhança entre as várias fachadas que compõem o povoado e ao seu perfeito alinhamento na vertical, já não era facilmente perceptível.

Para a diferença de rigor entre as duas aldeias contribuem também os materiais empregues na construção das casas nos dois exemplos. Enquanto os materiais térreos que edificam as aldeias tradicionais são por natureza toscos e imprimem às fachadas um aspecto térreo e imperfeito que impede as paredes de serem perfeitamente planas, no caso da nova aldeia da Luz os métodos e materiais de construção modernos permitem um acabamento de tal forma perfeito que as fachadas ficam perfeitamente lisas.



Figura 82 (foto do autor) – Na nova aldeia da Luz os materiais de acabamento deixam uma superfície perfeitamente lisa e depurada.

Assim, e uma vez que o desenho das fachadas se mantém praticamente inalterado ao longo de todo o novo povoado, é difícil não só perceber concretamente onde começa uma casa e acaba a outra, como estas nos parecem todas a mesma. Se recordarmos que tanto numa aldeia como noutra o conjunto é uniformizado pela cor branca e pela constante altura dos edifícios, além das fachadas relativamente semelhantes entre si, percebemos que as imperfeições provocadas pelo material nas aldeias tradicionais ajuda em muito à distinção entre habitações e a evitar uma sensação de perfeita igualdade entre estas que poderia provocar perda de identidade do habitante.

Nas aldeias tradicionais a pintura de cal ganha ainda uma importância adicional: necessitando de manutenção, a pintura é reaplicada todos os anos pelos próprios habitantes, estando muitas vezes esse ritual associado às festas sazonais da região. Esta actividade ajuda a estabelecer entre os habitantes e o lar que habitam uma relação de maior intimidade e carinho. Com a aplicação de

materiais modernos na nova aldeia esta manutenção deixa de ser necessária, dispensando os habitantes da nova aldeia da Luz de uma tarefa anual que em muito marcava a época de Setembro antes das festas da nossa senhora da Luz, definindo também aquela população.

São também os diferentes materiais aplicados em cada caso que vão influenciar as duas sensações distintas de uniformidade em cada aldeia. Enquanto nas tradicionais existe uma coesão de conjunto que nunca compromete a individualidade das casas, na nova aldeia da Luz a replicação das fachadas que une todo o povoado imprime-lhe um aspecto de produto industrial sistematizado¹⁰⁴. Isto deve-se ao facto de as várias camadas de cal aplicadas nas habitações vernáculas participar também grandemente na distinção das fachadas, pois deixa algumas imperfeições que não podem ser reproduzidas e que identifica cada casa. Por outro lado, a finalização perfeita que os métodos construtivos modernos permitem atingir na nova aldeia, aliado ao desenho rigoroso e sistemático das ruas e fachadas que a compõem, põem em evidência os códigos e a linguagens que se repetem por toda a aldeia e se verificam em todas as habitações de forma idêntica.¹⁰⁵

A experiência entre percorrer uma ou outra aldeia é por isso totalmente diferente, sendo por vezes quase

¹⁰⁵ “Aos olhos dos habitantes, a geometria das formas e a disposição das construções provocaram um efeito de desordem social. Esta desordem, não é mais do que uma consequência da ausência de uma personalização dos espaços. Isto porque as casas foram mais uma obra dos construtores do que dos seus habitantes, onde os espaços de transição foram esquecidos, mas que nas antigas casas, funcionavam através de um jogo simbólico, segundo regras imperceptíveis aos olhos do senso comum, num constante vaivém entre interior e exterior, entre o indivíduo, o grupo e a comunidade.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 90

antagónica, não fosse a nova aldeia da Luz recorrer a códigos estéticos que, apesar de estereotipados, imediatamente associamos às aldeias tradicionais alentejanas (como o caso da faixa colorida, da composição da fachada base) As vivências nas duas aldeias vão por isso ser também igualmente diferentes.

A relação de intimidade que o habitante gerava com a sua casa nas aldeias tradicionais, baseada na protecção que esta última lhe oferecia e que o levava a um recolhimento no seu interior, não pretendia alhear o sujeito do meio muitas vezes hostil em que se encontrava, servindo-lhe de abrigo que o acarinhava, mas que ao mesmo tempo era como uma plataforma que o lançava para encarar o mundo exterior. Na nova aldeia a interioridade que se sente é de outra natureza; provocada pela incapacidade das casas em fornecer um espaço de socialização exterior que relacione o sujeito com o resto da comunidade (espaço esse permitido nas antigas aldeias pela pedra de soleira), as novas casas falham ainda porque não estabelecem com o próprio habitante uma relação íntima que antes se verificava, por exemplo, na caiação sazonal associada às festas da Nossa Senhora da Luz.



Figura 83 (foto do autor) – Na nova aldeia da Luz não existe qualquer elemento no pavimento que anuncie uma entrada no espaço privado.

Esta alteração nas vivências e no tipo de interioridade que os habitantes experienciavam com a casa é justificada por João Pedro Reino, na sua tese, por uma alteração do carácter sócio-espacial das habitações que não favorecia o encontro dos populares no exterior das habitações¹⁰⁶. Diz-nos o autor que se podiam encontrar na

¹⁰⁶ “De um modelo tipicamente rural, agora terão que viver num espaço com uma tipologia urbana, ou como ouvi de um visitante de Sines, “isto aqui parece um aldeamento turístico, parece Tróia” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 91

antiga aldeia da Luz casas de três tipos: rural, urbano e de emigrante. As casas de tipo rural eram as que compunham maioritariamente o conjunto da antiga aldeia, embora estas se encontrassem em maior concentração na zona composta pelas ruas de Trás, do Meio e Nova; estas casas são as mais antigas e tradicionais, não sendo de ignorar que as ruas referidas são as mais antigas do povoado¹⁰⁷. As casas do tipo urbano são as de construção moderna e mais recente, encontrando-se esporadicamente por todo o povoado; encontravam-se contudo com mais frequência abaixo do Largo 25 de Abril, espalhando-se pelas ruas do Rossio e das Palhotas, embora também nestes casos a casa do tipo rural fosse predominante¹⁰⁸. A terceira tipologia, a casa de emigrante, refere-se às habitações que, não tendo qualquer relação com a realidade local, apareciam pontualmente espalhadas pela aldeia; a presença destas casas na antiga aldeia é para nós irrelevante, pois em nada afectam a transição de um espaço para outro.

¹⁰⁷ Como pode ser lido em detalhe na página 27 desta dissertação e na seguinte citação: “Uma parte da aldeia que corresponde ao NE do Largo 25 de Abril, apresenta casas de um só andar (com excepção de uma), construídas com os conhecimentos acumulados através de uma longa tradição de construção em pedra. (...) Nesta zona, predominam as casas de tipo rural formando uma espécie de “núcleo” que, pelo tipo de material, homogeneidade e concentração do casario, parece ser o mais antigo.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 87

¹⁰⁸ “Na parte sul da aldeia (...) [as casas] foram transformadas em cafés, na sede da Junta e num outro estabelecimento. Embora mantendo um só andar e conservando a dimensão dos quintais traseiros que são, muitas vezes, mais do dobro do espaço construído, utilizam já na sua construção/remodelação materiais de tipo industrial. O Largo 25 de Abril marca a charneira/fronteira entre a zona de predomínio da casa rural e uma maior concentração das de tipo urbano (contudo em qualquer das “zonas”, as primeiras sejam maioritárias).” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, PP. 87-88

Aquilo que João Pedro Reino refere ser a alteração sócio-espacial que a transição de uma aldeia para outra provocou prende-se com a percentagem de cada tipologia presente num caso e noutra: habituados a viver num povoado onde, apesar da presença de algumas casas de tipo urbano, a casa do tipo rural era a mais frequente, os habitantes da antiga aldeia da Luz foram transferidos para um povoado onde as casas são na sua integridade de natureza urbana; esta mudança, segundo Reino, terá sido de tal forma radical que os habitantes, confrontados com uma nova realidade que implicava novo tipo de hábitos, dificilmente se terão conseguido adaptar ao novo estilo de vida a que as novas casas obrigavam¹⁰⁹. No fundo, esta alteração de ambiente rural para urbano de que nos fala João Pedro Reino não é mais que um condensar de todas as alterações sobre as quais temos vindo a reflectir, e que, em conjunto, acabam também por alterar radicalmente a experiência do espaço edificado de um caso para outro, assim como as vivências da população.

Por último, não podíamos deixar de nos referir ao pólo da Igreja e do Cemitério existente nas duas aldeias, o da antiga, em conjunto com a praça de touros; o da nova, com o museu da Luz que o substitui. Apesar de esta alteração nos parecer relevante, a verdade é que não estamos em condições de dissertar objectivamente sobre ela, uma vez que, conforme dissemos logo ao início, não

¹⁰⁹ “Os residentes da Luz foram compelidos numa primeira fase a aceitar a “mudança” e ultimamente foram forçados a adaptarem-se aos novos espaços. Por sua vez, estes novos espaços possuem uma morfologia diferente, em comparação com os velhos espaços, o que implica um uso diferente para o qual os residentes não estão preparados. Em alguns casos, estes novos “cenários fingidos” provocaram aquilo a que um informante privilegiado designou de stress psicológico.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P.89

nos foi possível visitar a antiga aldeia, logo nunca experienciámos na primeira pessoa aquele ponto tão particular e intrínseco à origem do velho povoado. Ainda assim, cremos que nos é possível apontar algumas questões que esta mudança suscita. Apesar de o novo pólo respeitar o mais fielmente possível a disposição relativa dos três elementos que compunham o da antiga aldeia, a substituição da praça de touros pelo museu parece roubar ao local uma espécie de representação da vida anual da população que parecia ser comunicada através da íntima convivência no lugar entre espaço sagrado e profano onde se realizavam as várias actividades solenes relevantes a toda a comunidade¹¹⁰.

A presença do museu, apesar dos outros dois elementos se manterem praticamente inalterados (a igreja trata-se de uma réplica da antiga), modifica significativamente a forma de estar naquele lugar; representando um depósito de memórias que pretende proteger, o museu acaba por conferir ao lugar um carácter nostálgico e de contemplação do passado, servindo agora a posição da igreja e do cemitério como recordações de um passado ainda próximo e já não de uma parte integrante da vida anual da população, mesmo que aqueles ainda cumpram as mesmas funções que no antigo povoado. Esta dimensão do novo pólo é ainda mais explícita quando percebemos a sua relação com o grande lago que, nesta localização, se relaciona proximamente com o lugar; uma vez que a presença da água não se verificava neste ponto da antiga aldeia, o espaço passa a ter um carácter muito mais contemplativo mas voltado para fora, ao contrário do que acontecia no antigo onde se

¹¹⁰ Como por exemplo a festa de N^o Senhora da Luz, realizada no início de Setembro e onde participa toda a aldeia, sendo este o período do ano mais importante para a vida da comunidade.

olhava mais para dentro, para as actividades dos aldeões. A nova aldeia da Luz parece tentar, desta forma, não esquecer a memória do velho povoado, encarando a sua antiga localização através deste pólo que, ao mesmo tempo que contempla as fantasmagóricas águas que banham a planície, recorda também a sua própria origem.

4.2 - Metodologia Alternativa à Construção da Nova Aldeia

Após a comparação levada a cabo no capítulo anterior, podemos facilmente chegar à conclusão que, apesar de o novo povoado revelar óbvias referências ao aglomerado alentejano vernáculo, especialmente no momento de aproximação à aldeia, a maior parte dos elementos que pretendem emular a arquitectura tradicional alentejana na nova aldeia da Luz subvertem os seus modelos originais.

A razão que primeiro se nos afigura para justificar esta contradição formal entre a nova aldeia da Luz e as aldeias tradicionais alentejanas, é a leitura mal conduzida dos códigos essenciais das aldeias tradicionais alentejanas que, por consequência, implica numa interpretação errada dos seus elementos na nova aldeia da Luz.

É principalmente por esta razão que não se reconhecem na nova aldeia da Luz os padrões vivenciais que geriam a vida dos luzenses na antiga aldeia. Se recordarmos novamente o caso de Arkwright, lembrar-nos-emos que a alteração radical da forma arquitectónica da velha para a nova vila, apesar de desejada pela população, ajudou a que se desse um processo de gradual interiorização das vivências urbanas que teve como consequência maior a perda o espírito de entreatajuda associado à vida de rua que mantinha a comunidade saudável e estável¹¹¹. Esta perda aconteceu precisamente porque o modelo da nova vila não contemplava os

¹¹¹ Conforme se pode ver na página 17 desta dissertação.

elementos que proporcionavam as vivências de exterior na antiga Arkwright.

Embora no caso da nova aldeia da Luz o processo adoptado se tenha distanciado do de Arkwright na medida em que, ao contrário deste último, se optou por constituir uma reprodução que se pretendia fiel ao modelo original, o motivo pelo qual os luzenses não estão satisfeitos com a sua vida na nova aldeia tem a mesma origem: a subversão, nas novas moradas, dos códigos arquitectónicos potenciadores do estilo de vida a que os habitantes estavam acostumados nos antigos povoados e que mantinham viva a comunidade. Em resumo, nenhum dos dois casos consegue estabelecer uma continuidade dos padrões vivenciais da antiga para nova morada porque, primeiro, não compreendem correctamente os dispositivos arquitectónicos que permitiam essas relações, e depois, porque não os reproduzem.

Esta ausência dos padrões vivenciais que geriam o espaço dos velhos povoados e que não encontramos nas povoações que os vieram substituir, tanto no caso da Arkwright como da aldeia da Luz, torna-se mais relevante se recordarmos a perspectiva avançada por Christopher Alexander sobre os elementos arquitectónicos nascerem também de relações pré-existentes no lugar¹¹². Deste modo, as características do local onde se insere qualquer edificação humana vão ser cruciais para definir o seu aspecto formal, criando uma relação íntima entre ela e o ambiente que a rodeia. Será ainda a arquitectura que vai reflectir o comportamento que o homem terá em relação ao

¹¹² "For it is not merely true that the relationships are attached to the elements: the fact is that the elements themselves are patters of relationships" ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979, P. 88

ambiente que o rodeia em determinado lugar. Não estamos a falar senão do Genius Loci do lugar.

Este princípio que relaciona os padrões vivenciais de Alexander e o Genius Loci de um determinado lugar pode ser facilmente explicado recorrendo a um exemplo das aldeias tradicionais alentejanas. Vimos já que o clima alentejano, por ser particularmente quente e seco, pode tornar-se bastante hostil para os habitantes da peneplanície. Por essa razão, as edificações alentejanas debruçam-se sobre si mesmas, formando densos e compactos aglomerados que, virando as costas à planície, permitem proteger os seus habitantes do ambiente natural. Por esta razão, as ruas destes povoados vão ser estreitas e as casas vão apresentar poucas janelas, oferecendo obstáculos à entrada directa da luz solar. Através deste exemplo, conseguimos compreender que é o Genius Loci que condiciona e caracteriza os padrões da aldeia, e que estes estão directamente relacionados com o ambiente em que o povoado se insere: o ambiente hostil obriga a que a aldeia tenha *ruas estreitas e janelas pequenas*, duas *pattern languages* que caracterizam a aldeia tradicional alentejana, e faz com que o carácter do lugar seja de protecção e refúgio, sumalizando a essência do Genius Loci daquele lugar particular.

O estudo do Genius Loci torna-se assim crucial para identificar os elementos que definem um determinado lugar e que, caso seja necessário recolocar os seus habitantes, deverão ser mantidos, na sua essência, no novo povoamento que se construir para o efeito. De notar que a manutenção desses elementos na nova morada é importante quer se opte no projecto por reproduzir a planta do lugar abandonado, quer se opte por criar uma planta de raiz, diferente da anterior.

A antiga aldeia da Luz que, conforme vimos anteriormente, se integra no tema das aldeias tradicionais alentejanas, é por isso também um fruto das relações que o homem estabeleceu com aquela planície e que vem sendo preservada de geração em geração através da tradição. Por este motivo, as aldeias tradicionais alentejanas reflectem na sua forma arquitectónica o modo como o homem aprendeu a relacionar-se com a peneplanície. Essa expressão arquitectónica é descrita em detalhe através do estudo do Genius Loci que levámos a cabo anteriormente nesta dissertação, e fornece os elementos que permitem compreender quais os padrões vivenciais daquelas comunidades e o que as define. Seriam esses elementos que, a manter-se na nova aldeia da Luz, teriam permitido uma continuação dos padrões vivenciais do velho povoado, evitando a insatisfação da população com o espaço arquitectónico.

O método de projecto que delinearemos neste capítulo pretende evitar precisamente essa insatisfação arquitectónica das comunidades forçadas a uma mudança de morada com as novas casas que se verificou no caso de Arkwright e da aldeia da Luz. Baseamo-nos para isso no processo de construção de uma clínica psiquiátrica numa zona rural da Califórnia levado a cabo por Christopher Alexander¹¹³. Neste caso de estudo, o arquitecto dispõe das *pattern languages* como ferramenta para comunicar com a equipa médica do futuro hospital e desse modo encontrar com eles uma solução que lhes agrade e sirva correctamente os padrões vivenciais necessários ao bom funcionamento de uma clínica. Pretende-se adaptar esse método a casos de mudança forçada de morada onde é necessário construir novos

¹¹³ ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979

pólos de habitação para albergar as comunidades desalojadas, de modo a que também estes mantenham os padrões vivenciais necessários ao seu saudável funcionamento. Recorreremos ao exemplo da nova aldeia da Luz como forma de demonstrar a aplicação do processo original de Christopher Alexander a este tipo de situações.

4.2.1 - Método de Alexander (Clínica californiana)

Na construção da clínica acima referida, Alexander começa por enunciar, em conjunto com a equipa médica, uma série de padrões que todos consideram ser essenciais ao bom funcionamento de um serviço hospitalar.

O primeiro objectivo destes padrões, diz-nos Alexander, é criar uma linguagem comum a todos os intervenientes no projecto de modo a que este não se torne num compromisso frágil de vários pontos de vista dispersos. Através de uma linguagem comum partilhada por todos, o trabalho final, diz-nos Alexander, resulta num conjunto coeso e com uma identidade bem definida¹¹⁴. No caso desta clínica que nos descreve Alexander, a discussão dos padrões serviu ainda para que, antes de qualquer desenho, se soubesse exactamente o que se queria para o complexo, filtrando as características que não seriam tão necessárias e facilitando mais tarde o processo de concepção, focando-o nos pontos essenciais e impedindo desvios formais que comprometessem aquilo que deveria ser o hospital. A construção destes padrões é

¹¹⁴ "It is often said that no group of people can create a work of art, or anything which is whole, since different people pull in different directions, and make the end product a compromise which has no strength. The use of a shared pattern language solves these problems. As we shall now see, a group of people who use a common pattern language can make a design together just as well as a single person can within his mind."

a pedra basilar de todo o processo que se segue, e é o momento crucial no método de projecto que Christopher Alexander nos propõe.

Com os padrões finalmente definidos, começa o acto de desenhar o edifício; diz-nos Alexander que nesta fase se discutiam em grupo, um a um e por ordem de importância, a localização dos edifícios, seguindo os padrões previamente criados. Todo este processo é orientado pelo arquitecto no próprio local, através de marcações do solo, sem recurso a desenho. Uma vez encontrada a localização geral dos edifícios, inicia-se um processo de detalhe das formas, também sob orientação do arquitecto no local, que pretende definir concretamente qual a orientação final, em planta, do edificado.

Uma vez encontrada esta forma, começa-se o desenho dos interiores; neste caso, Alexander conta como o complexo da clínica foi dividido por vários grupos de pessoas que levaram a cabo a tarefa de detalhar cada um dos edifícios planeados, sempre sob a orientação do arquitecto e respeitando os padrões previamente criados. O resultado final foi uma clínica de desenho complexo intuitivo, onde, segundo Alexander, os médicos envolvidos no processo se sentem confortáveis a exercer as suas funções.

Alexander explica que, através deste método, os falhanços que associamos muitas vezes aos projectos efectuados por várias pessoas simultaneamente são evitados. O autor justifica essa afirmação dizendo que nesses casos cada um parte de um principio diferente e, apesar de existir um diálogo entre todas as partes, este nunca parte das mesmas bases para todos os intervenientes. Através da criação de uma linguagem comum, de uma *pattern language*, este problema é

evitado, fazendo com que o resultado surja de forma “simples e fluida”.¹¹⁵ Como linguagem comum, referimo-nos à enumeração dos vários padrões que guiarão posteriormente todo o desenho do projecto.

Ainda segundo Alexander, o facto de terem que pensar em conjunto faz com que o grupo projecte directamente com o lugar, fazendo com que este se transforme na sua folha de desenho. Isto permite a construção gradual de uma imagem comum que vai crescendo e que, por se processar directamente no local de intervenção, considera o lugar¹¹⁶.

Alexander termina a descrição deste método referindo que, apesar de o processo de construção que se seguiu não ter sido conduzido como devia¹¹⁷, o acto de projectar o complexo clínico directamente no lugar, em conjunto com a equipa médica que viria a operar no edifício, deixou nestes uma marca muito forte¹¹⁸.

¹¹⁵ Once [the people involved] agree about the language, the actual emergence of the form is simple and fluid. When a group of people try to do something together, they usually fail, because their assumptions are almost completely explicit from the start. P. 449

¹¹⁶ Of course they no longer have the medium of a single mind, as an individual person does. But instead, the group uses the site “out there in front of them”, as the medium in which the design takes its shape. People walk around, wave their arms, gradually build up a common picture of the building as it takes its shape – and all, still, without making a drawing. And, it is for this reason, that the site becomes so much more important for a group.” P. 449

¹¹⁷ “For reasons outside our control, it was necessary that this particular building, once laid out, was then “detailed” by ordinary processes. It was taken to the drawing board, by people who had not laid it out, far from the site, and given mechanical “drawn” details, quite inappropriate to its design [...] In short, it was almost destroyed because it was not built in the right way.” P. 451

¹¹⁸ “Dr. Ryan told us, after his clinic was built, that this one week he spent with us, shaping the building, was the most important week he had spent in five years – the week in which he had felt most alive.”

4.2.2- O método de Alexander aplicado aos casos de mudança forçada de morada

No caso dos povoados criados de raiz que visam albergar uma comunidade forçada a uma alteração de morada, as *pattern languages* discutidas no início do processo acima descrito serão as características essenciais que definem o povoado que tem de ser abandonado, ou seja, o seu Genius Loci. O estudo do Genius Loci do lugar de origem torna-se, por essa razão, extremamente importante para a definição da linguagem base que irá gerir todo o projecto. Criada pelos padrões que irão guiar a construção da nova aldeia, a linguagem deve ser sólida e específica, de modo a conseguir repropor para a nova morada os hábitos e padrões vivenciais que geriam a comunidade no povoado original. Por outras palavras, o que se pretende com este método é conseguir que os padrões essenciais que caracterizam um determinado lugar, e que permitem o estilo de vida dos seus habitantes, sejam transferidos para a nova localidade que o vem substituir, de modo a manter a continuidade das vivências da comunidade que nele mora.

Contudo, a mudança de morada implica que o local da nova povoação seja sempre diferente do da original, mesmo que apenas subtilmente, fazendo com que alguns dos padrões que se referiam à relação do velho povoado com a paisagem que o envolvia não se apliquem da mesma forma à nova envolvente. Do mesmo modo, existem muitas vezes características nos povoados de origem que apresentam falhas na sua concepção e que mereceriam alguma atenção para que possam ser corrigidas.

ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979, P. 453

Qualquer discussão sobre os padrões a adoptar no projecto deverá por isso ser abertamente crítica e contemplar alterações em alguns casos pontuais, sendo esses casos obviamente discutidos nesta fase. No fundo, o processo de discussão dos padrões vivenciais não é de todo diferente do processo de filtragem que vemos acontecer na Tradição que passa de geração em geração. Os padrões discutidos deverão por isso repartir-se em três categorias: os que se devem manter, os que não são possíveis de manter e os que podem ser adicionados com vantagem¹¹⁹. Deste modo, é possível conseguir um novo povoado que respeite as características e os padrões essenciais ao antigo, melhorando-o ao mesmo tempo.

Os passos que se seguiriam à discussão dos padrões seriam relativamente idênticos aos que foram traçados no caso da clínica californiana acima descrito, integrando directamente a população em todo o processo de construção no lugar.

4.2.3 - Padrões da aldeia da Luz

Tendo estudado o Genius Loci das aldeias tradicionais alentejanas, e tendo previamente estabelecido que a antiga aldeia da Luz partilhava com estas o tema, estamos em condições de demonstrar para o caso da nova aldeia da Luz quais os padrões que deveriam ter sido usados na sua construção de modo a evitar a insatisfação que hoje se faz sentir no seio da comunidade que nela habita.

Assim, de acordo com o método acima descrito, dividiremos os padrões que deveriam ser tidos em conta na construção da nova aldeia da Luz em três categorias:

¹¹⁹ Nesta última categoria o critério seria sempre o respeito pelas vivências dos habitantes e o incremento da sua qualidade de vida.

os que se devem manter, os que não são possíveis de manter e os que podem ser adicionados.

A) Padrões a manter:

1) *Concentração do povoado* – os edifícios devem aglomerar-se num núcleo denso; deste modo, as fronteiras com a planície são bem definidas, estabelecendo claramente o dentro e o fora da aldeia. É importante que esta característica se mantenha, de modo a demonstrar que a aldeia alentejana serve como um refúgio à hostilidade do clima da peneplanície alentejana. Esta característica vai ser acentuada pelo padrão 2) *Cor Branca*.

2) *Cor Branca* – a cor branca permite reflectir os raios solares e evitar que o interior das casas da aldeia sejam quentes como no resto da peneplanície. Ajuda ainda a que os edifícios se destaquem na paisagem, anunciando a aldeia no meio da peneplanície e conferindo-lhe o carácter de farol e de refúgio que esta deve ter. É um padrão importante porque contribui para manter o carácter protector da aldeia, tal como o padrão 1) *Concentração do Povoado*.

3) *Implantação num declive* – ao instalar-se num ligeiro declive, a chegada à aldeia pauta-se pelo revelar e ocultar das suas formas, submergindo a aldeia na peneplanície.

4) *Implantação num nó de caminho* – a implantação em caminhos pré-existentz faz com que as aldeias se situem em pontos intermédios de grandes

percursos, servindo como ponto de descanso para viajantes que percorram a grande planície.

Os quatro padrões que acabámos de descrever definem a aldeia a uma macro escala, sendo características que só se apercebem a uma certa distância do povoado. Todos estes padrões, sem excepção, verificam-se na nova aldeia da Luz, fazendo com que esta, ao longe, tenha o carácter de uma verdadeira aldeia tradicional alentejana. Os padrões que descreveremos a seguir e que definem as aldeias alentejanas sob uma escala mais reduzida, contudo, não se verificam na totalidade na nova aldeia da Luz.

5) Ruas estreitas – as ruas devem ser estreitas de modo a oferecer uma sensação de hermetismo uma vez dentro da aldeia. São as ruas estreitas que, sendo mais facilmente banhadas por sombra, permitem à comunidade as vivências no exterior. O hermetismo das aldeias vai também ser ajudado pelo padrão 6) *Fachadas Contínuas*.

A grande dimensão das ruas da nova aldeia da Luz é a principal responsável pela perda do carácter de refúgio que as aldeias tradicionais alentejanas apresentam. A sensação de exposição que prevalece nas ruas do novo povoado impede que as estas acolham as actividades sociais existentes nas aldeias tradicionais da região, fazendo com que os habitantes se isolem nas suas casas, quebrando deste modo o equilíbrio da comunidade.

6) Fachadas contínuas – as fachadas devem manter-se unidas umas às outras de modo a formar uma grande barreira que impede ver a planície exterior,

contribuindo assim para o hermetismo que se deve sentir numa aldeia alentejana. É uma característica importante porque, conforme vimos através dos padrões 1) *Concentração do Povoado*, 2) *Cor Branca* e 5) *Ruas Estreitas*, ajuda a definir o carácter protector da aldeia, que deve ser um refúgio à peneplanície.

Devido à uniformidade que este padrão imprime nas fachadas, as casas das aldeias tradicionais são muitas vezes semelhantes entre si; distingue-as, contudo, a chaminé personalizada e as diferentes dimensões de cada habitação, assim como as irregularidades no material que cada uma apresenta. Com a repetição de uma mesma fachada em todas as casas da nova aldeia da Luz, e estando ausentes as chaminés e as irregularidades do material, essa uniformidade transforma-se numa padronização, fazendo repetir o mesmo modelo por toda a aldeia e retirando qualquer personalidade às casas individuais.

Por esse motivo, a replicação da mesma fachada por todo o povoado injecta nos habitantes uma sensação de homologação que não lhes dá espaço para se identificarem como indivíduos¹²⁰. A indistinguibilidade das casas vai dificultar a adaptação dos habitantes à nova aldeia; sem terem pontos de referência a que chamar seus, os luzenses não se conseguirão distinguir entre si através das suas habitações, quer socialmente, quer economicamente.

¹²⁰ Aos olhos dos habitantes, a geometria das formas e a disposição das construções provocaram um efeito de desordem social. Esta desordem, não é mais do que uma consequência da ausência de uma personalização dos espaços.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 90

7) Fachadas sinuosas – as fachadas não devem formar linhas rectas perfeitas; embora se orientem através de um eixo bem definido, as casas devem formar nas junções entre si ligeiros ângulos que fazem com que, apesar de claramente direccionada, a rua seja sinuosa. Deste modo a paisagem nunca devassa o interior da aldeia e respeita-se o hermetismo invocado pelos padrões 5) *Ruas Estreitas* e 6) *Fachadas Contínuas*

Na nova aldeia da Luz os arruamentos são traçados de forma rectilínea. Por este motivo, o alcance da nossa visão é sempre muito superior ao que seria nas aldeias tradicionais, retirando-lhes a característica introversão. A subversão deste padrão impede ainda a nova aldeia da Luz de oferecer um refúgio nas suas ruas como acontece nas aldeias tradicionais. De modo a que esta alteração não se verificasse, seria necessário que entre as casas na nova aldeia da Luz se fosse apresentando flexões pouco acentuadas. Assim, criar-se-ia uma rua ligeiramente curva que, apesar de claramente orientada, apresentava algumas barreiras visuais que não permitiam a vista alcançar muito longe e ocultavam a paisagem de forma mais eficiente, impedindo que esta devassasse também o interior da aldeia. Se assim acontecesse, as ruas na nova aldeia permitiram uma maior vivência social, uma vez que seriam mais protegidas e acolhedoras.

8) Altura Rasteira – é necessária que as fachadas não apresentem uma altura muito acima dos 2,5 m. Desta forma, as casas ganham um carácter rasteiro e permitem ver o céu por cima dos seus telhados, sugerindo subtilmente a peneplanície, lembrando-nos da sua presença sem perder a sensação de hermetismo necessária ao carácter de refúgio da aldeia.

9) **Fachadas cegas** – as fachadas devem apresentar poucos ou nenhuns vãos, de modo a impedir que o sol, de muito forte, penetre o interior das casas e torne o seu interior tão quente como a peneplanície. Devem também ser praticamente cegas de forma a reforçar o padrão 6) *Fachadas Contínuas*.

10) **Janelas pequenas** – as janelas, quando existirem, não devem ter medidas superiores aos 40x40 cm, de modo a controlar as entradas de luz na habitação e a reduzi-las ao mínimo.

As fachadas na nova aldeia da Luz apresentam um elevado número de janelas; estas são também de dimensões bastante elevadas em comparação com as dos povoados tradicionais. De modo a preservar o carácter de refúgio que as casas alentejanas deveriam ter, as casas não deveriam apresentar tão grande número de janelas; a dimensão destas deveria também ser mais reduzida.

11) **Chaminés** – as chaminés, associadas à cozinha, devem ser robustas e marcar a fachada principal, personalizando a casa que adorna e diferenciando-a das outras. Existem alguns modelos que podem ser tomados como base e que podem ser alterados de forma a cumprir estes requisitos¹²¹.

A ausência deste padrão na nova aldeia da Luz implica bastante mais do que a perda de um elemento de identificação e personalização da casa. A perda da chaminé é sintomática da mudança de meio rural para o

¹²¹ Sobre a importância do papel das chaminés no personalizar das casas alentejanas, consultar a nota de rodapé 87, na página 77.

urbano que parece ter sido operada na construção do novo povoado. Além da forte presença que a chaminé imprimia nas fachadas das aldeias tradicionais alentejanas, a grande lareira da cozinha, à qual esta estava associada, tinha um papel de ferramenta de trabalho fundamental que se prendia com a prática do fumeiro, actividade comum e ainda hoje muito praticada alentejanos, além da função socializante.¹²²

A supressão da lareira no interior das casas é por isso sintomática dessa alteração de vivências que se deu com a mudança de aldeia. Deixando de haver um espaço de fogo que geria todo o interior da casa, a cozinha perde relevância na disposição interior dos espaços da habitação; os quartos tornam-se maiores e adicionam-se novas divisões como a sala de jantar. Apesar de este tipo de casa, segundo as fontes de João Pedro Reino, ter sido desejada pelos habitantes da Luz¹²³, a verdade é que a mudança de um estilo de vida rural para um urbano que as casas na nova aldeia da Luz impõem não parece responder às necessidades da população, que as rejeitam ou as acham insuficientes, mesmo que mantenham

¹²² É possível ver-se um testemunho que foca exactamente este detalhe no filme de Catarina Mourão, “A minha aldeia já não mora aqui”; MOURÃO, Catarina – *A minha aldeia já não mora aqui*, Portugal, 2006

“A casa, no mundo rural, não constitui unicamente um abrigo para a família, ela também é um instrumento de trabalho, isto é, a casa é entendida como uma continuação do ambiente de trabalho. É aqui que as casas da Nova Luz se afastam das casas da Velha Luz, ao terem menosprezado o elemento trabalho na sua constituição.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 90

¹²³ “(...) eles idealizaram uma casa, como a dos filhos na margem sul do Tejo, que não tem chaminé e é urbana.” REINO, REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 91

algumas das relações que existiam nas casas da antiga aldeia¹²⁴.

12) Reboco – as casas devem ser rebocadas de forma tosca e irregular e caiadas com cal branca. Deste modo, a sinuosidade das ruas provocadas pela implantação dos lotes referida no padrão 7) *Fachadas Sinuosas* repercute-se também nas próprias fachadas individualmente, tornando-as irregulares e contribuindo para o aspecto tosco geral da rua. A aplicação irregular do reboco permite ainda, a par com o padrão 11) *Chaminés*, identificar facilmente cada casa particular no conjunto sem nunca deixar de conferir uma uniformidade ao conjunto da aldeia que a torna coesa.

Os rebocos aplicados na nova aldeia da Luz apresentam um acabamento perfeitamente liso, “passado com régua”, o que retira às fachadas grande parte da sua personalidade, contribuindo para a padronização das habitações na nova aldeia. Seria necessário aplicar um acabamento mais irregular aos rebocos da nova aldeia da Luz, como por exemplo, alisado com colher. Um outro aspecto relacionado com o reboco usado na nova aldeia da Luz prende-se com o descartar do ritual de cair a casa sazonalmente, como acontecia nas aldeias tradicionais, muitas vezes associado às festas do povoado¹²⁵. Tratando-se esta actividade de uma tradição absorvida pela

¹²⁴ “Contudo, houve um aspecto que se manteve inalterável e que constitui um princípio conceptual arquitectónico. As portas da casa (porta da rua e para o quintal/tapada/arramada) encontram-se nos antípodas, mantendo-se a visão rua-quintal.” REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002, P. 109

¹²⁵ “A casa do Sul é sempre rebocada e caiada (...). Esta caição (...) é geralmente feita pelas mulheres, constituindo uma das suas fainas domésticas regulares normais;” OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992, Pp. 151-152

população e que está fortemente relacionada com a vida e dinâmica locais, sendo uma actividade que antecipa as festas de Nossa Senhora da Luz, acreditamos que a sua manutenção na nova aldeia da Luz ajudaria a manter uma melhor continuidade no processo de mudança, facilitando a apropriação do novo povoado por parte dos habitantes.

13) Soleira – as casas alentejanas costumam ter uma pedra de soleira que antecede a entrada na habitação, dignificando-a. A pedra de soleira proporciona ainda um espaço onde os habitantes se podem instalar de modo a conviverem no exterior das suas casas. Por esse motivo, a pedra de soleira acaba por simbolizar a vida comunitária de rua que se pratica nas aldeias tradicionais alentejanas, tratando-se de um padrão essencial ao equilíbrio nas aldeias alentejanas que deveria ser mantido.

A inexistência destas pedras de soleira na nova aldeia da Luz representa mais um obstáculo a essa vida de rua, que a escala e o traçado das ruas já impediam. A inclusão de passeios na nova aldeia da Luz também não consegue substituir este papel, uma vez que o seu pavimento não se diferencia do da estrada e não tem profundidade suficiente para permitir o estar. Por este motivo, não existem nas ruas da nova aldeia espaços exteriores onde os luzenses possam conviver diariamente, sendo estes obrigados a encontrarem-se no largo central, onde existem alguns bancos.

B) Padrões a alterar:

- **Paisagem Clássica** – embora seja a peneplanície a paisagem onde se enquadram as aldeias alentejanas tradicionais, e apesar de aquela ser uma paisagem do tipo

cósmico, a introdução do elemento água próximo da localização da nova aldeia da Luz transforma-a numa paisagem de cariz mais clássico. O clima tenderá a tornar-se mais ameno e a vegetação surgirá também com mais frequência naquela zona, apesar de se manter uma paisagem alentejana. Uma vez que o lugar desempenha na concepção do projecto um papel importante, a forma da nova aldeia da Luz deveria adaptar-se e tirar partido destes elementos, fazendo com que a aldeia se integrasse mais intimamente com a nova paisagem e dela pudesse retirar frutos.

- **Equipamentos actualizados** – os equipamentos públicos existentes na antiga aldeia da Luz devem sofrer processos de actualização que lhes permitam acolher facilmente novas funções que entretanto tenham surgido e para as quais os velhos edifícios não estavam preparados. Dentro deste padrão podem incluir-se tipologias como escolas, centros de dia ou sociedades recreativas.

Estas actualizações dos equipamentos aconteceram de facto na nova aldeia da Luz, tendo afectado a escola, sociedade recreativa ou centro de dia que se apresentam hoje modernizados e melhor preparados para as funções quotidianas. Quanto à adaptação da aldeia a uma paisagem clássica, esta não se verifica, não existindo nas imediações da aldeia qualquer equipamento que tire partido do lago.

C) Padrões a adicionar:

- **Museu** – Apesar de não existir na antiga aldeia um núcleo museológico, este torna-se necessário de modo a preservar a memória do povoado que teve de ser abandonado. Este deve servir de depósito às memórias da comunidade, expondo a origem e a história da aldeia da Luz e o seu percurso ao longo do tempo. Desta maneira assegurar-se-ia que a memória da antiga aldeia nunca seria esquecida, uma exigência comum em comunidades que são forçadas a mudar de morada e que é crucial para o seu bem-estar, ajudando-a dessa forma a projectar-se no futuro.

- **Equipamentos que tirem partido do lago** – visto que o motivo de alteração de morada na aldeia da Luz se prende com a criação do grande lago do Alqueva, faz sentido integrar no tecido da nova aldeia alguns padrões que tirem partido desse elemento. Assim, dever-se-iam contemplar na concepção da nova aldeia padrões que dêem uso ao lago sob uma vertente turística ou mesmo industrial, ajudando deste modo à adaptação da aldeia ao lugar em que agora se implantou.

Embora não existam quaisquer equipamentos que tirem partido do lago, conforme se disse acima, existe, de facto, um museu cuja construção estava prevista desde o início do processo de mobilização da aldeia. O museu era, na verdade, uma exigência que os moradores da aldeia fizeram assim que as negociações para a mudança de aldeia. Este foi integrado, como já tivemos oportunidade de assinalar, no núcleo mais nostálgico da aldeia, juntamente com a igreja de Nossa Senhora da Luz e o cemitério. É

este núcleo, muito por causa do museu, que estabelece a única ligação do novo povoado ao lago, criando uma situação de miradouro que permite contemplar as águas ao longe e relacioná-las com o espaço da aldeia. Também se sente no Museu da Luz, e no espaço que este desenha com a igreja e com o cemitério, uma compreensão da Tradição das aldeias alentejanas, o que faz com que este seja o lugar mais agradável de toda a aldeia.

4.2.4 – Conclusão do capítulo

Após a enumeração destes padrões, estaríamos prontos para criar, em conjunto com a população da aldeia da Luz, uma linguagem comum que nos guiaria no processo de desenvolvimento do projecto. Na etapa que se seguiria à criação desta base linguística comum, os habitantes seriam guiados ao lugar onde a nova aldeia iria nascer e, orientados constantemente pelo arquitecto, ajudariam a marcar no solo as posições das suas novas casas, de acordo com o método proposto por Christopher Alexander. Deste modo, não só se manteriam as relações essenciais e as vivências da antiga aldeia da Luz na nova morada, como esta teria um significado especial para a população que directamente interveio na sua construção.

5. CONCLUSÃO

Conclusão

É possível compreender, através da comparação entre os dois povoados aqui levada a cabo, que a sensação de estranheza em relação à nova aldeia da Luz está intrinsecamente ligada à qualidade arquitectónica do lugar.

Apesar de se entrar na nova aldeia da Luz encarando-a como uma aldeia alentejana tradicional, pois esta não deixa de se estruturar e apresentar como tal, rapidamente percebemos que algo de diferente existe no conjunto; as proporções que se verificam nos outros povoados alentejanos são nela subvertidas, os códigos que os caracterizam, reduzidos a meras cópias estereotipadas dos seus modelos originais. Com base na nossa análise e experiência das aldeias tradicionais alentejanas, podemos afirmar que a nova aldeia da Luz falha na interpretação que faz dos povoados que tenta emular, nunca conseguindo estabelecer entre os seus habitantes e a planície envolvente uma relação equilibrada, expondo quando deveria proteger.

Creemos também que parte dessa incompreensão daquilo que é essencial a um povoado alentejano e que não se verifica na nova aldeia se deve a um incorrecto método de projecto que, entre outros aspectos, não envolveu suficientemente, ou da forma mais correcta, a comunidade da velha Luz na concepção daquele espaço, remetendo-a ao papel de consultora em vez de a integrar directamente como parte activa no processo de construção do novo povoado (como reitera Christopher Alexander¹²⁶).

A nossa conclusão é por isso concordante com o que defende Christopher Alexander: apenas os habitantes da Luz, com base nas suas vivências na antiga aldeia e cujos padrões já vinham orientando as suas gerações anteriores, poderiam indicar fielmente as formas e

¹²⁶ ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979

relações espaciais que correctamente permitissem a continuação das actividades vitais à sua identidade; apenas favorecendo essa continuidade na vida dos habitantes do velho para o novo povoado seria possível à aldeia da Luz tornar-se uma digna herdeira da memória da sua origem e adoptar o papel de protectora praticado pelas outras aldeias alentejanas.

Número de Palavras: 41 502

Bibliografia

ABREU, Pedro Marques – *Palácios da Memória II a revelação da arquitectura*, Lisboa: FAUTL, 2007

AFONSO, João, et al. – *Arquitectura popular em Portugal*, Lisboa: 2004

ALEXANDER, Christopher – *The Timeless Way of Building*, New York: Oxford University Press, 1979

CARDOSO, Maria Isabel da Silva Chaves Pinho
Alçada - Aldeia da Luz: memória de uma identidade, Lisboa: FAUTL, 1996
A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes

CHOAY, Françoise – *L'utopie e le statut anthropologique de l'espace édifié*, in *Pour une Anthropologie de L'espace*. (pp. 345-373) Paris: Éditions di Seuil

CORREIA, João Alberto – *Montes e povoados no sudeste alentejano - Monsaraz*, Lisboa: FAUTL, 1996

DAVEAU, Suzanne – *Portugal Geográfico*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 2000

LUZ, Carlos da – *Requiem pela aldeia da Luz: Subsídios para a denúncia de um etnocídio planeado*, Aljezur: Suledita, 2000

MOUTINHO, Mário - *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Estampa, 1979

NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli: New York, 1980

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando - *A arquitectura popular portuguesa*, Lisboa: D. Quixote, 1992

PEREIRA, Benjamim et al. - *Museu da Luz, Aldeia da Luz*, Mourão: EDIA, 2003

REINO, João Pedro N. V. Afonso – *Casa, terra, e comunidade na aldeia da Luz*, Lisboa, 2002

RIBEIRO, Orlando – *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa: João Sá da Costa, 1993

RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : a posição geográfica e o território*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999

RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o povo português*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999

RIBEIRO, Orlando, outros - *Geografia de Portugal : o ritmo climático e a paisagem*, Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999

SARAIVA, Clara – *Um museu debaixo de água: o caso da Luz*, etnográfica, 2007

SILVA, António Carlos et al. - *Olhar o Monte Alentejano: a pretexto de Alqueva*, Beja: EDIA, 2007

SPELLER, Gerda M. – *Capítulo 5 – A importância da vinculação ao Lugar*, in Contextos Humanos e Psicologia Ambiental, Lisboa: Fundação Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2005

SPELLER, Gerda; EVANTHIA, Lyons; TWIGGER-ROSS, Clare – *A Community in Transition: the relationship between spatial change and identity processes*, Surrey: University of Surrey, Department of Psychology, School of Human Sciences, 2000

Filmografia:

MOURÃO, Catarina – *A minha aldeia já não mora aqui*,
Portugal, 2006

ANEXOS

